

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS E PESQUISAS EM DIREITOS HUMANOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM DIREITOS HUMANOS

**(DES) CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS DO QUE É "SER MULHER":
UM OLHAR SOBRE AS GOIANAS E SOBRE OS MOMENTOS INICIAIS DA
PRESENÇA DELAS NO ESPORTE**

POLLYANA NASCIMENTO DE PAULA

GOIÂNIA
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS E PESQUISAS EM DIREITOS HUMANOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM DIREITOS HUMANOS

**(DES) CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS DO QUE É "SER MULHER":
UM OLHAR SOBRE AS GOIANAS E SOBRE OS MOMENTOS INICIAIS DA
PRESENÇA DELAS NO ESPORTE**

POLLYANA NASCIMENTO DE PAULA

Dissertação apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação *Stricto Senso* em Direitos Humanos da Universidade Federal de Goiás, na linha de pesquisa Práticas e Representações Sociais em Defesa e Promoção dos Direitos Humanos, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título Mestre em Direitos Humanos, sob a orientação do Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias.

GOIÂNIA
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)

GPT/BC/UFG

De Paula, Pollyana Nascimento.

D419d (Des) Construções históricas do é “ser mulher”: um olhar sobre as goianas e sobre os momentos iniciais da presença delas no esporte / Pollyana Nascimento de Paula. - 2014.

110 f.

Orientador: Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Programa Interdisciplina de Pós-Graduação em Direitos Humanos, 2014.

Bibliografia.

1. Esporte feminino - História – Goiás 1. Esporte – Mulheres – História – Goiás 3. Mulheres – Esporte – Goiás

I. Título.

CDU: 796-055.2(817.3)

AGRADECIMENTOS

Acredito que começar agradecendo à vida é o mais importante passo. Sou grata à vida pelos caminhos que andei, pelas pessoas que conheci, pela família que tenho. Tenho gratidão à vida e às energias positivas que, em muitas vezes, ela me traz.

Ser grata à vida sem ser grata a Deus é impossível. O meu Deus, para além dos ditames religiosos, que sinto através do vento fresco no rosto ou quando ouço o canto dos passarinhos. Meu Deus, que sinto no calor forte do abraço daqueles que estão comigo e no sorriso solto de uma pessoa entre a multidão, que passa pelo meu caminho. Ao meu Deus, que se expressa na alegria da minha cachorrinha Rosinha, toda vez que voltamos pra casa. Tenho gratidão a Deus.

Agradeço um pedaço de Deus na minha vida: os meus pais! Minha mãe, que trabalha, sorri, chora, canta, fala e ouve. Ana Maria e todos seus modos de ser me encanta! Até mesmo quando dorme no sofá, depois de um dia cansativo. Meu pai, curioso e dedicado naquilo que faz, me ajuda a seguir em frente, mesmo no meio das brigas e risadas. Amo muito vocês. Obrigada por tudo!

À minha irmã Ana Carolina, minha tia Lázara, meu tio Arildo, meu tio Gerson, minhas primas Anna Clara e Maria Eduarda, meus primos Anderson e Willian. À minha avó Maria e meu avô Geraldo, que infelizmente não estão mais aqui... sinto muita saudade! Amo muito todos vocês. Obrigada por tudo!

Ao Pablo, meu companheiro, amigo, namorado, amante, cúmplice... meu!! Amo muito você. Obrigada por tudo!

Agradeço aos querid@s amig@s José Ricardo, Daniela Maroja, Laísa Braz, Camila de Oliveira, Ananda Azevêdo, Fernanda Cruvinel, Renato Gonçalves, Dennia Pasquali e Tiago Onofre, que direta ou indiretamente estiveram comigo nesse processo. Estar com vocês foi (é) muito importante. Obrigada por tudo!

Sou grata ao meu orientador Cleber, pela confiança e pelas risadas. Com ele tive a oportunidade de aprender sempre mais. Agradeço à querida Aline Nicolino, por todo apoio (acadêmico e sentimental) e carinho. Por toda vez que me estendeu a mão, por todas as correções, conversas, dicas e risadas. Enfim... pela proximidade!! Vocês são pessoas especiais para mim. Obrigada por tudo!

Agradeço aos integrantes do Laboratório *Physis* de Pesquisa em Educação Física, Sociedade e Natureza (LABPHISIS); aos integrantes do Grupo de Estudos em Direitos Humanos e aos colegas participantes da pesquisa sobre a “História do Esporte em Goiás”, em especial a Thamara Jacob.

Agradeço toda a equipe do Núcleo de Direitos Humanos (NDH) em especial Marisa Damas, sempre muito atenciosa, carinhosa e responsável em tudo que faz. Uma excelente profissional e querida amiga. Agradeço também a Ana Maria, que resolve todos “problemas” burocráticos que nós alunos, em muitas vezes, sequer imaginamos. Obrigada por tudo!

Agradeço os professores do programa de mestrado em Direitos Humanos, em especial o professor Ricardo Barbosa e professora Luciana Oliveira e os colegas Leonardo Rezzio, Patrícia Fernandes, Ruth Cabral e Christiane de Holanda. Foram momentos de (des) construções, alegrias e chateações que valeram a pena. Obrigada por tudo!

Agradeço todas as pessoas dos arquivos históricos daqui de Goiânia e da Cidade de Goiás. Obrigada pelo auxílio. Vocês são demais!

Por fim, agradeço com ênfase a todas as mulheres goianas. Em especial as que estão nos jornais, minhas fontes de pesquisa. Obrigada pela companhia solitária, agradável e amigável. Aprendi muito com elas, que são as verdadeiras protagonistas e as principais responsáveis por toda essa dissertação. Sem elas, nada disso seria possível. Se ainda estivessem por aqui, gostaria de dar-lhes um grande abraço. São admiráveis!! *Fifi D’orsay*, sou sua fã!! Obrigada por tudo!

Sou grata!

À minha mãe.

À minha vó Maria.

À todas as goianas, presentes nessa dissertação.

[...] que a verdade, como relâmpago, não nos espera onde temos a paciência de emboscá-la e a habilidade de surpreendê-la, mas que tem instantes propícios, lugares privilegiados, não só para sair da sombra como para realmente se produzir.

Michael Foucault.

RESUMO

As primeiras décadas do século XX passaram por grandes mudanças sociais, econômicas e culturais. Em nome da modernidade, novas práticas e locais de sociabilidade possibilitaram, também, questionamentos do que até então era tido como “verdade” única. Para as goianas memoradas na imprensa, ser mãe e esposa era algo inquestionável como a única forma de “ser mulher”. No entanto, a crescente urbanização, o teatro, o cinema, o feminismo, a política, a moda, as práticas corporais e o esporte abriram novos lugares de lutas cotidianas, relações de poder e resistências a tais “verdades”. Este estudo historiográfico tem como principal objetivo historicizar a presença, inserção e participação das mulheres goianas nos lugares de sociabilidade e, principalmente, a presença delas momentos iniciais do esporte, no estado de Goiás, observando e analisando como as “verdades” socialmente construídas, por meio de relações e poder e resistência, perpassaram pelo cotidiano, bem como se refletiram e/ou influenciaram na presença e na participação das mulheres nesses novos lugares. Esta análise situa-se, interdisciplinarmente, nas áreas da Educação Física, Direitos Humanos e História. Tem-se como fonte de pesquisa a imprensa periódica escrita, publicada durante as primeiras décadas do século XX, especificamente até o ano de 1936, quando acontece a mudança da capital do estado de Goiás para Goiânia. É importante ressaltar que as mulheres memoradas na imprensa goiana representam apenas parte de um grupo bem mais amplo de mulheres goianas e que as análises centram nas mulheres retratadas na imprensa, em que é possível perceber nas entrelinhas dos noticiários, onde é possível perceber suas lutas cotidianas, relações de poder e resistências para se inserir em lugares além do ambiente doméstico. Nas entrelinhas, elas questionam a única forma de “ser mulher”, até então considerada. As análises permitiram estabelecer quatro eixos de resultados: 1) Ser mãe era aparentemente considerado como a verdadeira e única forma de “ser mulher”; 2) A única forma de “ser mulher” era de algum modo, forjada por diferentes saberes; 3) As entrelinhas da imprensa goiana mostram que a modernidade trouxe, também, novas possibilidades, quebras de paradigmas e questionamentos sobre tal “verdade”; 4) O esporte goiano possibilitou novos lugares de sociabilidade, bem como o cinema, a moda e o feminismo.

Palavras-chave: Direitos Humanos; Esporte; Esporte feminino; estado de Goiás; Mulheres; História e memória; Relações de poder.

ABSTRACT

The first decades of the twentieth century have big social, economic and cultural changes. In the name of modernity, new practices and places of sociability also allowed questions of what was considered only "truth." For goianas portrayed in the press, being a mother was unquestioned as the only way of "being a woman". However, increasing urbanization, theater, cinema, feminism, politics, fashion, bodily practices and the sport have opened up new places daily struggles, power relations and resistance to such "truths". This historiographical study aims to historicize the presence, participation and inclusion of women in Goiás places of sociability and especially their presence early moments of the sport in the state of Goiás, observing and analyzing how the "truths" socially constructed through relations of power and resistance, permeate the everyday as well as reflected and / or influenced the presence and participation of women in these new places. Located, across disciplines, in the areas of Physical Education, Human Rights and History. Has as a research writing periodic press, published during the first decades of the twentieth century, specifically by the year 1936, when the change happens from the state capital of Goiás to Goiânia. Is important to highlight, women in Goiás portrayed in the press release represent only part of a much broader group goianas women. Our analysis focuses, in particular, the women portrayed in the press, in particular between the lines of news, where you can see their daily struggles, power relations and resistance to insert in places beyond the home environment. Between the lines, they question the only way to "be a woman", hitherto considered. The analysis allows to establish four axes of results: 1) Being a mother was apparently regarded as the true and only way to "be a woman"; 2) The only way to "be a woman" was somehow forged by different knowledge; 3) The lines of Goiás press show that modernity also brought new opportunities, breaks paradigms and questions about such "truth"; 4) The Goiás sport possible new places of sociability, as well as film, fashion and feminism.

Key-words: Human rights; Sport; Women's sports; State of Goiás; women's; History and memory; Relations of power.

LISTA DE IMAGENS

Editoras do Jornal O Lar – Arquivos Frei Simão Dorvi	50
Largo do Chafariz - Acervos União Goiana – Museu das Bandeiras	67
Bloco Carnavalesco União Goiana – Arquivo Fundação Frei Simão Dorvi	72
Madrinha/Rainha da União Goiana – Arquivo Fundação Frei Simão Dorvi	73
FILHO, João Batista Alves. Arquivos do Futebol Goiano	83
Balanço da diretoria – A.G.E.A. – Correio Oficial , 19-12-1930	86
Z. Vida esportiva – A.A.U.G. Correio Oficial . 21-08-1935, n.3064, p.4	89

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
INTRODUÇÃO	03
Metodologia	08
CAPÍTULO 1 – DIREITOS HUMANOS, MULHERES E RELAÇÕES DE PODER	16
1.1 Direitos Humanos e Memória: as lutas cotidianas e a história “vista por baixo”	16
1.2 Relações de poder, mulheres e práticas corporais e esportivas	25
CAPÍTULO 2 – CONTEXTUALIZANDO O OBJETO E A FONTE DE PESQUISA	42
2.1 As goianas nas entrelinhas da imprensa – primeiras décadas do século XX	44
CAPÍTULO 3 – MOMENTOS INICIAIS DO ESPORTE FEMININO EM GOIÁS	65
3.1 A presença e a participação das goianas nas práticas corporais e esportivas	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	98

APRESENTAÇÃO

A motivação para pesquisar as mulheres no esporte partiu das inquietações surgidas durante minha formação universitária em Educação Física. Ao contrário do que muitas pessoas pensam, indivíduos graduados em Educação Física não são, via de regra, atletas. Apesar do fato de muitos estudantes ingressarem no curso com esse propósito ou com o propósito de atuarem no mercado de trabalho voltado para o *fitness*.

Ainda que a Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás (FEF/UFG) proporcione a construção do conhecimento crítico acerca da cultura corporal, durante as aulas práticas as alunas eram divididas “naturalmente” entre as que melhor se destacavam e aquelas que não tinham certas habilidades. Essa divisão se intensificava em algumas modalidades esportivas e, quando as aulas práticas eram mistas, acabavam-se todas as possibilidades de participação das alunas com menos habilidades, ainda que isso acontecesse de forma velada ou “espontânea” por parte dessas alunas. Foi assim durante toda a minha formação acadêmica. Isso ocorria também nos outros níveis de ensino, porém, nesses casos, as alunas sequer pensavam em questionar, pois não participar das aulas que exigiam grande esforço físico era “natural” e até as professoras acreditavam nisso.

Diante dessas vivências ao longo de todo o processo educacional, aos poucos comecei a questionar quais são os lugares das mulheres nas diferentes modalidades esportivas, já que até mesmo dentro de um ambiente de formação acadêmica de professores isso acontece frequentemente, e sem muita intervenção da professora ou do professor que está à frente dessas disciplinas. Tais inquietações se intensificaram no momento em que tive a oportunidade de fazer parte de um grupo de pesquisas e estudos referente à “História do Esporte em Goiás”, coordenado pelo professor doutor Cleber Dias.

O grupo, vinculado à Faculdade de Educação Física da UFG, contou com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do Ministério de Ciência e Tecnologia; e do Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer (Rede Cedes), do Ministério do Esporte. Trabalhamos na coleta dos dados, que, posteriormente serviram como as principais fontes para os artigos escritos e publicados pelo professor Cleber, os quais são inovadores no

estado de Goiás, pois poucas são as pesquisas referentes aos primórdios do esporte nessa região.

A partir da análise dos dados coletados pudemos perceber que as mulheres estavam presentes nas práticas corporais e esportivas. Porém não nos era possível responder, dentro do recorte temporal proposto pela pesquisa sobre a “História do Esporte em Goiás”, como aconteceu à inserção e como foi de fato a participação dessas mulheres nessas práticas.

Paralelo aos estudos da “História do Esporte em Goiás” ingressei também no Laboratório *Physis* de Pesquisa em Educação Física, Sociedade e Natureza (LABPHYSIS), também da FEF/UFG, coordenado pela professora Aline Nicolino. Nessa ocasião, tive oportunidade de me aproximar dos estudos de gênero e sexualidade, ainda com certa dificuldade em relação a essas temáticas, pois durante toda a minha graduação não tinha sido possível me aproximar dessas discussões.

A participação nesses dois ambientes de estudo e pesquisa e as aprendizagens que foram oportunizadas, associadas as disciplinas do mestrado e a minha vivência pessoal, como mulher e como goiana, me auxiliaram na construção do projeto dessa dissertação. A pretensão inicial era pesquisar como aconteceu a presença, inserção e participação das mulheres goianas nos primórdios do esporte goiano. No desenvolver das pesquisas, a constatação de que havia pouca referência nessa área de estudos em Goiás por um lado dificultou o trabalho, mas, por outro lado, propiciou iniciar pesquisas inovadoras a respeito dos momentos iniciais da participação das mulheres no esporte goiano, oferecendo subsídios sobre quais foram os lugares das mulheres nas práticas corporais e esportivas, bem como em outros lugares de sociabilidade, ao longo da história. As descobertas foram interessantes e auxiliaram a compor o recorte que se apresenta nessa dissertação.

Convido leitoras e leitores a refletirem sobre as “verdades” construídas em relação ao corpo das mulheres goianas, durante as primeiras décadas do século XX, que, de algum modo, tentaram “fixá-las” a lugares, gestos, ações e comportamentos como se essas “verdades” fossem universais e naturais. No entanto, estas são construções históricas de diferentes saberes que, de todo modo, tentam regular e controlar as diversas possibilidades e liberdades humanas. Mas, é importante ressaltar, essas construções não foram sempre recebidas passivamente, já que é possível perceber diferentes formas de resistências e quebras de paradigmas.

Vejamos...

INTRODUÇÃO

[...] Pois, sabes no que eu pensava? Pensava na mulher de todos os tempos para chegar à conclusão de quanto o tempo tem mudado a mulher. Se Adão soubesse que da sua honrada costela iria sair uma feminista de cartola e bengala, com um cigarro na boca, não teria deixado o Padre Eterno arrancá-la sem mais nem menos.¹

As concepções sobre o que é “ser” mulher foram construídas e reforçadas ao longo do tempo e grande parcela de contribuições nesse sentido pode ser atribuída ao discurso religioso que, em grande maioria, diferencia hierarquicamente mulheres e homens. Essas diferenças são, em primeira instância, reforçadas pelas dimensões biológicas sexuais, e, a partir delas, hierarquias, valores, relações de poder, mitos, crenças e “verdades” são forjadas.

Nessa dissertação, as indagações partem também contra os efeitos de poder que perpassam pelas diferentes instituições e que reforçam tais hierarquias e construções de “verdades” que estão diretamente ligadas a construções de “papéis” sociais. Desse modo, ressalta-se que “a luta não é só contra a hierarquização do saber científico, a racionalidade e seus efeitos de poder e sujeição, mas também contra os padrões morais impostos pela Igreja e o Estado à população”², durante as primeiras décadas do século XX.

Devido aos vários saberes, construídos e constituídos ao longo da história humana, em especial o religioso, durante muito tempo as mulheres foram consideradas criação da “costela de Adão”, assim como diz a citação acima, sendo então a parte mais frágil, dócil do homem, necessitando de constante cuidado. Diante disso, a presença das mulheres foi marginalizada em diferentes lugares, principalmente públicos e de sociabilidade. A própria história desses lugares foi, por muito tempo, marcada unicamente pela presença dos homens.

As mulheres, por muito tempo, foram deixadas às sombras da história; por um longo período, a vontade de saber mais sobre as mulheres sequer existiu³. Em grande parte dos documentos e fontes primárias encontradas nos arquivos,

¹ SILVA, C.N. A mulher. **Jornal O Lar**, n.72, p.3, 31/Jul./1929.

² RABELO, Danilo. **Os excessos do corpo: A normatização dos comportamentos na cidade de Goiás, 1922-1899**. Dissertação de Mestrado em História das Sociedades Agrárias da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal de Goiás, 1997.

³ PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres no Ocidente: relato de uma experiência. **Cadernos pagu** (4) 1995: pp.9-28.

principalmente aqueles anteriores ao século XX, o que se encontra são vozes masculinas, deixando apenas o silêncio para as mulheres. Esses documentos retratavam prioritariamente a história política e econômica, e esses eram lugares dos homens. Como destaca Michelle Perrot, os motivos do silêncio das mulheres são múltiplos e complexos⁴, pois são reflexos de diferentes questões sociais, culturais e econômicas.

Os primeiros anos do século XX vivenciam conflitos e quebras de paradigmas e de “verdades” construídas sobre o que é “ser mulher” e quais eram seus lugares. Contudo, focando na imprensa goiana desse período histórico, percebe-se que esta, à primeira vista, reforçava o “papel” principal das mulheres ali retratadas: ser mãe. Porém é possível perceber também que as mulheres goianas⁵ começam a se comportar de maneira diferente, bem como a frequentar novos lugares de sociabilidade, fora do ambiente doméstico, como, por exemplo: a política, o cinema, o esporte, a ginástica e os jogos e brincadeiras; sendo estes últimos prioritariamente ligados ao ambiente escolar.

Havia pouco material disponível sobre os momentos iniciais dessas práticas no estado de Goiás. O que se via eram informações generalizadas e que reforçam o desenvolvimento dos esportes goianos a partir de ícones esportivos. Porém, atualmente, mais especificamente nos últimos três anos, a história dos momentos iniciais do esporte goiano foi estruturada por uma importante pesquisa desenvolvida por Dias⁶ que reconstrói narrativas desses fatos históricos e contribui para um novo olhar sobre o estado de Goiás, no que se refere a esta temática.

Sobre isso, é importante destacar que as relações de poder e hierarquização também estão presentes nos estudos sobre a história do esporte e das práticas corporais e no conhecimento científico produzido em relação ao esporte e suas

⁴ PERROT, Michelle. (1995), op.cit.

⁵ O termo “mulheres goianas” não pode ser entendido com um bloco homogêneo. Aqui, “mulheres” são as que estão expressas nas fontes primárias. Sabe-se que tal termo não representa de fato a pluralidade das mulheres goianas. Essa consideração também é relevante quando aqui se expressa “homens goianos”.

⁶ DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. História do esporte no sertão brasileiro: memória, poder e esquecimento. **Materiales para la Historia del Deporte**, v. X, p. 24-36, 2012.

_____. Momentos iniciais da Educação física em Goiás – 1917 a 1929. **Mimeo**, 2013.

_____. Primórdios do futebol em Goiás, 1907-1936. **Rev.Hist.Reg.** 18(01):31, 61, 2013. Disponível em: <
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/4000/3510>> Acesso: Jun.2013.

manifestações. Portanto, a centralização dos saberes históricos contribui para a marginalização do estado de Goiás na história do esporte, visto que grande parte do referencial teórico e bibliográfico está centralizada, principalmente, nas cidades consideradas grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo. Tal situação cria uma lacuna historiográfica em relação às práticas esportivas das outras regiões brasileiras e deve ser fortemente repensada, pois o Brasil, com sua grandeza continental, não pode ser representado por apenas algumas regiões.

Nessa dissertação tem-se, também, a intenção de superação da marginalização do estado de Goiás, contribuindo para uma nova leitura de sua história, ao desconstruir o que foi tradicionalmente escrito a partir de relatos dos viajantes estrangeiros como Johnn Pohl⁷: “[...] o sertão brasileiro como uma expressão do atraso, da pobreza e da falta de civilidade, contrastando significativamente com os padrões ocidentais”⁸, principalmente no que se refere às relações entre mulheres e homens.

Como destaca Bento, é importante “desnaturalizar tal construção, desconstruindo os elementos que se combinaram para transformá-la em verdade”⁹ e, ressalta Ferreira,

A memória pode contribuir efetivamente no processo de afirmação de identidades e de direitos de cidadania dos seguimentos sociais excluídos ou ocultados da história oficial. Buscar vestígios e as marcas das lutas do passado contribui para a construção do presente e do futuro que se quer.¹⁰

A escassez de pesquisas históricas regionais contribui, também, para “uma espécie de amnésia da história dos excluídos, dos escravos, *das mulheres*, crianças, operários, minorias raciais e sociais, loucos, oprimidos de todo tipo”¹¹. Deixa uma grande lacuna na historiografia desses grupos, contribuindo ainda para que o imaginário social reforce representações e simbologias sociais historicamente

⁷ POHL, Johann Emmanuel. **Viagem no Interior do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1976.

⁸ MOTTA, Tatiana Carvalho. **Entre o Atlântico e o Sertão**: Mulheres e vida urbana na capitania de Goiás. Mestrado em História. Universidade de Brasília, 2006, p.28.

⁹ BENTO, Berenice Alves de Melo. Ciladas da igualdade. In: LIMA, Ricardo Barbosa de (Org.); [et al] **Direitos humanos e cotidiano**. Goiânia: Bandeirantes, 2001, p.188.

¹⁰ FERREIRA, Tânia Maria Bessone da C. (orgs.). (2006). **História e imprensa**: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, p.3.

¹¹ MENEZES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v.34. 23. 199, p.2.

construídas como, por exemplo, quais são os “lugares” e os “papéis” das mulheres e dos homens.

Para Pinsky, faz-se necessário “reescrever a história, agora levando as mulheres em consideração [...] as evidências da participação feminina nos acontecimentos históricos e na vida pública”¹², que sofrem grandes influências das mudanças sociais e culturais.

No tocante a esta dissertação, foi importante observar as entrelinhas da imprensa goiana que, em sua maior parte, foi escrita a partir do ponto de vista dos homens, o qual reproduz as “verdades” e, ao mesmo tempo, mostra também as resistências a essas “verdades” por parte de algumas mulheres. Em todas as falas e narrativas é possível observar que as primeiras décadas do século XX, em especial os anos finais da década de 1920 e a década de 1930, foram marcadas por constantes “disputas” entre a modernidade e a tradição que se reflete o tempo todo em mudanças e continuidades no modo de agir e viver do povo goiano.

Esses reflexos chegavam, em diferentes intensidades, nos diversos municípios goianos, mas, de maneira especial, na antiga capital do estado, a Cidade de Goiás¹³. É nesse contexto específico que as análises dessa dissertação se centram, embasadas na observação dos noticiários veiculados nesses diferentes municípios.

Diante do exposto acima, buscou-se observar como esses reflexos de mudanças e continuidades estavam presentes na vida dessas mulheres goianas retratadas pela imprensa local. Nessa perspectiva, entendemos que as mudanças, e também as continuidades, estão sempre ligadas às relações de poder e às construções de “verdades” dos saberes - em especial o religioso e o médico higienista – que, de todo modo, se entrelaçam com as vontades do Estado. Temos, portanto, as mulheres goianas como objeto de pesquisa, observando suas resistências cotidianas nos diversos lugares públicos e, em especial, sua presença e atuação nas práticas corporais e esportivas.

Para observar esses reflexos foi de extrema importância um olhar interdisciplinar¹⁴, uma vez que esse olhar visa “garantir a construção de um

¹² PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) **Fontes históricas**. São Paulo. Contexto. 2006, p.161.

¹³ Antes do período republicano era chamada de Vila Boa, depois da mudança da capital passou a ser chamada também de Goiás ou Goiás Velho. Está localizada a 141 quilômetros de Goiânia.

¹⁴ “Entende-se por Interdisciplinaridade a convergência de duas ou mais áreas do conhecimento, não pertencentes à mesma classe, que contribua para o avanço das fronteiras da ciência e tecnologia,

conhecimento globalizante, rompendo com as fronteiras das disciplinas”¹⁵. Trata-se de uma temática com diversos níveis de complexidade, que se encontra na fronteira de diferentes disciplinas, e faz-se necessário um diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento, em especial a Educação Física, a História e os Direitos Humanos.

A interdisciplinaridade “[...] pressupõe uma forma de produção do conhecimento que implica trocas teóricas e metodológicas, geração de novos conceitos e metodologias e graus crescentes de intersubjetividade, visando a atender a natureza múltipla de fenômenos complexos.”¹⁶ No que se refere aos estudos da Educação Física e das práticas esportivas, nos servimos das palavras de Batista e Deive para resumir a expectativa deste trabalho:

A relevância do estudo recai na sua contribuição para as pesquisas de gênero e mulheres na Educação Física; na reflexão social para a necessidade de combater a generificação de algumas práticas corporais, como o futebol; e pela sugestão de mudanças na política administrativa do cenário esportivo brasileiro, em prol de uma equidade de gênero no que se relaciona à inserção na prática esportiva por ambos os sexos¹⁷.

Já os estudos dos Direitos Humanos, por meio de uma prática consciente, nos dão a “possibilidade de aprofundar a consciência de sua própria dignidade, a capacidade de reconhecer o outro, de vivenciar a solidariedade, a partilha, a igualdade na diferença e a liberdade”¹⁸.

Esta pesquisa, focada particularmente nas mulheres goianas enquanto sujeitos sociais e históricos, acredita-se poder contribuir para uma nova visão das mulheres do século XXI, rompendo historicamente com as ideologias que as vinculam a “papéis” socialmente construídos. Aqui, também, consideramos as mulheres como sujeitos sociais e históricos acima das hierarquias entre gêneros que julgam e diferenciam as condutas e “papéis” sociais para além “de oposições

transfira métodos de uma área para outra, gerando novos conhecimentos ou disciplinas e faça surgir um novo profissional com um perfil distinto dos existentes, com formação básica sólida e integradora.” (CAPES, 2013, p.12).

¹⁵ GADOTTI, Moacir. **Interdisciplinaridade: Atitude e Método**. São Paulo, 1999, p.2.

¹⁶ CAPES, **Avaliação trienal**. 2013, p.12. Disponível em:

http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Interdisciplinar_doc_area_e_comiss%C3%A3o_block.pdf Acesso: 30/05/2014.

¹⁷ BATISTA, Renata Silva.; DEIVE, Fabiano Pries. Mulheres, futebol e gênero: reflexões sobre a participação feminina, numa área de reserva masculina. **Efdeportes**. Buenos Aires, Ano14, n.137, Outubro, 2009, p.1.

¹⁸ NASCIMENTO, Maria das Graças. A dimensão política da formação de professores/as. In: CANDAU, Vera Maria.; SACAVINO, Susana. **Educar em Direitos Humanos**. Rio de Janeiro: D&P Editora, 2000. p. 121.

binárias construídas pelas categorias masculinas do pensamento que desqualificam as dimensões consideradas características da mulher”¹⁹

- Metodologia

As perspectivas, teóricas e políticas, que nos situam no tempo histórico do presente, têm como versão a crítica às versões autorizadas e o desafio de trazer à cena histórica a articulação de “*outras histórias*” que encontram nesse campo da imprensa espaço privilegiado para sua construção.²⁰

Este trabalho foi desenvolvido sob a luz da perspectiva histórica social²¹ e situado no campo de investigação da História das Mulheres²². Utilizou-se como fonte de pesquisa a imprensa (fontes primárias), mais especificamente as notícias em jornais que circularam durante as três primeiras décadas do século XX e que, de alguma forma, expressam a presença das mulheres goianas nas práticas corporais e esportivas. Paralelamente, também serviram como fonte as notícias que retratam o cotidiano dessas mulheres e, também, dos homens, visando à contextualização histórica e social do estado de Goiás.

O objetivo principal foi historicizar a presença, inserção e participação das mulheres goianas nos lugares públicos e, principalmente, nas práticas corporais e momentos iniciais da presença delas no esporte goiano. Como objetivos específicos, buscou-se observar como as “verdades” socialmente construídas perpassam pelo cotidiano e pelas práticas corporais e esportivas, e como isso se refletiu na presença e participação das mulheres nos espaços públicos, buscando, nas relações de poder e resistência, as mudanças e as continuidades.

- ✓ Fonte de pesquisa:

Até a década de 1970, poucos trabalhos acadêmicos tinham como fonte de pesquisa os jornais e as revistas. Considerava-se, que “os jornais pareciam pouco

¹⁹ RAGO, Margareth. Ser mulher no século XXI ou Carta de alforra. In: VENTURI, G.; RECAMÁN, M.; OLIVEIRA, S. (Orgs) **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. - 1 ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p.36.

²⁰ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. IN: **Projeto história**. São Paulo, número 35, 2007, p.269.

²¹ BURKE, Peter. **História e teoria social**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venância Majer. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

²² PERROT, Michelle. 1988; 1991; 1995; 2005.

adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas "enciclopédias do cotidiano" continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões"²³. Porém, nessa mesma década, tal discurso começa a ser mudado.

Atualmente, as publicações da imprensa periódica vêm sendo utilizadas em pesquisas acadêmicas de diversas áreas do conhecimento. Elas "fazem da reflexão sobre a comunicação social um campo interdisciplinar estratégico para a compreensão da vida contemporânea"²⁴, sendo mais que fontes informativas imparciais.

Para Capelato e Prado²⁵,

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero "veículo de informações", transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere.

Os jornais relatam assuntos cotidianos que podem revelar os interesses da vida social, os lugares, as mudanças e as continuidades que de alguma forma foram vivenciadas por mulheres e homens goianos, em um contexto de profundas mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas. A imprensa auxilia na compreensão da paisagem urbana, das representações sociais e idealizações.²⁶

Para Cruz e Peixoto²⁷, do ponto de vista da história social a imprensa é uma força social ativa que atua na produção da hegemonia. Em jornais escritos²⁸ (e outros meios de comunicação) a linguagem é um dos principais meios para análise. Entendemos aqui, que a linguagem é um dos principais campos de construção de identidades, já que ela "não apenas expressa, relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças"²⁹. Nesse

²³ DE LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (Org.) **Fontes históricas**. São Paulo. Contexto. 2006, p.112.

²⁴ CRUZ; PEIXOTO (2007), op.cit., p.254

²⁵ CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino**. Imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo, São Paulo, Alfa-Omega, 1980, p.19.

²⁶ VIEIRA, Lucas Schuab. A imprensa como fonte de pesquisa em história: Teoria e método. **Revista de resenhas de comunicação e cultura**, 2013.

²⁷ CRUZ; PEIXOTO (2007) op.cit., p.253.

²⁸ A imprensa, segundo Silva (2010), consolidou o rompimento entre a memória oral e a memória escrita.

²⁹ LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma abordagem pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 65.

sentido, a imprensa não significa o reflexo das realidades, seja do passado ou do presente, e sim uma prática que constitui a realidade social, interferindo nos papéis sociais, nas ações, “verdades” e representações que tendem a ser reproduzidas como universais.

A imprensa é uma memória do tempo, que abriga diferentes visões de um mesmo acontecimento ou época, possibilitando diversas reflexões sobre a história de determinada localidade. Sendo assim, é importante não fazer generalizações a partir de casos isolados ou interpretados sob a ótica de outras realidades e especificidades brasileiras.³⁰ É importante estar atento para não buscar nas fontes aquilo que queremos confirmar ou refutar sendo, assim, infiel ao documento. Para Gebara³¹,

Utilizar um documento a par de procedimentos teóricos metodológicos implica em respeitar a fonte em sua integridade constitutiva; quer dizer, dar coerência às conclusões ou os indícios que essas fontes podem apresentar. Acima de tudo, é preciso sempre ter em mente que todo documento tem um interlocutor, para qual este documento é produzido.

A linguagem dos jornais analisados carrega uma tradição, e a escrita reflete principalmente o ponto de vista de alguns grupos sociais representantes da vida moderna que se anunciava. Desse modo, não são meras fontes informativas imparciais, já que fonte alguma é neutra. Elas deixam espaços e questionamentos sobre as diferentes “verdades” dos diversos sujeitos históricos, que, ao mesmo tempo, podem mostrar vestígios de resistências e conflitos “de um lugar social e de um determinado tempo, sendo articulado pela/na intencionalidade histórica que o constitui”³²

Esses jornais foram importantes veículos de construção de valores, simbologias e representações sociais do que era “ser mulher” e “ser homem”, tendo grande força de intervenção nos diferentes grupos sociais. Portanto, foi fundamental “desconfiar” de suas mensagens, ou seja, ter “sensibilidade de leitura frente à materialidade histórica por ela assumida”. Afinal, trata-se de “um espaço privilegiado de poder e mobilização da opinião pública atuando sob normas e condições que

³⁰ DARNTON, Robert e ROCHE, Daniel IN: NEVES, Lucia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; O esporte como política de Estado: Vargas. In: MELO, Victor Andrade de; DEL PRIORI, Mary (Orgs) **História dos esportes no Brasil: do Império aos dias atuais**. – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

³¹ GEBARA, Ademir. Fontes históricas e oralidade. **Movimento**, Porto Alegre, v.10, n.3, 2004, p.141.

³² CRUZ; PEIXOTO (2007), op.cit., p.258.

expressam uma determinada correlação de forças, as quais interagem de forma ativa”³³

✓ Coleta de dados e construção da narrativa:

A busca, localização, coleta e seleção dos jornais utilizados nesta investigação ocorreu na Hemeroteca Digital Brasileira e em seis arquivos³⁴ localizados em Goiânia e na Cidade de Goiás, a saber: Arquivo Histórico Estadual de Goiás; Arquivo Fundação Frei Simão Dorvi; Centro de Documentação da Organização Jaime Câmara; Museu das Bandeiras e IPEHBC – PUC/GO localizados em Goiânia e na Cidade de Goiás.

O material foi selecionado a partir de catálogos disponíveis nesses arquivos, buscando aqueles jornais que tinham data de publicação correspondente ao recorte temporal desta pesquisa. A partir daí, foram lidas minuciosamente as notícias dos acontecimentos esportivos no estado de Goiás.

A seleção das notícias abrange até antes da mudança da capital (da Cidade de Goiás para Goiânia) em 1936, já que entendemos que essa mudança significa e simboliza, também, grandes mudanças no contexto histórico goiano, cabendo aí futuras pesquisas. Sendo assim, o recorte temporal é entre meados de 1910, onde apareceram os primeiros artigos sobre os primórdios dos esportes goianos, até 1936.

A coleta e a seleção das fontes exigiu paciência e tempo. A qualidade dos jornais que não estão em microfilme, em geral, é precária, necessitando um grande cuidado no manuseio. O uso de máscara e luvas foi de extrema importância para resguardar a saúde da pesquisadora e o bom trato com os documentos.

São fontes principais, três jornais que traziam maiores evidências dos acontecimentos e maior número de publicações disponíveis: Jornal A voz do povo; Jornal Correio Oficial e Jornal O Lar. Na década de 1930 foi grande o número de jornais circulantes e alguns deles nos serviram de apoio na busca dos acontecimentos esportivos e na contextualização.

³³ CRUZ; PEIXOTO (2007), op.cit., p.261-267.

³⁴ Inicialmente, a coleta dos dados aconteceu durante a pesquisa sobre a “História do Esporte em Goiás”. Posteriormente, novas buscas e coletas foram realizadas, a fim de melhor detalhar as especificidades desta dissertação, focando no cotidiano das mulheres goianas.

A maioria desses jornais retratava o cotidiano goiano, mas sempre vinculados à política, já que se trata de uma época histórica de importantes mudanças. Estas foram representadas principalmente por duas opiniões: as de Pedro Ludovico Teixeira, com seus ideais mudancionistas³⁵, através dos jornais goianos *A coligação*; *Correio Oficial*; *O social*; *O Liberal*, dentre outros; e as de seus opositores, através dos jornais *O sertão*; *O Sudoeste*; *O Ipameri*; *A voz do povo* e *O democrata* (1916). O periódico *O Lar* foi o único jornal noticiário até então escrito unicamente por mulheres, e isso representou um grande marco no avanço das conquistas por lugares e rompimento dos silêncios.

Cruz e Peixoto destacam que escolher tais fontes,

Trata-se de entender a imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhadas e compreendidas como tal, desvendando a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição social que esta relação propõe.³⁶

Todas as notícias que retratavam as práticas corporais e esportivas, bem como o cotidiano das mulheres, foram fotografadas (sem o uso do *flash*) e catalogadas. Os artigos foram separados em três pastas, cada uma correspondendo a um jornal, contendo título e periodicidade. Dentro de cada pasta, as notícias foram renomeadas com: título da notícia, nome do redator, nome do jornal, data, edição e página.

Esse processo inicial de identificação pode nos fornecer inúmeras pistas sobre a proposta geral da publicação. Títulos e subtítulos funcionam como “manchetes”, primeiros enunciados por meio dos quais uma publicação procura anunciar a natureza de sua intervenção e suas pretensões editoriais.³⁷

Foi criado um documento de catálogo das fontes e, através desse documento, já foi possível perceber que ao tratar das práticas corporais e esportivas pouquíssimas notícias traziam em seus títulos ou subtítulos algo que fosse referente à participação das mulheres. Para entender a presença delas através dessas fontes foi necessária uma leitura minuciosa de todas as notícias, já que as mulheres goianas retratadas nesses jornais, em sua maioria, estão nas “entrelinhas” ou seja, não estão no título e sim naquilo que é dito ou não, na notícia.

³⁵ Expressão utilizada para representar pessoas e grupos a favor da mudança da capital da Cidade de Goiás para Goiânia.

³⁶ CRUZ; PEIXOTO (2007), op.cit., p.258.

³⁷ CRUZ; PEIXOTO (2007), op.cit., p.261.

A partir da construção do catálogo, foram elaboradas planilhas com transcrições para o português atual, tendo sempre a mente que,

A transcrição de documentos exige cuidados mínimos [...] tem-se sempre a opção de transcrever fielmente o original, reproduzindo a grafia, as abreviaturas, enfim, suas características de época. Ou, então, pode-se modernizar o texto, de acordo com a gramática corrente, visando a facilitar a leitura.³⁸

Tais planilhas foram construídas, primeiramente, a partir da cronologia das notícias publicadas (porém, as análises e a narrativa histórica apresentam certa linearidade e não uma linha cronológica) e, depois, a partir dos temas mais recorrentes. Foi elaborado, então, um banco de dados que facilitou a leitura e a análise, relacionando os artigos dos três jornais e a referências bibliográficas e bases teóricas.

Na tentativa de melhor observar os vestígios do passado (não desconsiderando, sobretudo, as visões estereotipadas) foram inseridas algumas imagens de jornais, já que “a imagem é um indício do passado que traz em suas estruturas elementos valiosos para compreensão do período histórico que apresenta”³⁹. Tais imagens também foram coletadas no Museu da Imagem e do Som. Para Vieira⁴⁰, baseando-se em Burke⁴¹, as imagens

[...] se constituem como testemunhas dos estereótipos, mas também como mudanças graduais, pelas quais, indivíduos ou grupos vêm o mundo social incluindo o mundo de sua imaginação. As imagens são testemunhas dos arranjos sociais passados e das maneiras de ver e pensar o passado. Elas dão acesso a visões contemporâneas daquele mundo e não do mundo social diretamente.

Foi importante estar atenta a como esses jornais e suas imagens se posicionaram na memória social do povo goiano e, ainda, se existem e como existem relações entre o passado e o presente. As análises foram divididas em dois eixos, à luz do contexto histórico em que as fontes foram construídas: 1) para quem esses jornais foram escritos; quais mulheres esses jornais representavam e a quem pertenciam as vozes desses jornais; 2) análise do conteúdo em si, tentando buscar

³⁸ PINSKY (2008), op.cit., p.58.

³⁹ VIEIRA, Lucas Schuab. A imprensa como fonte de pesquisa em história: Teoria e método. **Revista de recensões de comunicação e cultura**, 2013, p.5.

⁴⁰ VIEIRA (2013), op.cit., p.6.

⁴¹ BURKE, Peter. **Testemunha ocular** – imagem e história. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

novas aberturas e sentidos nas histórias das mulheres goianas, levando em conta que nenhum acontecimento pode ser compreendido de forma isolada e, ainda,

A subjetividade de quem escreve, pois a imprensa periódica escolhe, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma aquilo que se elegeu digno de chegar até o público [...] A ênfase em determinados temas, as linguagens e a natureza do conteúdo, associam-se ao público que pretende atingir. [...] Atentar a escolha dos títulos e os textos programáticos que dão conta de intenções e expectativas [...] ⁴²

Sendo sensível à leitura, a “interpretação não visa à decodificação de conteúdos nem a encontrar aquilo que o texto “quer dizer”, busca sim abertura ao seu potencial, a sua força interna, capaz de fundar novos mundos de sentido”⁴³. Na construção da narrativa histórica criamos uma teia de informações, relacionando as notícias dos jornais, as referências bibliográficas e as imagens. Também foi importante sempre estar atentos ao fato de que essas mulheres fizeram e fazem parte da história do esporte nacional, mas que esta história, em muitas vezes, foi construída para lembrar o que deve ser lembrado ou invisibilizar o que deve ser esquecido.⁴⁴

A interpretação e a análise têm como principal aporte e embasamento teórico os autores: Joaquin Herrera Flores, Michel Foucault, Michelle Perrot e Peter Burke e, também, as análises de Cleber Dias, Castellani Filho e Silvana Goellner. Desse modo, “propõe-se justamente apreender seu espaço de articulação na configuração de uma determinada conjuntura e os fios que a remetem para outras dimensões e que constituem a historicidade daquele tempo - a historicidade da publicação e da conjuntura simultaneamente.”⁴⁵.

A dissertação foi dividida em três capítulos: o primeiro capítulo, subdividido em dois tópicos, traz o referencial teórico. O primeiro tópico, denominado “Direitos Humanos e Memória: as lutas cotidianas e a história “vista por baixo”, trata principalmente da importância da memória de grupos socialmente marginalizados, em especial a história das mulheres. No segundo tópico, são tratadas especificamente as relações de poder, as mulheres e as práticas corporais e

⁴² VIEIRA (2013), op.cit. p.8-9.

⁴³ PACHECO, Mariana Pimentel Fischer. Direito à Memória com exigência ética – uma investigação a partir da hermenêutica filosófica de Hans Georg Gadamer. In: **Revista Anistia Política e Justiça de Transição** / Ministério da Justiça. – N.1, 2009, p.256.

⁴⁴ GOELLNER, Silvana Villodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**. Porto Alegre, v.13, n.2, 2007.

⁴⁵ CRUZ; PEIXOTO (2007), op.cit., p.267.

esportivas, se referenciando principalmente em Foucault (2013) e em como as “verdades” socialmente construídas perpassam pelo corpo e pelos “lugares” das mulheres.

O capítulo dois contextualiza as fontes primárias, principalmente tudo que diz respeito às mulheres goianas retratadas nessas fontes, observando principalmente as entrelinhas da imprensa. O objetivo foi historicizar as lutas cotidianas dessas mulheres que, de todas as formas, desestabilizaram as “verdades” socialmente construídas sobre o que é “ser mulher” no estado de Goiás, durante as primeiras décadas do século XX. Por fim, o terceiro capítulo, também através de uma narrativa histórica, retrata quais foram os lugares das mulheres goianas nas práticas corporais e nos momentos iniciais da participação delas no esporte goiano, observando se esses “lugares” reforçam ou desestabilizam o que é “ser mulher”, nesse recorte temporal.

Portanto, os três capítulos dessa dissertação retratam os lugares de lutas cotidianas e como as relações de poder que perpassam pelas relações sociais contribuem, ou não, para mudanças e continuidades das “verdades” socialmente construídas sobre o que é “ser mulher”. Foram observados, principalmente, os novos lugares, possibilidades e questionamentos sobre essas “verdades”, que não são, de modo algum, universais ou fixos.

CAPÍTULO 1

DIREITOS HUMANOS, MULHERES E RELAÇÕES DE PODER

1.1. Direitos Humanos e Memória: as lutas cotidianas e a história “vista por baixo”.⁴⁶

Durante as primeiras décadas do século XX, as lutas pela “emancipação das mulheres” começaram a ganhar força e significado contextual e relacional em diversos estados brasileiros, e em Goiás não foi diferente, pois nesse estado, essas lutas também aconteceram. Mas, ao nos atentarmos criticamente às polêmicas sociais atuais, detendo o olhar sobre as várias informações das diversas mídias, é possível observar que as violações de direitos das mulheres sobre seu próprio corpo e à igualdade de oportunidades ainda são frequentes no século XXI.

Tem-se a impressão que vivemos em um ciclo de repetições de erros e acertos ao longo do tempo, os quais são passados de geração em geração de uma forma contínua e “infinita”, e que mudanças possíveis soam como utópicas, pois os erros vão se repetindo ao longo da história. Santos⁴⁷ diz que é preciso recuperar a esperança, pois “é este realismo utópico que preside a iniciativa dos grupos oprimidos que, num mundo onde parece ter desaparecido a alternativa, vão construindo um pouco, por toda parte, alternativas locais que tornam dignas uma vida possível e decente”.

Sobre isso, Pacheco⁴⁸ questiona: Como é possível para uma tradição interromper um ciclo repetitivo e preparar uma abertura para ser diferente? Para a autora, “A consciência da força que o passado tem no presente permite que sejam abertas novas possibilidades para o futuro [...]. Nesse sentido, dizemos que a memória emancipa.”⁴⁹. Emancipa, pois abre caminhos para o conhecimento de outras possibilidades de deslocamentos, alternativas e novos olhares que podem auxiliar a novas perguntas, novas histórias e (re)interpretações sobre amarras

⁴⁶ Por vezes, memória e história, ao longo do texto parecem se coincidir. Sabemos que não são sinônimos (NORA, 1993), mas que talvez se complementem.

⁴⁷ SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. Porto: Afrontamento, 2000, p.35.

⁴⁸ PACHECO (2009), op,cit.

⁴⁹ PACHECO (2009), op,cit., p.251.

sociais que incomodam, marginalizam e diferenciam os seres humanos hierarquicamente.

Tais amarras se apoiam em “verdades” socialmente construídas por diferentes saberes específicos, os quais “produzem efeitos de verdade e que são estratégicos, na medida em que podem ser usados em cada relação concreta”⁵⁰, já que “a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros [...]”⁵¹

As “verdades” são reproduzidas, dentre outros, por gestos, ações, linguagens, tradição, representações e o senso comum, como se fossem algo universal e intrínseco ao ser humano. Ao falar em “verdades naturalizadas” ou socialmente construídas, entende-se ainda que “nossas definições, convenções, crenças, identidades e comportamentos sexuais não são o resultado de uma simples evolução, como se tivessem sido causados por algum fenômeno natural: eles têm sido modelados no interior de relações definidas de poder”⁵².

Essas atividades que regulamentam gestos e linguagens tornam-se “verdades” que acabam por ser consideradas como “naturais” do ser humano. Por muito tempo não foram questionadas sendo, então, repetidas cotidianamente ao longo das gerações, configurando-se como construções sociais, que são,

Um termo abreviado para descrever a abordagem, historicamente orientada, relativamente aos corpos [...] e só podemos compreender as atitudes em relação ao corpo e à sexualidade em seu contexto histórico específico [...] aprendendo as várias relações de poder que modelam o que vem a ser visto como comportamento normal ou anormal, aceitável ou inaceitável”⁵³

As “verdades” não são, portanto, “naturais” do ser humano e sim construídas histórica e socialmente pelos diversos saberes biológicos e humanos⁵⁴ e

⁵⁰ VEIGA-NETO, Alfredo. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império. IN: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **As figuras de Foucault**. 2ª Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008), p.21.

⁵¹ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**, 1926,1984. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. – 27. Ed. – São Paulo: Graal, 2013, p.52.

⁵² WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva – Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.42.

⁵³ WEEKS (1999), op.cit. p.43.

⁵⁴ Foucault faz uma crítica às ciências humanas e biológicas que se constroem a partir de um pensamento capitalista Ocidental marginalizante e excludente.

reproduzidas nas diversas instituições sociais que, de todo modo, constroem e reproduzem hierarquias. Mas existem possibilidades, pois,

O aprendizado que nos impulsiona a sair de um ciclo de repetições (a psicanálise ensina que a repetição acontece quando não conseguimos recordar) não vem da razão [...] mas sim quando nos lembramos de nossos condicionamentos e aprendemos a nos deixar afetar pelo Outro.⁵⁵

Portanto, é possível fugir a esse ciclo de repetições; é recordando, refletindo e aprendendo com o passado; tendo conhecimento de que a forma como agimos, vivemos e fazemos as coisas não são as únicas possibilidades de agir, viver e fazer. É importante, antes de qualquer coisa, nos colocarmos a serviço de políticas progressistas e emancipatórias⁵⁶, nos deixando afetar com e pelo Outro, rompendo com tradições que contribuem para uma crescente história de alienação e de marginalizações. Para tanto, é importante olhar para o passado.

Pérez⁵⁷ diz que,

Rememorar é um ato político. Nos fragmentos da memória encontramos atravessamentos históricos e culturais, fios e franjas que compõem o tecido social, o que permite re-significar o trabalho com a memória como uma prática de resistência [...] São ausências, vazios e silêncios, produzidos pelas múltiplas formas de dominação, que produzem as múltiplas formas de resistência [...] que fundadas no inconformismo e na indignação perante o que existe, expressam lutas de diferentes agentes (pessoas e grupos) pela superação e transformação de suas condições de existência.

Sabe-se que dos tempos que já se passaram ninguém pode lembrar-se de tudo; não há memória sem esquecimento e também não há memória neutra. Aquilo que foi preservado tem um porque, assim como aquilo que não o foi. Por isso, também, rememorar é um ato político e possibilita ressignificações.

O passado não pode ser mudado, mas podemos ressignificá-lo, modificando a forma de percebê-lo, por meio de novas indagações, novas hipóteses, buscando novas fontes e novos olhares. A memória não reconstrói todos os acontecimentos passados, mas pode proporcionar reinterpretações, ressignificados, permitindo que diversos grupos tenham destaque, história, reconhecimento, respeito, identidade enfim, dignidade e cidadania.

⁵⁵ PACHECO (2009), op.cit., p.255.

⁵⁶ SANTOS, Boaventura de Sousa. Direitos Humanos: Os desafios da interculturalidade. **Revista Direitos Humanos**, n.2, 2009.

⁵⁷ PÉREZ, Carmem Lúcia Vidal. O lugar da memória e a memória do lugar na formação de professores: a reinvenção da escola como uma comunidade investigativa. In: **Reunião anual da ANPED**, 2003, p.5.

Construir histórias de dignidade e cidadania é, também, observar como as múltiplas formas de dominação são perpassadas nas relações de poder e “verdades” sociais. Estas são recebidas através de múltiplas resistências, pois “a partir do momento em que há uma relação de poder existe uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa.”⁵⁸

Resistências também se dão por aqueles que, de alguma forma, se indignam e lutam cotidianamente para a superação das desigualdades, marginalizações e hierarquias, buscando melhores condições de existência. Elas podem ser consideradas também uma “desobediência civil”, já que “[...] a resistência à normalização nem sempre assume o caráter de resistência ao governo, ela poderia estar no conflito entre o indivíduo frente aos papéis sociais que se esperam dele no convívio social. [...]”⁵⁹

A memória é, também, um instrumento de resistência às inquietações do presente. O olhar para o passado pode possibilitar abalos nas estruturas dessas “verdades naturalizadas” sobre o corpo, mulheres, homens, crianças, idosos, sexualidades, etnias e classes sociais, por exemplo; já que os conceitos destes são construções sociais e têm uma história.

As “verdades” socialmente construídas garantem, por vezes, histórias únicas e tidas como verdadeiras representantes universais de todos os seres humanos. Histórias únicas escritas por homens políticos, que silenciavam e marginalizavam as diferenças, a diversidade e a pluralidade. Por muito tempo as narrativas históricas falaram pouco sobre as mulheres, e as histórias, bem como as memórias, foram se acostumando com essa ausência “naturalizada”, que se construiu por séculos através de um universo masculino. Era “natural” elas estarem ausentes dos espaços sociais e, principalmente políticos, os quais eram foco das histórias tradicionais.

A presença e a fala das mulheres em locais que eram “proibidos” são inovações do século XIX. A partir daí, “são substituídas inúmeras zonas mudas de um passado silencioso, que por muito tempo “esqueceu” as mulheres como se,

⁵⁸ FOUCAULT (2013), op.cit, p.360.

⁵⁹ RABELO (1997), op.cit, p.164.

destinadas unicamente à reprodução, estivessem fora dos acontecimentos e do tempo. Mas, frequentemente, resistiram e fizeram do silêncio uma arma.”⁶⁰

Desse modo, pode-se entender o silêncio do passado não como esquecimento e sim como uma resistência da sociedade civil se opondo aos discursos oficiais⁶¹, já que estes enquadram e padronizam os seres humanos, deixando “de fora” todos aqueles que resistem a esse discurso universal e padronizado. Pelo fim do silêncio, através de resistências cotidianas surgem outras forças como o feminismo⁶² e os movimentos sociais, com força política.

Para Perrot⁶³, esse silêncio imposto simbolicamente não é somente o silêncio da fala, mas também das expressões, dos gestos, do corpo, do rosto. As memórias escritas, encontradas em séculos passados são, em grande parte, de grupos (memórias coletivas) e não somente de algumas pessoas (memórias individuais), como se elas não fossem seres humanos únicos. Isso é um problema para o reconhecimento individual, que contribuiu para universalização, marginalização e desvalorização das atividades das mulheres e de outros grupos ao longo da história. Na imprensa goiana pouco se encontra nomes individualizados, configurando então uma memória coletiva e, sobretudo, de um grupo específico⁶⁴.

Ao refletir sobre as histórias das mulheres de diversas classes, gêneros⁶⁵ e etnias, é possível observar que são longas suas lutas para serem reconhecidas pelos seus trabalhos que, em muitas das vezes, ficam condenados à marginalidade, como se suas lutas não tivessem importância. Mas quais foram (são) essas lutas? Elas têm nome, classe e cor?

Na imprensa goiana, essas lutas têm cor⁶⁶ e classe, e quase não tem nome, nem lugar, já que a memória dessas mulheres é coletiva, o que impossibilita, de fato,

⁶⁰ PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro – Bauru, SP: UDESC, 2005, p.9.

⁶¹ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, V.2, N.3, 1989.

⁶² WEEKS (2009), op.cit., p.42.

⁶³ PERROT (2005), op.cit..

⁶⁴ Será melhor detalhado no próximo capítulo.

⁶⁵ Para Scott (1995, p.86), a definição de gênero segue duas proposições, onde, em uma proposição, gênero é um elemento que constitui as relações sociais baseadas principalmente nas diferenças percebidas entre os sexos; e, em uma segunda proposição, gênero é uma forma primária de atribuição de significado às relações de poder. Para Weeks (2009, p.56), gênero também é uma relação de poder; um poder historicamente enraizado.

⁶⁶ A grande maioria das notícias da imprensa goiana seguia um discurso elitista e higiênico-eugenista que visava o “melhoramento” da raça brasileira, fortemente propagado pelo discurso governamental vigente da época, o que, de todo modo, preserva a memória de uma classe e cor em detrimento de

saber quem elas foram e quais eram seus lugares, dentro da sociedade goiana. Diante disso, é quase impossível saber, a partir da imprensa goiana, quantas multiplicidades de mulheres goianas viveram por essas terras, por isso, o termo “mulheres goianas” não pode ser entendido com um bloco homogêneo.

Constata-se que essa imprensa carrega uma memória escrita fortemente marcada por um discurso elitista, que silencia as particularidades, as individualidades e as diferenças; e quando não silenciadas são, em sua maioria, subestimadas e sub-representadas. Por isso, é importante considerar

[...] as interferências que existem sobre a memória para torná-la como um instrumento de conquista e ampliação da cidadania, cabe não apenas levantar memórias esquecidas ou ignoradas, mas também analisar os motivos pelos quais algumas memórias foram esquecidas ou ignoradas na construção da história conhecida⁶⁷

Analisar e questionar os porquês, dialogando com as diversas áreas do conhecimento, é também uma alternativa de vislumbrar novos horizontes “desnaturalizados”, atribuindo assim visibilidades, cidadania e dignidade.

Memórias esquecidas, em especial as mulheres, motivaram os primeiros trabalhos das historiadoras feministas que se preocupavam em destacar a importância das mulheres na constituição e formação das culturas. O assunto tornou-se um campo acadêmico de estudos que contribui para a desnaturalização dos papéis e da “essência” humana, socialmente construídos. Caminha para além da história política e econômica, inserida em um paradigma que se preocupa em, unicamente, narrar os acontecimentos, sem nenhuma preocupação com as análises sociais da realidade em questão⁶⁸.

Dessa forma, as histórias das mulheres contestam histórias tradicionalmente escritas por homens; assim como ocorre com as histórias de todos os grupos marginalizados. São histórias “vistas por baixo”⁶⁹, ou seja, histórias que por muito

outra. Atualmente, no Brasil, essa condição vem sendo revertida por um forte movimento das feministas e militantes negras; bem como pelos movimentos LGBT. (WEEKS, 2009).

⁶⁷ SILVA, Paulo Renato da. Memória, História e Cidadania. In: **Cadernos do CEOM** – Ano 23, n.32, ETNICIDADES, 2010, p.332.

⁶⁸ BURKE (2002), op.cit.

⁶⁹ As histórias “vistas por baixo” têm em suas bases teóricas a História e Teoria Social ou a chamada Nova História, que entende que cada época e local tem um significado e uma maneira, não tentando substituir, mas complementar a história “oficial” do século XIX, se preocupando, portanto em analisar as estruturas e não apenas narrar os acontecimentos. A história social se preocupa também, com os papéis sociais; sexo e gênero, família e parentesco, comunidade e identidade, classe, status, mobilidade social, consumo e capital simbólico, apadrinhamento e corrupção, hegemonia e resistência, movimentos sociais, mentalidade e ideologia, dentre outros (BURKE, 2002).

tempo foram silenciadas pela história “oficial”, pois, “o discurso histórico, carregado de silêncios e ocultações, desconhece estas diferenciações e a memória celebrada é a oficial, com reconstituições históricas definidas a partir da estrutura de poder e o que se encontra fora desta não interessa, dificultando o seu conhecimento e registro.”⁷⁰.

As histórias “vistas por baixo” retratam principalmente o cotidiano, as lutas e as resistências (para além dos fatos políticos e econômicos) que, em tempos anteriores, não tinham a menor importância para a história “oficial”. Le Goff⁷¹ afirma que “tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos [...] Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.”. É assim que acontece, majoritariamente, na imprensa goiana, durante as primeiras décadas do século XX.

Diante da “história oficial”, muitos historiadores tradicionais ficavam presos a documentos oficiais (relatórios, interrogatórios, etc.) e deixavam de lado todas as outras questões sociais. Estes se negavam a escrever histórias baseadas em outros tipos de fontes e memórias contribuindo, assim, para as legitimações hierarquizadas de classe, gênero e raça; sendo que, afirma Brito “o desenvolvimento ou a recuperação da memória dentro de uma perspectiva mais ampla integra também um processo político, pois tem sido usada como instrumento de poder”⁷².

A história “vista por baixo” muda o destino dos acontecimentos sugerindo uma “correção” das histórias “oficiais”, mas sem se dissociar delas. A intenção da história “vista por baixo” nos estudos feministas é mudar o foco do olhar, colocando as relações entre os sexos como centrais⁷³, observando aí, as lutas cotidianas.

Foucault e Flores⁷⁴ se aproximam nesse aspecto, quando destacam a importância de estar atento a essas lutas para o alcance das liberdades e dignidade humana. No âmbito específico das mulheres, “além do feminismo, as práticas

⁷⁰ BRITO, Maria Noemi Castilhos. **O gênero, a história das mulheres e a memória**: um referencial de análise, 1993, p.25.

⁷¹ LE GOFF, Jacques. **Memória**. Enciclopédia EINAUDI, vol. 1, Portugal, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 198, p.13.

⁷² BRITO (1993), op.cit, p.25.

⁷³ PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p.15.

⁷⁴ FLORES, Joaquín Herrera. **A reinvenção dos Direitos Humanos**. Tradução de: Carlos Roberto Diogo Garcia; Antônio Henrique Graciano Suxberger; Jefferson Aparecido Dias. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009.

cotidianas da vida têm oferecido espaços para as mulheres determinarem suas próprias vidas.”⁷⁵. É importante, então, ouvir as distintas e diversas lutas sociais, fugindo do pensamento comum jurídico ocidental e da divisão hegemônica do fazer humano⁷⁶, pois,

O acesso aos bens, sempre e em todo momento, insere-se num processo mais amplo que faz com que uns tenham mais facilidade para obtê-los e que a outros seja mais difícil ou, até mesmo, impossível de obter. Falamos, por conseguinte, dos processos de divisão social, sexual, étnica e territorial do fazer humano. [...] a “posição” que ocupemos em tais marcos de divisão do fazer humano, teremos uma maior ou menor facilidade para ter acesso à educação, à moradia, à saúde, à expressão, ao meio ambiente, etc.⁷⁷

Esse processo que envolve lutas sociais⁷⁸ e questões éticas é fundamental para as conquistas dos direitos humanos e importantes para que se viva dignamente. Flores diz, também, que lutamos por direitos porque “consideramos injustos e desiguais tais processos de divisão do fazer humano”. As mulheres, homossexuais, negros e todos os grupos socialmente marginalizados têm maiores dificuldades de acesso aos bens materiais e imateriais, que afetam diretamente a dignidade, violando os direitos fundamentais da pessoa humana.

Sendo assim, “a história de grupos marginalizados e oprimidos por esses processos de divisão do fazer humano é a história do esforço para levar adiante práticas e dinâmicas sociais de luta contra esses mesmos grupos.”⁷⁹. Diante disso, o pensamento crítico e contextualizado contribui para emancipação e o empoderamento desses grupos, através de uma visão ética⁸⁰.

A história “vista por baixo”, juntamente com as lutas cotidianas, também nos possibilita novas perguntas ao passado, bem como novas respostas e conhecimento

⁷⁵ WEEKS (2009), op.cit., p.58.

⁷⁶ Flores (2009) propõe uma teoria crítica dos Direitos Humanos, baseada em uma perspectiva contextualizada em práticas sociais emancipatórias. É preciso urgentemente desconstruir, romper com a cultura da “naturalização” das exclusões, discriminações, desigualdades, intolerância e injustiças, já que essas são um construído histórico. É preciso “enfrentar essas amarras, mutiladoras do protagonismo, da cidadania e da dignidade de seres humanos” (PIOVESAN, 2009, p.23).

⁷⁷ FLORES (2009), op.cit., p.36.

⁷⁸ Para Flores (2009), os DHs são resultados sempre provisórios de lutas sociais pela dignidade. Provisórios, pois em cada momento histórico e realidade social, as lutas tem atributos e significados diferentes. Desse modo, as lutas sociais não podem estar prontas e acabadas em leis e normas jurídicas.

⁷⁹ FLORES (2009), op.cit., p.38.

⁸⁰ “A ética dos direitos humanos é a ética que vê no outro um ser merecedor de igual consideração e profundo respeito, dotado do direito de apropriar-se e desenvolver potencialidades humanas de forma livre, autônoma e plena. É a ética orientada pela afirmação da dignidade e pela prevenção ao sofrimento humano” (FLORES, 2009, p.21). Pacheco (2009) também fala sobre a ética e as possibilidades de interromper um ciclo repetitivo e abrimos possibilidades para sermos diferentes, o que, para ela, é “deixar nos afetar pelo Outro” (p.255).

ampliado. Ela propicia um estudo mais aprofundado de uma determinada sociedade ou região, inserida em uma determinada cultura.

Mesmo que as histórias regionais ou locais não consigam dar conta de todas lacunas, sua existência é importante. Para isso, é necessário resgatar a “dinâmica da prática social das pessoas, a partir da análise das condições históricas objetivadas em um determinado espaço.”⁸¹ Estas, possibilitam novas análises e significados das experiências dos indivíduos e grupos de qualquer classe, cor e gênero, tentando ressignificar e desconstruir as “verdades naturalizadas” que se reproduzem nos mais pequenos locais ou regiões.

Ao se atentar às “pequenas verdades inaparentes”, seja do estado de Goiás, seja sobre as mulheres goianas e o esporte, é importante observar que os regimes de “verdades” não são simplesmente ideológicos ou superestruturais e sim uma condição de formação e desenvolvimento do capitalismo⁸². Observar a formação e desenvolvimento do capitalismo é também se atentar às primeiras décadas do século XX. Período em que o Brasil passava por uma reestruturação política, social, econômica e cultural, que buscava a inserção das diversas localidades brasileiras no comércio e nos ditames da expansão do capital econômico e financeiro.

Sendo assim, a memória e a história “vistas por baixo” são um prolongamento das lutas no tempo e espaço⁸³ e entre classes, raça e gênero. Elas tomam como pontos de partida ações, vivências, situações antes não observadas ou percebidas, registrando uma série de acontecimentos ou significados que de outra forma seriam imperceptíveis, que só tem sentido e significado no contexto em que estão inseridas. Sendo assim,

Nestas histórias não se buscam necessariamente o fato histórico “verdadeiro”, mas como determinado período foi visto por determinadas pessoas em determinadas situações, o que dá maior vivacidade ao passado, dinamizando-o. A percepção dos acontecimentos inseridos em um determinado processo social influencia no registro feito individual ou coletivamente. As vivências se transformam em lembranças onde se reúnem aspectos objetivos do contexto mais amplo com o pessoal, através da subjetividade de cada um.⁸⁴

Pensar nas histórias do estado de Goiás é também pensar em histórias “vistas por baixo”. A história do Brasil, em contextos gerais, parte principalmente dos

⁸¹ PESAVENTO, Sandra Jathay. História regional e transformação social. In: SILVA, Marcos (Org.). **República em migalhas**. São Paulo: Anpuh: Marco Zero, 1990, p.96.

⁸² FOUCAULT (2013), op.cit, p.11.

⁸³ BRITO, (1993), op.cit.

⁸⁴ BRITO, (1993), op. cit., p.26.

grandes centros urbanos, em especial o eixo Rio de Janeiro / São Paulo. Acontece, no Brasil, uma centralização da produção científica que contribui para representações diferentes das realidades locais e para a marginalização das demais regiões brasileiras.

Essas relações de forças e de hierarquização também estão presentes na cultura corporal⁸⁵ e na construção do conhecimento produzido em relação a tais práticas dessas regiões marginalizadas. Contribuem, desta forma, para uma lacuna historiográfica em relação à cultura corporal e às práticas associadas a ela nas diferentes regiões brasileiras. Isso se intensifica quando focamos o olhar para a presença das mulheres goianas nessas práticas. Os arquivos goianos, em especial os jornais do século XIX e início do século XX, são quase exclusivamente escritos por homens e, como se sabe, longe de ser uma ação casual, isso é fruto de uma sedimentação seletiva que reproduz hierarquias, relações de força, poder e sistemas de valores.

Ainda que, em grande parte, seja escrita por homens, a memória escrita das mulheres goianas encontrada nos jornais durante as primeiras décadas do século XX é banhada de mudanças, mas também de permanências que se dividem, principalmente, entre modernidade e tradição. As “verdades” sobre o corpo e o que é “ser mulher” no estado de Goiás, a partir da imprensa desse período, estão baseadas principalmente no discurso religioso e médico higienista, reforçados pela tradição familiar, escola, igreja e logo, pelas diferentes práticas corporais e esportivas, fortemente disseminados pela imprensa.

1.2. Relações de poder, mulheres e práticas corporais e esportivas.

Ao fazer uma revisão e análise das principais teorias críticas do esporte⁸⁶, é possível perceber que as principais contribuições dessas abordagens centram suas observações, em grande medida, nas críticas aos valores capitalistas e em como estes se inserem e se disseminam na sociedade através do fenômeno esportivo. No entanto, nenhuma dessas teorias trata diretamente das relações entre questões de gênero e esporte ao longo da história.

⁸⁵ SOARES, Carmen Lúcia et al. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

⁸⁶ BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do esporte**. Porto Alegre: Urifuí, 2005.

Ainda assim, partindo do olhar sociológico das teorias críticas do esporte, foi possível fazer aproximações entre as questões de gênero⁸⁷ e as práticas corporais e esportivas. Nosso ponto de partida foi observar como as relações de poder, resistência e “verdades” construídas⁸⁸ perpassam pelo cotidiano goiano, tendo como foco principal as lutas cotidianas das goianas que rompem as barreiras de gênero e quebram os paradigmas dessas “verdades”.⁸⁹

Foucault⁹⁰ não é referenciado com frequência nas análises e reflexões sobre o fenômeno esportivo e os discursos que envolvem essa prática. Porém, aqueles que se propõem a pensar a partir de suas análises, acreditam na importância e na necessidade de novas formas de olhar, analisar, perguntar e refletir as questões sociais. Suas reflexões possibilitam novos olhares sobre o corpo que, de todas as formas, se interligam com o esporte, com as relações de poder e com as “verdades” socialmente construídas em relação ao corpo, na modernidade. Em muitas das vezes, tais “verdades” criam e reproduzem hierarquias, se sustentam “na biologia reprodutiva como central para o moderno discurso social e político, pois enfatizam a diferença e a divisão, ao invés da similaridade e da complementaridade.”⁹¹.

Desse modo, os caminhos traçados por Foucault no auxiliam a experimentar novas direções e a traçar novos caminhos, através das novas possibilidades e alternativas de olhar e refletir sobre as questões sociais. Foucault desconstrói a ideia

⁸⁷ SCOTT (1995); WEEKS (2009), op cit.

⁸⁸ FOUCAULT (2013) op.cit.

⁸⁹ FOUCAULT (2013) op.cit.

⁹⁰ Muitas críticas são feitas à Foucault, principalmente que seus argumentos são ausentes de uma retórica emancipatória ou que ele não se posiciona acerca da realidade, adotando uma postura alienada. Tais críticas são fundamentadas no fato de que existe um poder hegemônico que parte do sistema econômico capitalista, do Estado e das elites dominantes. No entanto, Foucault não desconsidera esses poderes. Seu argumento é que as relações de poder, na modernidade, não se centralizam; desse modo, não faz sentido pensar em um centro irradiador da soberania. Para ele, não existe um poder e sim relações de poderes que perpassam pelas pequenas e micro-relações do cotidiano, mas que também se entrelaçam com o sistema capitalista. Sobre isso, Machado (2013, p.13) diz que “sempre pareceu evidente para Foucault, a existência de formas de exercícios do poder diferentes do Estado, a ele articuladas de maneiras variadas e que são indispensáveis inclusive a sua sustentação e atuação eficaz”. Além disso, Foucault tece uma importante crítica à construção de saberes das ciências biológicas e humanas ocidentais, que criam “verdades” e contribuem para relações de hierarquias, marginalizações e também resistências. Em Foucault, em toda relação de poder existe ao mesmo tempo resistências. Sua proposta fundamental de libertação, não é o sexo ou a sexualidade (que pode se estender as práticas corporais e esportivas) e sim o corpo e seus prazeres, ou seja, a proposta de liberdade está na desnaturalização das “verdades” socialmente construídas sobre o corpo. (FOUCAULT, 1988).

⁹¹ WEEKS (2009), op.cit., p.58.

de que as relações de poder⁹² são unicamente centralizadas no Estado, sendo que o poder,

Não é um fenômeno de dominação macio e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras [...] não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. [...] Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer esse poder e de sofrer sua ação. [...] o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles.⁹³

Essas relações de poder são construídas e reproduzidas em diferentes instituições, como igreja, Estado, medicina, psiquiatria, escola, família, esportes e outras. “Todas procurando nos dizer quais as formas apropriadas para regular nossas atividades corporais”⁹⁴, nossas vidas. Quando falamos de relações de poder,

Não se trata de saber qual é o poder que age do exterior sobre a ciência, mas que efeitos de poder circulam entre os enunciados científicos; qual é o seu regime interior de poder [...] o poder deve ser analisado em seus menores detalhes, segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas.⁹⁵

Foucault descreve que, desde o início do século XVII, as relações de poder foram centradas no corpo individual. O corpo-indivíduo (poder disciplinar), partindo de ordenamentos de um soberano que tinha o poder de decisão sobre a vida e a morte; adestrando esse corpo individual, reforçando a aptidão, as forças e ao mesmo tempo a docilidade e a passividade, sendo assim corpos fáceis de adestrar; corpos dóceis.⁹⁶ Essa era uma forma de poder disciplinar⁹⁷. Desse modo, essas relações de poder disciplinar seriam, portanto, uma rede de métodos sobre o corpo que controlam o espaço e tempo, adestrando e manipulando os comportamentos e os gestos, impondo uma relação de docilidade-utilidade. Na forma disciplinar,

O poder é produtor da individualidade. O indivíduo é uma produção do poder e do saber. [...] o poder disciplinar não destrói o indivíduo; ao contrário, o fabrica [...] O adestramento do corpo, o aprendizado do gesto, a regulação do comportamento, a normalização do prazer, a interpretação do

⁹² Desloca o conceito de poder de coisa para relação, não centrando uma discussão em “o que é poder” e sim como ele funciona; como ele age. (VEIGA-NETO, 2008), por esse motivo, Foucault sempre fala das relações de poder e não do poder.

⁹³ FOUCAULT (2013), op.cit., p.284.

⁹⁴ WEEKS (2009) op.cit., p.42.

⁹⁵ FOUCAULT (2013), op.cit., p.39.

⁹⁶ FOUCAULT (2013), op.cit.

⁹⁷ “O efeito maior do poder disciplinar não é o de se apropriar violentamente de um corpo para dele extrair energia, afetos, submissão e trabalho, mas é, sim, o de adestrá-lo” (VEIGA-NETO, 2008, p.26).

discurso, com o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar.⁹⁸

Os saberes não foram construídos pelo sujeito e sim ao contrário, já que o sujeito só existe porque foi inventado pelo saber. Desse modo, as relações de poder disciplinar são importantes, também, para compreender quais são os efeitos de poder que contribuem para nos tornarmos socialmente sujeitos e, conseqüentemente, como ele age nos corpos torná-los socialmente mulheres e homens. O sujeito, para Foucault, é o produto de diversas relações horizontais desse “saber-poder”.

As relações de poder entre mulheres e homens também são construções sociais e produtos do “saber-poder”. No Ocidente, em geral, essas diferenças se sustentam nas bases biológicas do corpo que insistem, ao longo da história, em inferiorizar, marginalizar e desvalorizar todas as construções para além do homem branco ativo. As mulheres, seu corpo e sua sexualidade⁹⁹, por muito tempo, foram demonizadas, vigiadas, punidas e castigadas¹⁰⁰.

As mudanças dos regimes políticos, os efeitos e as mecânicas de poder vão “se expandir por toda a sociedade, assumindo as formas mais regionais e concretas, investindo em instituições, tomando corpo em técnicas de dominação.”¹⁰¹ Atingem o corpo “que situa no nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana, e por isso pode ser caracterizado como micropoder [...] realizando um controle detalhado, minucioso do corpo – gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discurso”¹⁰²

No final do século XVIII e início do século XIX, com as mudanças dos regimes políticos, as relações de poder deixam de centralizar-se unicamente no corpo-indivíduo para disciplinar o corpo-social, ou seja, essas relações de poder afetam suas vidas em conjunto. A instituição médica, juntamente com a religiosa e o Estado

⁹⁸ MACHADO, Roberto. Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. – 27 ed. São Paulo: Graal, 2013, p.26.

⁹⁹ Sexualidade: “Uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que se relacionam com o corpo e seus prazeres” (FOUCAULT, 1993, apud, WEEKS, 1999, p.43).

¹⁰⁰ E é possível desconfiar que ainda o são; o que difere são os discursos, mas muitas “verdades” ainda permanecem.

¹⁰¹ MACHADO (2013), op.cit., p.14.

¹⁰² MACHADO (2013), op.cit., p.14.

construíram “verdades” que ditam o que e a quem os indivíduos e a sociedade deverão ou não pertencer, fazer, agir, sentir desde o nascimento até a morte.

O corpo passa a ser classificado como pertencente a um ou a outro sexo¹⁰³, marginalizando e descartando todos os indivíduos que, por algum motivo, não se encaixaram nesses “padrões” e classificações “naturais”. Essas novas relações de poder são nomeadas de biopolítica¹⁰⁴, por Foucault. Nesse sentido,

Os discursos médicos explicitavam aspectos de normatização de um imaginário social urbano em transformação, com a construção de um perfil ideal feminino que refletia o perfil masculino. Assim, o discurso médico classificou o real através de categorias que se transformaram em universais e em exemplo de objetividade e racionalidade, impondo uma ordem dualista com rígidas classificações que desembocam no binômio permitido/proibido [...].¹⁰⁵

A biopolítica, então, regula e mantém para a vida, e não para a morte, o corpo social das mulheres¹⁰⁶, dos homens, das crianças, idosos e jovens. Isso ocorre nos vários momentos e situações da vida, quais seja, na puberdade; na maternidade, na amamentação, na educação, na reprodução, na sexualidade, na feminilidade, na masculinidade, na infância, na higiene, na saúde, na doença, na mortalidade, entre outros. As relações de poder, cada vez mais circulantes e dinâmicas nas diversas instituições sociais, se sustentando em “verdades” construídas, agora não mais centradas em um lugar ou em um indivíduo soberano.

Através do corpo, a medicina e seus ideais higienistas também estiveram intimamente ligados às práticas corporais, em especial ao esporte, à ginástica e à

¹⁰³ “[...] Se refere às diferenças anatômicas entre homens e mulheres, a cores marcadamente diferenciados e ao que nos divide e não a que nos une [...] Embora essas distinções anatômicas sejam geralmente dadas no nascimento, os significados a elas associados são altamente históricos e sociais” (WEEKS, 2009, p.42, 43).

¹⁰⁴ Não significa que a biopolítica substituiu o poder disciplinar. As duas relações de poder são complementares.

¹⁰⁵ MATOS, Maria Izilda Santos de. Delineamento dos corpos. As representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890-1930). In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Orgs). **O corpo feminino em debate**. – São Paulo: Editora UNESP, 2003, p.121.

¹⁰⁶ Existem linhas dos estudos feministas que tecem críticas aos estudos de Foucault. Primeiro porque a história das mulheres não é seu foco principal (em *Microfísica do Poder*, ele cita sua vontade de estudos sobre as mulheres e esse seria o um dos temas tratados de suas próximas obras, no entanto, ele faleceu antes de concretizar esse objetivo); segundo por interpretarem sua teoria como androcêntrica, já que ele não fala especificamente do corpo das mulheres. Mas, ao mesmo tempo, diversos são também os estudos feministas que embasam-se em suas teorias, principalmente sobre resistência, corpo, poder, família, maternidade, possibilitando a escrita de novas histórias que, conseqüentemente, fazem surgir novos sujeitos históricos. As obras de Foucault também apontam para o reconhecimento das lutas cotidianas. Está aí uma das grandes importâncias de Foucault e a história das mulheres. Além de fazer uma importante crítica à construção de saberes das ciências biológicas e também humanas, que criam “verdades” e contribuem para hierarquias, marginalizações e exclusões.

educação do corpo. Grande parte das análises da história acerca da ginástica e do esporte no Brasil tem focado principalmente nas influências militares e em seus princípios positivistas. No entanto, existem fortes influências da medicina social e sanitária embasadas na higiene do corpo e na forte construção de “verdades” e discursos que são reforçados na instituição familiar¹⁰⁷, assim como nas instituições religiosa, educacional e esportiva por exemplo.

É possível observar em outras pesquisas que, principalmente no final do século XIX e início do século XX, as manifestações corporais e esportivas e a ginástica contribuíram para o reforço de representações de indivíduos e de populações saudáveis. Ter uma população saudável era indispensável para o processo de desenvolvimento em que se encontrava o país, e o discurso médico-higienista foi um poderoso instrumento na construção dessas “verdades”, pois,

O domínio e a consciência do próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isso conduz ao desejo do próprio corpo por meio de um trabalho insistente, obstinado, metucioso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados sobre o corpo sadio. [...] O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo.¹⁰⁸

Logo o “esporte passou a ser representado como um poderoso instrumento modelador das formas e agente de ordenação dos corpos de homens, mulheres, jovens e crianças”¹⁰⁹. Desse modo, as “verdades” e as relações de poder não são construídas pelas manifestações corporais e esportivas e sim reproduzidas por essas. Os mecanismos de poder-saber perpassam, então, pelas práticas corporais e esportivas¹¹⁰. Sendo assim,

As atividades corporais dos séculos XVII e XIX e o esporte do século XX são apenas exemplos de uma instrumentalização do corpo humano (produção, medicina, militarismo, justiça, etc.) [...] O uso instrumental do corpo bloqueia a possibilidade de percebê-lo adequadamente, assim, não pode ser escutado e percebido. Somente em sua função de objeto ele ainda é considerado; se ele pode funcionar de forma eficiente e bom rendimento. O corpo torna-se surdo, isto é, ele foi calado.¹¹¹

¹⁰⁷ CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta**. Campinas, SP: Papirus, 1988. 18ª edição, 2010.

¹⁰⁸ FOUCAULT (2013), op.cit., p.235.

¹⁰⁹ Imagens da mulher no esporte. In: DEL PRIORI, M; MELO, Vitor Andrade (Orgs.) **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. – São Paulo: Editora UNESP, 2009, p.275.

¹¹⁰ Foucault não tem uma obra específica sobre o esporte, mas diz claramente que este, bem como a educação física e a ginástica são importantes elementos da disciplinarização e normatização do corpo (FOUCAULT, 2013).

¹¹¹ BRACHT (2005), p.178.

A instrumentalização e as construções de “verdades” sobre o corpo o tornam estranho ao indivíduo; surdo, mudo, acrítico e sem criatividade em relação aos seus prazeres e vontades, tornando-se coisificado, alienado e reprodutivista daquilo que o cerca. Isso, ao longo da história, vai se intensificando principalmente a partir do momento que a política governamental começa a interferir diretamente nessas práticas e manifestações.

Na década de 1930, o samba e o futebol foram fundamentais para estabelecer a identidade nacional visada pelo aparato governamental. O samba nasceu nas camadas populares e conquistou as elites. O futebol nasceu no berço aristocrático e se tornou uma das maiores paixões das classes populares. Foi justamente isso, a proximidade do povo e sua identificação com a nação, que aproximou o esporte do projeto nacionalista proposto pelo governo provisório¹¹².

Em meados da década de 1930 e 1940, o esporte, em especial o futebol, serviu de ação controladora, disciplinada e regrada, aliado na divulgação da ordem, da unidade e da harmonia social. No entanto, a própria característica lúdica do esporte possibilitava resistências e provocava espaços de tensão e “esses espaços de tensão foram aproveitados pelas massas para contrariar o autoritarismo estadonovista e pelas elites deslocadas do poder que, por meio dessas áreas conflituosas, tentaram se recolocar no centro decisório nacional”¹¹³.

Em contextos gerais, a presença dos torcedores das classes populares era encarada de forma não civilizada e o Estado intervia com o policiamento para conter a população e os demais torcedores. Ao mesmo tempo em que o futebol era propagado como uma prática saudável para todos, reprimia a presença de todos, em nome da ordem, disciplina e da moral.¹¹⁴

Outro fato importante de discontinuidades e resistências às redes de poder é a participação dos negros nas práticas corporais e esportivas¹¹⁵. Estes se destacaram em um campo que carrega em sua trajetória uma história das elites, uma história de marginalização, pois “nos anos antecedentes a I Guerra Mundial, estava em voga a eugenia, a procriação planejada dos melhores indivíduos [...] o

¹¹² DRUMOND (2009), op.cit., p. 214.

¹¹³ PARDINI, Melina Nobrega Miranda. A narrativa da ordem e a voz da multidão: o futebol na imprensa durante o Estado Novo. **Dissertação de mestrado**. Biblioteca Digital – USP, 2009, p.217.

¹¹⁴ PARDINI (2009), op.cit..

¹¹⁵ Tal presença e participação podem ser passíveis de críticas ao longo do tempo, e são analisadas mais profundamente por Abrahão (2009), que traz discussões acerca do elogio ao negro no campo de futebol e os efeitos perversos desse elogio.

que alimentou um racismo florescente nos anos entre guerras”¹¹⁶. Mas o molejo e o gingado dos jogadores causavam um enorme alvoroço, questionando os ideais de embranquecimento da raça brasileira e da ordem e disciplina pautados no discurso nacionalista.

Desse modo, a política vigente caiu em contradição, pois a prática esportiva mexe com os sentimentos e as sensações dos indivíduos e a disciplina e a ordem passam longe dessas sensações. Isso foi um dos motivos para que suas estratégias de poder baseadas na higiene-eugenia do discurso médico, visando uma ordem contínua a partir de um bem comum social (futebol), não desse muito certo.

A presença das mulheres nas práticas corporais e esportivas também marca resistências, mesmo que cheias de ambiguidades, pois,

[...] por um lado o incentivo à participação feminina no universo das práticas corporais e esportivas estava voltado para a maior inserção das mulheres na vida social daquele tempo, por outro, estava fortemente atrelada à política nacionalista em voga, que, assentada na eugenia e no higienismo, identificava o corpo feminino como local privilegiado para a consolidação do projeto nacional de fortalecimento orgânico dos corpos, do aprimoramento dos valores morais, da construção da raça forte e, por consequência, de uma nação forte.¹¹⁷

De todo modo, para as mulheres brasileiras essas manifestações foram importantes espaços de resistência e sociabilidade, pois possibilitavam o intercâmbio de lugares, a evidência e a sociabilidade em diferentes espaços públicos.

A inserção das mulheres no universo cultural do esporte aconteceu no final do século XIX e início do século XX. Em um primeiro momento, elas compunham e formavam as torcidas nas arquibancadas, pois “naturalmente” quem tinha a força e virilidade eram os homens e a passividade, docilidade e feminilidade, eram as mulheres¹¹⁸.

Nessa época, as mulheres brasileiras eram intimamente associadas ao romantismo e à literatura, comedidas e delicadas, eram educadas para se casarem e terem filhos. Logo “os médicos, em especial os higienistas, iniciaram a proclamar os benefícios que o exercício físico trazia para as mulheres, proporcionando-lhes

¹¹⁶ WEEKS 92009), op.cit., p.53.

¹¹⁷ GOELLNER (2009), op.cit., p.276.

¹¹⁸ GOELLNER (2009), op.cit

melhores condições orgânicas não só para enfrentar a maternidade, mas inclusive, para embelezá-las”¹¹⁹.

No decorrer do século XX, era preciso disciplinar o corpo das mulheres. Por isso, ao mesmo tempo que as mulheres eram incentivadas a estar presente na vida social eram também reprimidas. Antes de qualquer coisa, deveriam sempre cumprir seus “papéis” domésticos e maternos, socialmente esperados.

Ao contrário do que se pensa, os efeitos de poder não proíbem a presença das mulheres. Na verdade, induzem para depois reprimi-las e reforçar “quais são seus lugares”. Induzem que estejam presentes para que as construções de “verdades” sobre o corpo e sobre seus papéis sociais (que reforçam passividade, docilidade, feminilidade e a maternidade, depois a sexualidade e a erotização, por exemplo) sejam reforçados.

Aquilo que proíbe de fato (por exemplo, Decreto Lei 3.199 de 1941) não proíbe por completo: Senhorinha seu bem-estar biológico e sua sublime função materna são o que importa! Você não pode jogar futebol, mas você pode jogar vôlei e ainda garantir sua beleza, sua feminilidade e suas funções maternas. No entanto, isso não significa que, mesmo com todas as proibições e induções, muitas mulheres brasileiras deixassem de praticar o futebol, por exemplo.

Para Franzini¹²⁰,

Além do machismo e do moralismo que essas ditas preocupações com o bem-estar das brasileiras não conseguem esconder, elas revelam que na verdade, o grande problema dizia respeito não ao futebol em si, mas justamente à subversão de papéis promovidos pelas jovens que o praticava, uma vez que elas estariam abandonando suas “funções naturais” para invadirem os espaços dos homens. Não por acaso, o foco do debate centrava-se no uso que as mulheres faziam do seu próprio corpo, daí derivando-se do tema da maternidade.

Os valores higiênicos e o discurso da construção de uma “nova” mulher continuavam refletindo relações ambíguas, pois ao mesmo tempo que disciplinava, possibilitava quebra de barreiras e desconstruía “verdades”:

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionados à

¹¹⁹ GOELLNER (2009), op.cit., p. 273.

¹²⁰ FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa pra macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista brasileira de história**. São Paulo, v.25, n.50, p.315-328, 2005, p.321.

mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Pareciam ainda, desestabilizar um terreno criado e mantido sob domínio masculino, cuja justificativa, estava assentada na biologia do corpo e do sexo.¹²¹

As práticas corporais e esportivas possibilitavam deslocamentos, desestabilidades, mas o discurso do “papel natural” da mulher era o que tinha mais força. Sempre pautado no bem-estar das funções biológicas e maternas. Matos¹²² diz que o discurso médico¹²³ parte das descrições normativas, que afirma e define papéis, funções e sexualidade das mulheres e dos homens. O saber higiênico-sanitarista conjugou o olhar médico com a política de intervenção do Estado e nesse momento, esse “saber-poder médico” estava se consolidando com força no Brasil.

Era preciso mudar hábitos e atitudes, de tal modo que o papel do médico tornou-se decisivo na configuração das pautas culturais e normativas. Assim, o cientificismo imperante nesse período permitiu aos médicos expandir o controle sobre a vida de homens e mulheres, normatizando seus corpos e os procedimentos, disciplinando a sociedade, ordenando a sexualidade e os prazeres.¹²⁴

O discurso médico em relação ao corpo tornava-se um importante produtor de “verdades” que acaba desqualificando outras “verdades”. Aos médicos caberia indicar o que fazer, como fazer e quando fazer e, ainda, sanar e interceder; orientando a vida nos diversos âmbitos sociais e aspectos, seja em casa, no trabalho, na sexualidade e nos corpos. Caberia às mulheres cuidar da saúde e do bem-estar da família, sendo responsáveis pela higiene doméstica e pelos filhos.¹²⁵

A medicina higienista mantinha o poder de construir “verdades” e a educação das mulheres foi um dos pontos centrais, já que pretendiam aprimorar-lhes a moral e também o físico, para a construção e o fortalecimento da futura nação. “A “nova mulher”, submetida à tutela médica, além de se constituir num agente familiar da

¹²¹ GOELLNER (2009), op.cit., p.279.

¹²² MATOS (2003), op.cit..

¹²³ O saber médico, para Foucault, é uma estrutura sólida que se enraíza nas estruturas sociais, fortificando “um novo regime no discurso e no saber”, que muda, cria e recria as verdades sociais; que para ele são descontinuidades históricas. O que intriga Foucault, na sua segunda fase de análises (genealógica), é entender como acontecem essas descontinuidades, como em alguns momentos, certas ordens sofrem mudanças bruscas não correspondentes à continuidade e a tranquilidade que normalmente se encontrava (FOUCAULT, 2013).

¹²⁴ MATOS (2003), op.cit..p.109

¹²⁵ MATOS (2003), op.cit..

higiene social tornava-se o baluarte da moral da sociedade. Dessa forma, as normas médicas deveriam ser transmitidas pelas mães às filhas”¹²⁶.

O discurso médico se apoderou também das crianças, como elementos chave de uma sociedade pautada na instituição familiar. Às mães era atribuída a responsabilidade da moral, da higiene, da alimentação e dos hábitos dessas crianças. Os médicos viam nas mães seus sistemas reprodutivos a favor do Estado e, por isso, o útero determinava a “condição feminina” desde o nascimento. A sexualidade, da mulher e a do homem, também passou a fazer parte desse saber médico e o casamento visto como o regulador, tanto dos “perigos da vida moderna” quanto das energias corporais (os desejos).¹²⁷

Os médicos defendiam a castidade antes do matrimônio. O leito conjugal era um lugar sagrado para a reprodução e as práticas em excesso eram condenadas. Esse discurso contribuiu, de forma implícita, para a criação do imaginário e das representações sociais dos padrões ideais para mulheres e homens, transformando certas categorias em universais e classificando as pessoas, seus atos e suas ações.

Assume-se que o homem é o indivíduo forte e que com sua agressividade e inteligência impôs o desenvolvimento da civilização urbana, ao passo que a mulher, por sua natureza passiva e fecunda, deve perpetuar essa civilização através da maternidade. Destacando as potencialidades masculinas, o discurso médico legitimava o domínio do homem sobre a mulher.¹²⁸

As relações de poder criadas pelo discurso médico definiram e reforçaram as oposições entre mulheres e homens, criando relações hierárquicas que subordinam uns indivíduos em relação aos outros, julgando também o que é “normal” ou “anormal.”¹²⁹ São reforçadas em várias instâncias e instituições sociais, como a escola e o trabalho doméstico, por exemplo, ou em instituições públicas, dentre outras o esporte que, em grande medida, reproduz as hierarquias entre mulheres e homens.

A educação física e a ginástica, desde as suas primeiras manifestações, não ficam fora do reforço das “verdades” construídas. Elas estão em todas as instâncias sociais, atingindo as formas de ser dos indivíduos; no corpo, nos comportamentos, nos desejos, nas ações, nos discursos, nas “verdades”, etc.

¹²⁶ MATOS (2003), op.cit..p.110.

¹²⁷ MATOS (2003), op.cit..p.120.

¹²⁸ MATOS (2003), op.cit.. p.121.

¹²⁹ WEKKS (2009), op.cit..

Foi da ginástica que partiram “as teorias da hoje denominada Educação Física no Ocidente. Balizou o pensamento moderno em torno das práticas corporais que se construíram fora do mundo do trabalho, trazendo a ideia de saúde, vigor, energia e moral coladas à sua aplicação.”¹³⁰ Perpassa pelas relações de poder, da disciplina individual sobre o corpo, tanto dos homens quanto das mulheres, através do discurso militar e médico higienista sobre quais atividades físicas as mulheres poderiam ou não fazer. A ginástica foi uma prática adotada a favor da construção do corpo disciplinado e da representação¹³¹ de ser bela, feminina e, acima de tudo, mãe.

Soares¹³² afirma que, desde o século XIX, a ginástica se afirma significativamente no reforço e na criação de novos códigos de civilidade, exibindo um corpo perfeito, cuja simetria nunca fora vista antes. “Nada está solto ou largado. Nada está fora do prumo. Este corpo fechado e empertigado desejou banir qualquer vestígio de exibição do orgânico e, sobretudo, qualquer indício de perda de fixidez, qualquer sinal de um estado de mutação”.

Forma-se, então, desde o século XIX, uma pedagogia do gesto e da vontade, uma “educação do corpo” e a ginástica enquadra-se nessa pedagogia, ditando preceitos e normas, moldando os corpos desde criança. Aqueles corpos que estavam fora desse padrão educado não interessavam. O corpo moldado e adestrado era considerado capaz de instaurar e manter a ordem coletiva.

Surge, nesse século, o Movimento Ginástico Europeu, que segue princípios de ordem e disciplina coletiva. Mas, para as pessoas em geral, a característica que mais predominava era o divertimento. Tais princípios foram sendo aceitos aos poucos e logo se afirmando como uma educação para os indivíduos. A ginástica,

Destaca-se pelo seu caráter ordenativo, disciplinador e metódico. [...] a suposta aquisição e preservação da saúde, compreendida já como conquista/responsabilidade individual podia ocorrer como decorrência de sua prática sistemática, afirmavam higienistas e pedagogos como críticos dos “excessos do corpo” vividos por acrobatas e funâmbulos.¹³³

¹³⁰ SOARES, Carmem Lúcia. Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. **Dissertação de mestrado**. UNICAMP, 1996, p.4.

¹³¹ Representação, segundo Chartier (1988), é o que se entende do mundo social a partir de classificações, delimitações e divisões, sendo esses, em sua maioria, construídos, reproduzidos e determinados por interesses de um ou mais grupos, não sendo, então, neutros.

¹³² SOARES (1996), op.cit.

¹³³ SOARES (1996), op.cit.

A higiene prevalecia também nos princípios ginásticos, sob a forma de controle do corpo. Inicialmente era uma prática masculina voltada ao militarismo, o que também contribuía para o binarismo entre os sexos e suas relações hierárquicas. Além disso, visava à regeneração da raça, propagação da saúde, e também, coragem e força para servir a Pátria, interferindo no modo de ser e viver das pessoas.¹³⁴

Ao mesmo tempo, essas práticas estavam presentes nas manifestações populares, como no circo e nas artes. Isso incomodava a burguesia e a classe médica higienista, que era responsável por cuidar dos corpos; já que essas práticas provocavam o riso e também a liberdade das diversas classes sociais, principalmente a classe trabalhadora, que usava suas horas livres, para atividades nada próximas com suas atividades de trabalho. Instalou-se então, um desejo de controlar o divertimento do povo e conseqüentemente, seu tempo livre. Estava ali, um corpo “ágil, alegre, cheio de vida porque expressão de liberdade e, sobretudo resistente às regras e as normas”¹³⁵.

O saber médico-higienista tentava de todos os modos a regulamentação e normatização dos corpos, usando também os métodos ginásticos, o que era recebido com resistência pelos equilibristas e bailarinos, entre outros. Opunham-se, por meio das atividades artísticas e circenses da cultura popular, contra os padrões dos gestos, do corpo perfeito e disciplinado, ditado pelas novas ordens exigidas pela “ginástica científica que se oferece como espetáculo ‘controlado’ do uso do corpo, um espetáculo protegido e trazido para dentro das instituições.”¹³⁶

A doutrina religiosa também reforçava as relações de poder e hierarquias. Valorizava a cabeça e a parte “alta” do corpo, descartando e desconsiderando a parte “baixa”, que deveria ser sempre escondida e contida, segundo Soares (1996). A religião, que também constrói “verdades” sobre o corpo e suas ações, visando controlá-lo, seja com o matrimônio, pecados ou tabus, perpassa também pela ginástica.

Com as mulheres, na metade do século XIX, a ginástica de Amoros começa a estabelecer hábitos de vida saudáveis e formas de beleza, sendo que,

¹³⁴ SOARES (1996), op.cit.

¹³⁵ SOARES (1996), op.cit.

¹³⁶ SOARES (1996), op.cit.

Vícios posturais e doenças pulmonares deviam ser combatidos com séries específicas de exercícios físicos. Até as mulheres começaram a receber um tratamento especial e, assim, alertadas de forma contundente a abandonarem todos os artifícios da moda como espartilhos, porta seios, saltos altos, peças que formavam uma couraça e impediam o desenvolvimento corporal harmonioso da 'futura mãe'. É nesse período também que foram iniciadas, de forma mais sistemática, pesquisas que resultaram em propostas de exercícios físicos e práticas corporais específicas às mulheres.¹³⁷

No Brasil e no estado de Goiás, essas atividades tidas como saudáveis tanto para o corpo quanto para mente, se inseriram na vida das mulheres. Eram reproduzidas especialmente no ambiente escolar através especialmente da ginástica e reforçadas através da imprensa goiana. Para as mulheres, a ginástica proporcionaria um corpo saudável e fortificado para estabelecer suas funções "naturais"¹³⁸

A educação física brasileira também contribuiu para disciplinarização do corpo, de mulheres e homens, desde suas primeiras práticas no século XIX¹³⁹. Ela carrega até hoje as representações e simbologias da busca do corpo ideal e perfeito, em nome da saúde e, além disso, contribui para reafirmar negativamente as diferenças e hierarquias entre meninos e meninas. As aulas de educação física, até os dias atuais, são historicamente marcadas por relações de poder e resistência, principalmente nas relações de gênero.

Para Altmann, baseada em Foucault e Scott¹⁴⁰, as relações de gênero também são relações de poder:

Aquilo que define uma relação de poder é um modo de ação que não age direta e imediatamente sobre os outros, mas que age sobre sua própria ação. Uma ação sobre a ação, sobre ações eventuais, ou atuais, futuras ou presentes. Uma relação de violência age sobre um corpo, sobre as coisas; ela força, ela submete, ela quebra ela destrói; ela fecha todas as possibilidades; não tem, portanto, junto de si, outro pólo, senão aquele da passividade; e, se encontra uma resistência, a única escolha é tentar reduzi-la. Uma relação de poder, ao contrário, se articula sobre dois elementos que lhe são indispensáveis [...]: que 'o outro' (aquele sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como o sujeito de ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis.¹⁴¹

¹³⁷ SOARES (1996), op.cit. p.13-14.

¹³⁸ GOELLNER (2009), op.cit.

¹³⁹ CASTELLANI FILHO (1988), op.cit..

¹⁴⁰ SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. In: **Edu. e Realidade**. Porto Alegre, v.16, n2:5, 22. Dez. 1990.

¹⁴¹ FOUCAULT apud ALTMANN (1999), op.cit.

Como as relações entre os gêneros são construções históricas e sociais, que podem ser observadas e articuladas com outras categorias, por exemplo, classe social, etnia/raça, religião e outros¹⁴², é possível a desconstrução das polaridades entre os sexos.¹⁴³

Daólio¹⁴⁴ faz contribuições acerca do corpo da mulher e das relações entre meninos e meninas nas aulas de educação física atualmente. Para Daólio, em sua grande maioria, as questões hierárquicas entre os gêneros são veladas nas aulas de educação física e também em outras atividades, pois “há uma construção cultural do corpo feminino diferente da construção cultural do corpo masculino. [...] essas diferenças dizem respeito também ao aspecto biológico, chegando até as motivações e os interesses de um e de outro sexo para atividades específicas.”¹⁴⁵

A exemplo disso, Daólio cita uma pesquisa de Eliane Romero (1990 a 1994), realizada com alunos e alunas, propondo que estes atribuíssem adjetivos concordando ou discordando em relação a mulheres e homens:

Os alunos do sexo masculino tiveram os seguintes adjetivos, considerados pelos professores como adequados ao seu sexo: agressivo, ativo, autoritário, capaz, dedicado ao lar, dedicado, esportivo, forte (fisicamente), independente, líder e machista. As meninas foram associadas aos seguintes adjetivos: atraente, decidida, elegante, meiga, responsável, sensível, vaidosa.¹⁴⁶

Essas respostas são construídas, embasadas e influenciadas por discursos que partem, em grande parte, das instâncias sociais que cercam o cotidiano de meninas e meninos atualmente (mídias em geral, família, escola, religião, universidade, esporte etc). Daólio¹⁴⁷ caracteriza esses reflexos como a “força da tradição de um determinado valor ou costume cultural”. Desta forma, o indivíduo que assume outros comportamentos historicamente construídos para um ou outro sexo, está indo contra a

¹⁴² “O reconhecimento da articulação de diversas categorias (classe, etnia, gênero, geração, orientação sexual, religião...) nos conduz, também, a perceber e a conceitualizar de outro modo as relações de poder” (LOURO, 1996, p.16), relações estas, que são também lutas cotidianas de poder e resistência (FOUCAULT, 1985).

¹⁴³ ALTMANN, Helena (1999), op.cit.

¹⁴⁴ DAÓLIO, Jocimar. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em “antas”. In: **Cultura:** educação física e futebol. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

¹⁴⁵ DAOLIO (1997), op.cit. p.81.

¹⁴⁶ DAOLIO (1997), op.cit. p.86.

¹⁴⁷ DAOLIO (1997), op.cit. p.83.

tradição¹⁴⁸. Essa força do ciclo da tradição, que é repetida e reproduzida entre as gerações, precisa urgentemente ser quebrada, desconstruída, desnaturalizada.

As manifestações corporais e esportivas, da maneira que foram e ainda são postas até os dias atuais¹⁴⁹, contribuem para as diferenças hierárquicas. São manifestações que carregam uma história masculinizada e naturalizada pois se identificaram com as referências sociais construídas sobre o corpo masculino e, desta forma, marginalizam a atuação das mulheres.

Para Foucault, ainda que tratando especificamente do corpo e da sexualidade, mas possibilitando estender às manifestações corporais e esportivas e a todas as outras instâncias sociais que reforçam as diferenças hierárquicas entre os gêneros, a possibilidade de libertação é:

Não acreditar que dizendo sim ao sexo se está dizendo não ao poder; ao contrário, se está seguindo a linha do dispositivo geral de sexualidade. Se, por uma inversão tática dos diversos mecanismos da sexualidade, quisermos opor os corpos, os prazeres, os saberes, em sua multiplicidade e sua possibilidade de resistência às captações do poder, será com relação à instância do sexo que deveremos libertar-nos. Contra o dispositivo de sexualidade, o ponto de apoio contra-ataque não deve ser o sexo-desejo, mas o corpo e os prazeres.¹⁵⁰

Não significa, portanto, que ao dizer sim à prática esportiva, as mulheres (e também os homens diferentes do estereótipo forte, ágil, etc.) estarão dizendo não às relações de poder (aos saberes científicos construídos que enquadram os indivíduos em posições sociais “fixas”, consequentemente hierarquizadas e excludentes). É preciso ter como contra-ataque o corpo e seus prazeres, desnaturalizando “verdades” que perpassam todas as instâncias sociais que acarretam no julgamento social e individual sobre o que devemos ser e onde devemos estar. Para isso interessa,

Saber se é possível construir uma nova política de verdade. O problema não é mudar a “consciência” das pessoas, ou o que elas têm na cabeça,

¹⁴⁸ Daólio não diz que a cultura nos molda e que nada há para se fazer. Para ele “de fato, se a cultura influencia no comportamento humano, quem produz e transforma a cultura cotidianamente são os seres humanos” (DAÓLIO, 1997, p.84).

¹⁴⁹ Já há alguns anos, uma vez por ano é realizado um concurso chamado “Musa do Goianão”, onde algumas mulheres (cada uma representando um time) são votadas e classificadas através da imagem dos seus corpos. Nas propagandas aparecem de biquíni ou com a camiseta do time que estão representando, mas, de forma alguma, além da exposição corporal, apresentam relação com a prática efetiva do futebol. Tal exposição entra em contradição, mas ao mesmo tempo reproduz e afirma a pesquisa do IPEA citada no início deste capítulo. Ao serem expostas como musas, essas mulheres “podem” usar roupas curtas com todo louvor, já que isso agrada o imaginário masculino que cerca a prática esportiva em relação à presença das mulheres. Ver: < <http://redeglobo.globo.com/go/tvanhanguera/institucional/videos/t/videos/v/vem-ai-musa-do-goianao-2014-aguarde/3163831/>>.

¹⁵⁰ FOUCAULT (2013), op.cit.

mas o regime político, econômico, institucional de produção de verdade. Não se trata de libertar a verdade de todo sistema de poder – o que seria quimérico à medida que a própria verdade é poder -, mas desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais ela funciona no momento.¹⁵¹

Desse modo, teremos condições concretas e provisórias para pensar no fim das violações e em uma vida digna. Ao desconstruir “verdades”, pouco a pouco pode-se abrir novos horizontes e propor novas alternativas. O direito à memória¹⁵² pode ser uma alternativa, ao contribuir para ressignificar o passado e refletir de forma crítica quanto às mudanças e continuidades sobre as violações dos direitos humanos, as naturalizações e as injustiças sociais.

Contudo, ao pensarmos em direitos, não podemos cair na problemática de reduzi-los a norma jurídica (que escondem sistemas de valores)¹⁵³. É fundamental pensarmos nas lutas e ações sociais, na perspectiva contextual e crítica¹⁵⁴. Enfim, é preciso atentar-se às lutas sociais cotidianas visando as (des)construções de “verdades” para que elas se desvinculem das formas hegemônicas e, a partir daí, sugerir.

¹⁵¹ FOUCAULT (2013), op.cit.p.54.

¹⁵² O direito à memória é garantido pela Constituição Federal de 1988, no artigo 216: “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]”.

¹⁵³ Dalmo Dallari em suas obras também tece críticas sobre a questão da tradição do Direito ser reduzida a leis e a normas jurídicas. Tradicionalmente, o Direito acaba sendo totalmente desconexo e descontextualizado da realidade social de diversos grupos sociais e, conseqüentemente, das lutas cotidianas. Diante disso, na modernidade aparentemente temos leis para quem? As mulheres, por exemplo, passaram mais de 200 anos sofrendo uma discriminação legalizada (não eram consideradas cidadãs ativas), sem muitos questionamentos. Além disso ser considerado “natural” ao longo da história, estava reforçado na lei, e esta é pra ser cumprida, independente de ser justa ou discriminatória. A lei, tida como único direito e vice-versa, tem seus reflexos até nos dias atuais (desde a Revolução Francesa).

¹⁵⁴ FLORES (2009), op.cit., p.24.

CAPÍTULO 2

CONTEXTUALIZANDO O OBJETO E A FONTE DE PESQUISA

À primeira vista, através do que foi publicado na imprensa goiana durante as primeiras décadas do século XX, “ser mulher” no estado de Goiás era estar diretamente ligada ao lar, ao casamento e aos filhos: “mulher: companheira que Deus entendeu que deveria dar ao homem, ordenando que lhe rendesse obediência [...]”¹⁵⁵. “Ser” mulher era cumprir a missão que lhe foi confiada por Deus (ser mãe), era ser nobre e a serviço da nação, era ser cristã¹⁵⁶. Desde jovens deveriam ter um coração sensível e generoso¹⁵⁷, pois,

O princípio fundamental da sociedade, ela, principalmente a jovem, deve ser um lírio de pureza para tornar-se digna da missão que lhe foi confiada. Os sentimentos puros e os costumes nobres que se enraízam profundamente no coração da criança, implementados pela mulher cristã, são os principais fatores do ideal e do progresso, que enaltecem uma sociedade, um povo, enfim uma nação. [...] Que sublime missão a de ser mãe¹⁵⁸.

Esse foi o discurso aparentemente vigente em grande parte das notícias publicadas sobre as mulheres. Tais discursos foram reforçados principalmente por meio da religião e, logo depois, pela Diretoria de Higiene¹⁵⁹, só que com novos moldes. Assim, “ser” mulher era estar, prioritariamente, ligada ao lar, sendo mãe e esposa. Essas “verdades”, de maneira geral, acabavam por marginalizar todas as inúmeras possibilidades individuais e coletivas de “ser” mulher. Ser mãe era:

Mãe de família é a mulher cristã [...] a heroína obscura da epopeia inédita do lar [...] a esposa e mãe que esboçando risos ou sufocando lágrimas toma a si o dever de tornar venturoso o santuário confiado à sua guarda. [...] E se por ventura o marido falha com os deveres de esposo e pai, ameaça a trazer a ruína e a miséria ao lar, ela, nas longas noites de calada vigília chora e procura na contemplação fêvida do crucifixo haurir a força, o alento e a energia [...] são todas as mães goianas, pois elas são santas.¹⁶⁰

Nessa perspectiva, o casamento era o único fim para as mulheres:

¹⁵⁵ INDISCRÉTA: Homens e mulheres. Fora do Lar. **Jornal O Lar**, n.70, p.4, 30/Jun./1929.

¹⁵⁶ DORZINHA NETO. A mulher na sociedade. **Jornal O lar**, Catalão, n.4, p.1, 30/Set./1926.

¹⁵⁷ As jovens goianas. **Jornal O Lar**, n.23, p.2, 16/Jun./1927.

¹⁵⁸ DORZINHA NETO. A mulher na sociedade. **Jornal O lar**, Catalão, n.4, p.1, 30/Set./1926.

¹⁵⁹ DIRETORIA DE HIGIENE. Seção Noticiosa. **Correio Oficial**. n.1879, p.1. 06/Abr./1931.

¹⁶⁰ AZEVEDO, Maria Ferreira de. Mãe de família. **Jornal O lar**, n.2, p.2, 30/Ago./1926.

A mulher é criada para o casamento, seu fim único, e sua razão de ser. [...] Encarado este assunto sob o ponto de vista moral, não nos é dado compreender ser o mesmo condenável e antes julgamos que só o depreciarão aqueles que, incapazes de compreender o grande valor moral da mulher, julgam que somente no recesso do lar lhes é dado conservar a honra que, ainda o afirmam os fariseus, será poluída no entrevéio da competição econômica da vida, tão facilmente conspurcável a julgam. [...] No dia em que a mulher, forte na sua independência econômica e moral for a única a escolher companheiro para a sua vida e pai para seus filhos, acreditamos bem, a vida será de uma moral melhor e raça mais sadia¹⁶¹.

Porém, ao observar mais profundamente a imprensa goiana, é possível perceber que essas características “verdadeiras” e únicas de “ser” mulher e os limites impostos socialmente a elas, foram questionados e resistidos por muitas goianas, em diversos espaços sociais, de diferentes formas, em momentos históricos distintos. A conquista de novas possibilidades veio através de lutas diárias. Exemplo disso foram as conquistas do direito ao voto na instância política, a possibilidade de participação na redação de jornais, o exercício no cargo de diretoria do Gabinete Literário, dentre outras.

Esses acessos a lugares públicos foram os primeiros passos na luta mais efetiva da emancipação das goianas. Desse modo, as goianas e também os goianos ressignificavam os “papéis” sociais, ainda que na década de 1920 e meados da década de 1930, no Brasil, o modelo da família tradicional era o principal molde da igreja católica, através da ordem, da nacionalidade e da moral.¹⁶² Esses novos lugares romperam barreiras de “verdades” socialmente construídas para homens e, principalmente, para as mulheres goianas e também brasileiras, já que,

No século XX, a mulher alcançou a evolução que não havia conseguido ao longo de toda a história da humanidade; mais do que isto, nunca um novo padrão de conduta se estabeleceu e se legitimou tão rapidamente quanto o assumido pela nova mulher que os últimos cem anos assistiram à ascensão. Grandes mudanças no centro da condição feminina, naturalmente, significam também grandes mudanças na sociedade.¹⁶³

É nesse espaço de lutas cotidianas que a história das mulheres, nesse capítulo, se constrói¹⁶⁴, sendo elas as protagonistas.

¹⁶¹ DE MACEDO JUNIOR. A mulher e sua sujeição econômica. **Correio Oficial**, p.1, 11/Mar./1934

¹⁶² AZZI, Riolando. Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil (1930-1964). In: MARCÍLIO, Maria Luiza (Org.). **Família, mulher, sexualidade e Igreja na história do Brasil**. São Paulo: CEDHAL; CEHILA; Loyola, 1993.

¹⁶³ LOBATO, Mayara Luma Maia. A trajetória do feminino na imprensa brasileira: o jornalismo de revista e a mulher do século XX. **9º Encontro Nacional de História da Mídia – UFOP**, Ouro Preto, Minas Gerais, 2013.

¹⁶⁴ BITTAR, Maria José Goulart. **As três faces de eva na cidade de Goiás**. Dissertação de mestrado em História pela Universidade Federal de Goiás, 1997.

2.1 As goianas nas entrelinhas da imprensa – Primeiras décadas do século XX.

A presença das goianas em locais públicos já acontece desde o final do século XVIII e início do século XIX, quando a Cidade de Goiás ainda era uma capitania. Elas forjavam estratégias sobre as uniões conjugais, alforria e possibilidade de autonomia. Isso demonstra que desde a sociedade colonial as mulheres resistiram a certas normas, agenciando poderes e colocando seus interesses em prática.¹⁶⁵

As goianas, ao longo da história, se mostraram de forma expressivamente diferente, o que permite observar o que é “ser mulher” e suas ações se desloca ao longo do tempo. Elas se destacam de diferentes formas, em períodos históricos diversos; ou seja, a todo momento elas ressignificam o que é “ser mulher” através de relações de poder e de resistências.¹⁶⁶

Essas mudanças, e também as continuidades, nos fazem perceber que diversas práticas e transições aconteceram ao longo do tempo, em diferentes períodos¹⁶⁷. Mas, “às vezes, práticas e atitudes parecem assumir apenas e tão somente uma outra roupagem, mostrando, numa análise mais aprofundada, que a maneira de pensar certas questões ainda se encontra presa aos padrões de outras épocas.”¹⁶⁸ Ao se observar o presente e o passado goiano é possível perceber, por diversas vezes, que muitas questões sociais ainda estão presas a padrões.

Na história das mulheres goianas, outras ações e conquistas marcantes aconteceram no final do período de escravidão, em meados do século XIX. Elas atuavam no Teatro São Joaquim em um movimento social e político engajado na defesa das escravas e escravos. Como destaca Sant’Anna, “inscritas nas redes de poder, as práticas na arena do teatro conferiam visibilidade aos diferentes atores sociais, tornaram-se espaços para as mulheres atuarem e terem visibilidade pública, com reconhecimento social”¹⁶⁹.

Além disso, o teatro,

¹⁶⁵ MOTTA (2006), op.cit.

¹⁶⁶ FOUCAULT (2013) op cit.

¹⁶⁷ BURKE, Peter. **Testemunha ocular** – imagem e história. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

¹⁶⁸ BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e Rupturas no papel da mulher brasileira do século XX. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Set-Dez 2000, Vol.16, n.3.

¹⁶⁹ SANT’ANNA, Thiago. Noites abolicionistas: As mulheres encenam o teatro e abusam do piano na cidade de Goiás (1870-1888). **OP/SIS – Rev. Do NIESC**. Vol 6, 2006, p.70.

Funcionava como uma “tecnologia política” (Foucault, 2002: 26-27), como uma engrenagem do funcionamento do poder, que produzia efeitos nos corpos, comportamentos e relações sociais, no sentido dos propósitos abolicionistas. Nada mais eficaz neste processo de convencimento, de assujeitamento, do que transformar em “festa” um movimento que buscava envolver a sociedade para a causa abolicionista.¹⁷⁰

O Teatro São Joaquim possibilitava deslocamentos nas relações sociais marcadas pelas relações de poder que, de algum modo, “fixavam” as mulheres em lugares específicos para elas. Desta forma, se aproveitavam do corpo, da voz, do canto, do piano, para ter visibilidade e reconhecimento social.

Outros estudos demonstram que no final do século XIX formou-se uma nova mentalidade brasileira de entender e de vivenciar o mundo e, também, a família; principalmente a burguesa, pois esse período histórico é considerado um momento de ascensão dessa classe social. Mulheres e homens começaram a vivenciar novas formas de viver nos espaços públicos e também dentro do espaço doméstico. O “papel” das mulheres vai ser reforçado como sendo ela a principal responsável pelo bem-estar e vida saudável do marido e dos filhos, com uma função crucial para a educação destes. Já em relação aos homens, eram reforçadas as representações de responsável financeiro e mantenedor de tudo que envolvia a esfera pública, tanto da família quanto do trabalho.¹⁷¹

Na década de 1930, a imprensa goiana teve papel considerável na propagação da importância da família e de quais eram os papéis que as mulheres deveriam exercer para cuidar e manter a casa, o marido e os filhos. Foi, portanto, uma forte veiculadora de valores e construções de verdades, estereótipos e padrões em relação aos papéis socialmente definidos, tanto para os homens quanto para as mulheres, silenciando e marginalizando a diversidade e pluralidade do povo goiano.

As notícias dos jornais mostram que novas tendências, experiências e estilos de vida eram propagados fortemente pela imprensa e por outros meios de comunicação, como o cinema. O Brasil passava por grandes transformações sociais, políticas, econômicas e culturais e, através da economia capitalista em expansão, foram propagados os meios de consumo e publicizada a multiplicação dos ares e hábitos modernos.¹⁷²

¹⁷⁰ SANT’ANNA (2006), op.cit.p.71.

¹⁷¹ MATOS (2003), op.cit.

¹⁷² SILVA (1982), op.cit.

No estado de Goiás, através dos noticiários, vê-se que o cinema, a moda, o teatro, o esporte, a educação do corpo e da moral, foram considerados símbolos da modernidade e da civilidade. Eles ajudaram a disseminar entre o povo brasileiro, incluindo o goiano, os novos valores burgueses e a nova representação e imagem do cidadão urbano. Essas novas tendências mudaram, também, a percepção de tempo e espaço das mulheres e dos homens e suas formas de atuação e vivência na sociedade. Ainda que, aparentemente, a imprensa reforçasse a suprema importância da mulher-mãe.

Paralelamente a isso, observa-se na história política do Brasil que os primeiros anos da década de 1930 foram marcados por momentos de crises, devido à realidade da Primeira República. O descontentamento popular desencadeou um movimento revolucionário no final dos anos 1920, ocasionando a ascensão de Getúlio Vargas ao poder como governo provisório.

Nos 15 anos seguintes, o povo brasileiro vivenciou a Era Vargas, marcada por profundas mudanças estruturais, sociais, econômicas, políticas e culturais, em nome da urbanização, modernização e progresso. Diversas revoltas aconteceram, em função da grande insatisfação popular com o regime oligárquico, o que deixa a história brasileira repleta de ambiguidades entre modernidade e tradição.

Por um lado, o país atravessava uma grande modernização econômica e social, com a implementação da ampla gama de políticas sociais, envolvendo a regulamentação da educação, do serviço público, do trabalho e da cultura, por exemplo, e com uma crescente racionalização do aparelho burocrático do Estado, que provia meios administrativos e recursos financeiros a essas políticas. Junto a essa modernização, conviviam fortes características tradicionais, representadas pelas oligarquias regionais que ainda possuíam grande influência junto ao governo.¹⁷³

As mudanças, em nome da modernidade, alcançaram diversos âmbitos sociais e, também, a visão e o modo de interpretar a realidade. A imprensa foi um importante difusor desse novo momento histórico que se anunciava. Diante disso, o cuidado com o corpo do brasileiro também ganha novas formas de ser interpretado e os esportes, bem como a educação física e a ginástica, contribuíram para isso; ainda que a história se esforce para manter uma neutralidade política.¹⁷⁴

O estado de Goiás também passou por essas mudanças, principalmente em meados da década de 1920 e início da década de 1930, durante a transição da

¹⁷³ DRUMOND (2009), op.cit. p. 217.

¹⁷⁴ DRUMOND (2009), op.cit.

política café com leite, que gerou consequências em todo o país. O contexto social passava por mudanças e as novas configurações sociais afetavam a vida de todos os goianos. (SILVA, 1982). O Estado começa a investir fortemente no discurso da construção e preservação da família e da importância da medicina sanitária¹⁷⁵.

Mas, ao mesmo tempo, essas mudanças do século XX abriram novas possibilidades para as mulheres e homens goianos atuarem e participarem de outros lugares de sociabilidade, como a imprensa, política, cinema, moda e práticas corporais e esportivas. A imprensa goiana era marcada por fortes discursos de mudanças e continuidades que, de todo modo, reforçavam as “verdades” socialmente construídas sobre o que é “ser mulher” e também homem, nesse período histórico.

Durante as primeiras décadas do século XX, havia um grande número de reportagens sobre as novas tendências, sempre com um discurso inovador e exaltante de que o estado de Goiás também fazia parte do cenário nacional. Esse discurso visava principalmente as pessoas a favor da mudança da capital goiana, que possibilitaria romper com a tradição e uma história vinculadas ao atraso e à marginalização desse estado em relação às demais capitais brasileiras, principalmente daquelas consideradas como grandes centros urbanos.

A vontade de mudança da capital estava vinculada a partidos políticos que visavam à inserção do estado goiano na economia e no comércio brasileiro. A figura de Pedro Ludovico Teixeira, interventor de Goiás, representava bem esses grupos e o ideal modernizador, compondo o grupo opositor às oligarquias e visando uma representação popular oposta ao que pregava o partido dos Caiado.¹⁷⁶

Ao observar a imprensa goiana, percebe-se que vários jornais foram editados e construídos a partir dos ideais de cada grupo político. Mas todos seguiam o discurso higiênico voltado para o embranquecimento da raça e o fortalecimento da nação (ainda que, em muitas vezes, indiretamente), já que estes eram os ideais mais fortes vinculadas ao nacionalismo propagado pelo governo da época.

A imprensa brasileira, e também a goiana, propagava padrões de beleza, de moda, estereótipos masculinos e femininos e sexualidades fixas. Diante disso, reproduzia representações de quais eram os espaços permitidos para mulheres e

¹⁷⁵ DIRECTORIA DE HYGIENE. Seção Noticiosa. **Correio Oficial**. 06/04/1931, n.1879, p.1.

¹⁷⁶ CANEZIM, Maria Tereza; LOUREIRO, Walderês Nunes. **A escola Normal em Goiás**. Goiânia: Editora da UFG, 1994. 154 p. (Coleção Documentos Goianos, 28), p.73.

homens, reforçando o binarismo e invisibilizando toda e qualquer sexualidade tida como “desviante” dos padrões normativos heterossexuais.¹⁷⁷

Toda a sexualidade para além da heterossexual sequer foi comentada ou retratada nas notícias e crônicas, como se elas não existissem. Em uma única crônica do Jornal *O Lar*, o noticiário se aproxima de uma discussão, mas de forma irônica sobre os “afeminados e masculinizadas”, sendo essas pessoas consideradas um caso sério para sociedade goiana¹⁷⁸. Caso sério, pois essas pessoas transgrediam “verdades” normativas, principalmente a religiosa.

Na descrição da notícia é possível perceber que essas pessoas são aquelas que, de alguma forma, se apropriam de gestos ou atitudes e ações socialmente “apropriadas” para um ou outro gênero, oposto ao seu. Não se tratando, portanto, de discussões efetivas sobre desejos sexuais entre pessoas do mesmo sexo, por exemplo. De forma alguma os desejos sexuais foram retratados, nem mesmo nos vários noticiários sobre a educação sexual. Desse modo, o discurso normativo e religioso naturalizava e universalizava relações entre mulheres e homens como a única forma de sexualidade.

Os homens “afeminados” eram aqueles que fofocavam e falavam como as mulheres, sendo eles uns dengosos. Já as mulheres “masculinizadas” eram as que cortavam os cabelos curtos, iguais a garçons homens. Essas pessoas transgrediam papéis e situações que eram socialmente atribuídas a um ou outro gênero. Depois da descrição, essas ações foram fortemente criticadas na reportagem e até mesmo aconselhadas, para que essas pessoas voltassem “ao normal”:

A senhora deve pesar o seu nome e honrar o seu sexo sabendo se mostrar mulher em toda linha. Isso de querer imitar os homens nunca foi progresso, mas sim lições recebidas nos cinemas. [...] nada mais ridículo de ver uma velha de nuca raspada; embora isso seja moda, não deixa de ser intolerável¹⁷⁹.

Ser mulher goiana durante as primeiras décadas do século XX era ser feminina, e ter cabelos curtos não as caracterizava assim. Ter cabelos curtos era fugir dos padrões e ideais femininos da época. A imprensa goiana invisibilizava, também, toda e qualquer etnia e classe social para além das “classes superiores” do

¹⁷⁷ GOELLNER, Silvana Villodre. **Bela, Maternal e feminina: Imagens da mulher na Revista Educação Física** – Ijuí : Ed. Inijú, 2003 – 152 p. – (Coleção Educação Física).

¹⁷⁸ INDISCRÉTA. Efeminados e masculinizadas. *Fora do Lar. O Lar*. 30-06-1927, n.20, p.4.

¹⁷⁹ “Uma plena correspondência entre o corpo e a identidade de gênero socialmente aceitável” (WEEKS, 2009, p.50).

“mais alto padrão social goiano”. São com essas palavras que a imprensa goiana retrata aqueles que são “dignos” de ali serem memorados, deixando um vazio no passado de todos os seres humanos para além desse padrão representado em maioria na imprensa goiana. Percebe-se que a memória, na imprensa, em muitas vezes se impõe com força sobre as outras memórias, silenciando-as.

Desse modo, a imprensa goiana reforçava e reproduzia o discurso segregador, deixando silenciados principalmente os negros, os pobres e os trabalhadores. As mulheres, que aparecem nas notícias dos jornais, em grande maioria, são aquelas vistas como responsáveis pela construção de uma nação forte e saudável, ou mãe dócil e santa¹⁸⁰. O papel da mulher mãe e esposa era fortemente veiculado em todos os jornais, relacionado principalmente à educação escolar¹⁸¹, familiar, religiosa e ao saber moral e higienista, a partir da década de 1930.

Grande parte desse discurso foi sustentado, além das bases religiosas, em bases biológicas e reprodutivistas. O discurso biológico subordinou e hierarquizou as mulheres nos diversos espaços sociais, para além do doméstico e privado, já que esses outros espaços representavam riscos ao cumprimento de suas funções naturais e da imposição dos ordenamentos dos pais e maridos¹⁸². Desse modo, tudo aquilo que colocava em cheque esses “papéis” e, de alguma forma, forçava as fronteiras de “verdades” que demarcavam socialmente os lugares entre homens e mulheres, era questionado, criticado e não aceito por grande parte das goianas e goianos, que afirmavam valores tradicionais e conservadores. Nesse sentido, o casamento é marcado como um importante meio de continuidade¹⁸³ na transmissão das “verdades” socialmente construídas.

Entre a sociedade goiana retratada pela imprensa a religião católica era a que tinha maior força e se posicionava tanto na educação escolar quanto na familiar. Grande é o número de notícias contra a educação sexual, emancipação feminina, trabalho na esfera pública, divórcio e feminismo, com base em discursos religiosos. Esses discursos também se mantinham sobre as funções biológicas das mulheres e sua importância no matrimônio e constituição familiar¹⁸⁴.

¹⁸⁰ INDISCRÉTA. Mãe, pai e filhos. Fora do Lar. **Jornal O Lar**, n.9, p.4, 15/Dez./1926.

¹⁸¹ A educação não era voltada para o povo goiano e sim para as elites goianas.

¹⁸² INDISCRÉTA. Casamento. Fora do Lar. **Jornal O Lar**, n.84, p.6, 16/Mar./1930.

¹⁸³ BIASOLI – ALVES (2000), op.cit.

¹⁸⁴ AZZI (1993), op.cit.

Em meados da década de 1920 e durante toda a década de 1930, os noticiários demonstram que as mulheres se apresentaram com mais força e novas expectativas nos ambientes sociais públicos. As goianas começaram também discussões a respeito da luta pelo voto, divórcio e emancipação das mulheres, buscando autonomia, ainda que a família e o lar, para a maioria dessas mulheres, fosse o principal lugar de atuação e de relações de poder¹⁸⁵. Mas elas, de todo modo, forjavam novos papéis e situações cotidianas que contribuíram para construção de novas imagens e representações sociais do que era “ser” mulher.

Os jornais goianos, com suas crônicas e noticiários, validavam o Estado moderno tão propagado por todo o país, trazendo em suas páginas questionamentos, dúvidas, espantos, defesas, repúdios sobre as mulheres e seus novos lugares de sociabilidade e de atuação, já que a idealização de docilidade, fragilidade, feminilidade ainda pairava com grande força nos noticiários goianos¹⁸⁶. As mulheres goianas começaram a ocupar novos espaços e a realizar novas atividades em lugares como a imprensa goiana, a política (mais efetivamente), a moda, o cinema, os palcos e, também, as práticas corporais e esportivas.

Em 15 agosto de 1923 começa a ser escrito, unicamente por mulheres, o jornal *O Lar*, que expressava literaturas, notícias, registros e opiniões sobre as mulheres e as mudanças sociais. Era escrito por Oscarlina Alves Pinto (diretora), Genezy de Castro (vice diretora), Altair de Camargo, Maria Ferreira, Laila de Amorim, Maria Carlota Guedes e Floracy Artiaga.



(Editoras do Jornal O Lar – Arquivos Frei Simão Dorvi)

¹⁸⁵ O voto feminino. **Jornal O Lar**, n.54, p.4.

¹⁸⁶ As jovens goianas. **Jornal O lar**, n.23, p.2.

Para essas goianas, *O Lar* era algo glorioso, onde poderiam trocar com mais liberdade suas ideias, sendo considerado por elas “o espelho da alma da mulher goiana”¹⁸⁷. Na verdade, *O Lar* era o espelho da alma das mulheres goianas burguesas, pois eram elas que frequentavam as escolas e aprendiam a ler e a escrever. *O Lar* representa unicamente essas mulheres, as quais reportavam ao feminismo trazendo referências nacionais de Berta Lutz e o consideravam um movimento importante, que estava acontecendo em diferentes regiões do país e também em Goiás.

Elas se intitulam mulheres que levantam a bandeira do reerguimento do sexo¹⁸⁸ e sobre isso, entre as próprias redatoras existem divergências pró e contra novos espaços sociais, o divórcio e o direito de voto. Isso mostra que nem todas as mulheres eram favoráveis as novas mudanças sociais e que essas mudanças não fizeram rapidamente parte do cotidiano de todas essas goianas. O fato delas estarem se empoderando da escrita de jornais e de espaços da imprensa representa lutas diárias de resistências e relações de poder, já que antes unicamente os homens escreviam e falavam, por eles e por elas. *O Lar* representa, então, um importante passo na luta pela autonomia e alteridade dessas mulheres e, também, no resguardo de sua memória, a partir de suas próprias falas e opiniões.

Esse jornal, diferente de todos os outros, era mantido financeiramente pelas próprias editoras. Isso deixa claro que sua própria voz interessava unicamente a elas, já que nenhum apoio para que o jornal se mantivesse ativo vinha de outras fontes de financiamentos e de interesses políticos. Para as redatoras, a mulher já não é mais “um ser inútil”, pois agora elas querem lutar, querem ser proveitosas ao seu país¹⁸⁹. Elas representavam, também, a importância da mulher fazer parte da construção de um país nacionalista, com filhos fortes e saudáveis, ditando novas formas de comportamento e disciplina para mulheres e homens.

Essas mulheres goianas lutavam pela conquista de outros espaços para além do lar, pautadas nos direitos políticos. Para elas, adquirir tais direitos, assim como os homens, era uma questão muito importante, que perpassava pela imprensa de todo país através de um discurso ambíguo que representava, ao mesmo tempo, a modernidade e a tradição.

¹⁸⁷ *O lar e o feminismo. O Lar* 15-08-1927, n.24, p.3.

¹⁸⁸ MACHADO, Graciema. *O feminismo em Goyaz.. O lar*. 15-08-1926, n.1, p.1.

¹⁸⁹ *O nosso aniversário. O lar*. 13-05-1926, n.1, p1.

Se temos mulheres em casa, cuidando dos seus sagrados deveres de família, temo-las também, entre outras modalidades da vida, nos bancos acadêmicos, nos escritórios, nos esportes, no comércio, no sacerdócio da medicina e da advocacia, no jornalismo e nos mais altos departamentos da administração pública. O domínio das letras é o que mais chama a atenção das mulheres.¹⁹⁰

A presença das mulheres em novos lugares de sociabilidade e a conquista de novos espaços representa também as lutas cotidianas, as relações de poder e a quebra de barreiras entre os “papéis” socialmente construídos. As notícias do *O Lar* mostravam esses novos espaços conquistados e agora elas atuavam tanto no contexto familiar quanto no contexto público e social. Mas o afastamento do ambiente doméstico em busca de novos espaços causava bastante controvérsia entre a maioria dos goianos e entre as próprias goianas, redatoras ou não dos jornais, já que os novos espaços colocavam em risco a tarefa primordial materna e também a autoridade dos maridos e pais sobre essas mulheres¹⁹¹.

No jornal *O Lar*, existe a seção *Fora do Lar*, assinada sempre pelo pseudônimo *Indiscreta*, que representava tudo aquilo que a burguesia goiana não considerava moral. Essa classe social vivia de aparências discretas e tudo que envolvia o ambiente familiar deveria manter-se dentro desse ambiente e nunca ser demonstrado em locais públicos. As aparências discretas podem ser reflexos dos padrões de vida familiar brasileira desenvolvidos no século XIX, que demarcavam também os “papéis” femininos e masculinos¹⁹².

Dentro do ambiente doméstico, a luta cotidiana e as relações de poder e resistências são nitidamente demonstradas pelas editoras de *O Lar* em todas as seções chamadas *Fora do Lar*. Estas evidenciam situações cotidianas e dentro do lar, as quais não aconteciam nos ambientes públicos, sendo socialmente disfarçadas pelo discurso da moral, educação, higiene, religião e romantismo.

A *Indiscreta* escapava dos ditames sociais e sem pudor trazia de forma cômica a verdadeira intimidade das famílias e da convivência entre maridos e esposas, por exemplo. Retratava a vida e as lutas cotidianas das mulheres, as relações de poder e resistência no ambiente doméstico, que não expressavam de forma alguma as representações religiosas, morais e harmônicas socialmente criadas para caracterizar

¹⁹⁰ MACHADO, Graciema. O feminismo em Goyaz.. *O lar*. 15-08-1926, n.1, p.1..

¹⁹¹ A mulher na sociedade. *O Lar*, n.4, p.1.

¹⁹² WEEKS (299), OP.CIT.

os locais privados e a convivência familiar. Nesse trecho, *Indiscreta* caracteriza, através do cotidiano, o que é o casamento e como são os casados:

Casamento: é um palácio encantado, todo iluminado. Os que estão de fora, vendo tanto deslumbramento, estão doidos para entrar, e os que estão dentro, loucos para sair. Casados: Papeis queimados e muitas vezes inutilizados para o resto da vida. É raríssimo ver um homem satisfeito com a sorte, como se fosse ele o único prejudicado.¹⁹³

Nos noticiários em geral, a igreja, a família, a educação e o discurso médico higienista se posicionavam através de construções sociais de forma doutrinária, destacando a beleza e a brandura do matrimônio, propagando a importância da mulher e o seu dever de ser mãe e esposa e de construir um ambiente familiar saudável. Tal discurso provavelmente foi repassado através da tradição e da cultura, entre as gerações. As meninas recebiam das mães e avós, a simbologia da beleza do casamento e a importância de se manterem virgens até antes do matrimônio.

Ao longo do tempo, foram-se constituindo “verdades” que compunham o imaginário das meninas e meninos sobre o tão sonhado casamento. A *Indiscreta* quebrava esses paradigmas ao relatar o que realmente acontecia na intimidade das famílias e que a harmonia da maioria dos casamentos só pertencia ao olhar de quem estava de fora desse ambiente.

Além disso, a representação social de que apenas os homens não se sentem satisfeitos no casamento é inválida, já que no dia a dia nas intimidades, as mulheres também se sentem incomodadas, em diversas situações. Desse modo, a *Indiscreta* mostra a realidade familiar para além de um discurso doutrinador, que representa unicamente o “lado bom” da história criada. Em outro momento, *Indiscreta* caracteriza o que é ser marido e ser esposa:

Maridos: Os homens quando tornam-se noivos, como é uma fase que desconhecem fazem do casamento uma ideia maravilhosa. [...] Sabem então com maior cuidado fingir-se de humildes, de obedientes e até santos. Nos primeiros dias de lua de mel, ocorre tudo bem, acham que não há estado melhor para eles, talvez por ser tudo novidade, tudo novo para eles. Pois os homens, mais do que as mulheres, são inconstantes e sempre ávidos de inovações [...]. Mulheres: Elas dizem que não aguentam seus maridos rabugentos. [...] Algumas nunca querem fazer a vontade de seus maridos, por pequenas que sejam, vivem elas sempre de mau humor, respondendo grosseiramente a suas perguntas[...].¹⁹⁴

¹⁹³ Casamentos, celibatos e casados. *Indiscreta*. Fora do Lar. **O lar**. 15-09-1926, n.5, p.4.

¹⁹⁴ Maridos, mulheres e sogras. Fora do Lar. **O lar**. 1926.

O casamento e, principalmente, a lua de mel, são momentos esperados tanto para o imaginário das mulheres, quanto dos homens. Mas esse momento pode caracterizar também a concretização do homem ao adquirir um bem, sendo agora concretamente a mulher sua propriedade. O ato sexual era tido “verdadeiramente” como uma necessidade psicológica e física entre os homens¹⁹⁵, que tinham um instinto sexual que deveria ser disciplinado, controlado. Para *Indiscreta* esse é o único momento em que os homens são boas pessoas, dentro do casamento já que, para eles, tudo também se trata de uma novidade.

Quando *Indiscreta* caracteriza os homens como “inconstantes” acaba por tomar uma característica criada socialmente como pertencente à mulher e suas mudanças de humor. Aqui ela apropria e ressignifica as “verdades” socialmente criadas e as transfere para os homens. Desse modo, a *Indiscreta* em suas crônicas mostra quebras de barreiras construídas entre o que é “ser” mulher e “ser” homem, já que algumas características tidas para um ou para outro, no cotidiano representam resistências às “verdades” construídas. *Indiscreta* diz ainda que as mulheres resistam à ordem dos maridos e ao mau humor destes demonstrando que, no ambiente doméstico, as mulheres nem sempre são submissas ou passivas, não sendo então uma característica natural e universal delas.

As críticas e vozes das mulheres goianas não apareciam somente no *O Lar*. A notícia a seguir é de uma goiana que se reconhecia como uma menina moderna. Ela escreve ao jornal *Correio Oficial*, que era escrito unicamente por homens, mas que tinha uma de suas seções, a *Sociaes*, como um local aberto para receber cartas dos seus leitores:

Apresento-me senhores, senhores. Uma menina moderna. Amo o cinema, o jazz, o flerte, os rigores da moda, o batom e outras coisinhas mais. Não vos venho amassar com uma “chroniqueta xaroposa” e romântica. Não. Nosso século, as leis que me dominam não me permitem isto. E ainda mais, o sentimentalismo esqueci-o na obscuridade claustral de um colégio onde tentaram-me educar à antiga. Se aqui estou, mercê da jovialidade do diretor desta folha, é para desabafar-me da neurótica irritação que me tem causado um cronista prosaico, que insiste em fazer jornalismo à minha custa. Ora, que implicância... Deixe-me! Se o meu vestido é curto e o decote vai até a alma, mesmo passando dela um dia, ainda ficará muito longe de onde o literato mexerico deixa transparecer maliciosamente nos seus escritos. A moda rege o mundo e porque ei de eu ficar à sua retaguarda? Eu, que sou obra prima da natureza, que tenho no homem o dócil executor dos meus caprichos, o escravo das minhas vontades, abdicar dos meus adornos e da

¹⁹⁵ Várias são as reportagens do *Correio Oficial* que trazem as informações do médico higienista e propagador da Educação Sexual, José de Albuquerque. Seus discursos visavam normatizar e disciplinar a sexualidade tanto de homens (controlando a virilidade) quanto de mulheres (visando o bom desenvolvimento de suas funções maternas).

minha vida mundana unicamente para satisfazer aos cronistas puritanos? Isso é que não. Nós não cederemos o terreno conquistado e só marcharemos para frente, enquanto os homens correm esfalfadamente para nos alcançar, temerosos em nos perder de vista. Corre também, articulista bisonho! Corre e deixa-te de criticar os vestidos das mulheres! [...].¹⁹⁶

Fifi D'orsay, provavelmente um pseudônimo, nesse recorte acima respondeu aos argumentos diários dos cronistas responsáveis pela edição do *Correio Oficial*:

[...] é uma pena que as mulheres se enganem tanto, ao trabalharem por consequências irreversíveis, a independência econômica, onde apenas tiram uma carga dos ombros masculinos. O que lhes custavam um sorriso, hoje lhes custam o próprio suor. A independência moral é medíocre quando compara ao respeito, a honra, a admiração de que eram objetos.¹⁹⁷

[...] contente-se mulher com seu papel, deixe de lado a ilusão de sua independência, fruto da vaidade do sexo. Faça seu lar uma escola de civismo, de abnegação e de trabalho, que é a melhor política para a mulher. Ensine seus filhos varões, o amor da pátria e o cumprimento dos deveres de cidadãos, o culto a liberdade. As filhas ensine aquilo que ninguém melhor do que você deve saber. As palmas do feminismo ficariam melhor frente à mulher que abriga em seu seio, seu filho amado e alimentando-o com o sangue do seu sangue, na glória de ser mãe.¹⁹⁸

Damardoceno Júnior e Domingos Juliano traziam todo o argumento a favor da mulher unicamente mãe e esposa, que seguia os mandamentos religiosos. Para eles, as mulheres não deveriam, de forma alguma, deixar de lado suas funções principais para correr atrás de autonomia e independência. Essas falas representavam o ponto de vista de muitos homens e também mulheres goianas. Reforçavam a mulher-mãe como única responsável pela família, em uma vida harmônica e saudável, pautada na moralidade e na religião. Para esses redatores, era um absurdo as mulheres participarem das atividades públicas e intelectuais, já que isto questionava, com toda força, os padrões e lugares fixos criados unicamente para mulheres.

Fifi D'orsay responde e se impõe às críticas dos cronistas, demonstrando aí seu empoderamento sobre as novas questões sociais e as conquistas de novos lugares pelas mulheres, mesmo que o discurso religioso e médico forçassem para ser o contrário. Ao mesmo tempo em que demonstra a força das mulheres, ressignifica também os papéis dos homens, sendo eles considerados por Fifi seres dóceis que, se quisessem, deveriam correr atrás das mulheres para alcançá-las e não ao contrário.

¹⁹⁶ FJFI D'ORSAY. Fala de Eva. Ora que implicância... Sociaes.. **Correio Oficial**, 19 abr. 1931. Nº1890, p.2.

¹⁹⁷ DAMARDOCENO JR. Feminismo. **Correio Oficial**. 02-04-1931, n.1879, p.4.

¹⁹⁸ D. JULIANO. Sulfragismo e Gynecocracia. **Correio Oficial**. 12-04-1931, n.1884, p.4

Fifi não se considera romântica, não segue os padrões religiosos, retratados pela imprensa, no modo de se comportar nem de se vestir, não concorda com a educação religiosa que os colégios lhe proporcionaram e não aceita de forma alguma se abdicar de suas vontades e desejos para satisfazer as vontades e desejos dos homens, muito menos de um cronista, considerado um implicante. Fifi se apropria de estigmas atribuídos às mulheres e os coloca a seu favor. Quebra as barreiras sociais e “verdades” do que é “ser” mulher na sociedade goiana, na década de 30.

As relações sociais entre homens e mulheres são constantemente percebidas através de relações de poder e resistência, em um constante ir e vir, sendo que essas relações ora partem das mulheres, ora partem dos homens. As lutas cotidianas de empoderamento e ressignificações de “verdades” demonstram que, se pensadas unicamente a partir do poder machista dominante para uma passividade feminina, estas relações de poder não poderão ser percebidas, refletidas e valorizadas.

O empoderamento das goianas aconteceu também em outros lugares além da imprensa, dentre eles o Gabinete Literário Goiano¹⁹⁹. Um espaço que, desde de 1864, reunia pessoas tanto para encontros intelectuais e políticos, quanto para bailes e festividades, dentre eles musicais, teatrais, artísticos, literários e culturais. Nos muitos anos de existência, histórias e crises, em 1929 o Gabinete Literário passa por sua maior dificuldade de funcionamento, devido ao pouco número de sócios e filiados. Esse momento de crise coincidiu com uma época histórica em que as goianas estavam se apropriando de diversos espaços sociais e públicos, tidos antes como lugares de vivência e pertencimento dos homens.

Visando o fim da crise do Gabinete, Antônio Ramos Caiado propôs uma diretoria unicamente composta por mulheres. A presidência ficou, então, para Consuelo Ramos Caiado, com Anita Perilo como vice-presidente e como secretárias Noeme Lisboa de Castro e Maria Carlota Guedes de Amorim (que alguns anos depois tornou-se a presidente do Comitê Feminino Pró-Esporte da Associação

¹⁹⁹ Atualmente o Gabinete Literário encontra-se praticamente abandonado. Um galpão com várias prateleiras cheias de livros cobertos de poeira. Para se ter acesso aos documentos ali presentes é um tanto complicado, por se tratar de uma propriedade privada e a chave estar sob domínios de terceiros. Fica a dúvida de qual é, e o que é patrimônio histórico e a preservação da historiografia goiana, quando a Cidade de Goiás é retratada pela mídia.

Goiana de Esportes Atléticos – A.G.E.A.). Argentina Remigio Monteiro atuou como tesoureira e Genery de Castro Artiaga como oradora²⁰⁰.

No Gabinete Literário, essas mulheres inovaram ainda mais seus espaços de luta. Tais inovações foram de extrema importância para se pensar as mulheres goianas como sujeitas ativas e participativas socialmente. Desse modo, os “novos costumes, percepções, representações e práticas sociais” contribuíram essencialmente para ascensão dessas mulheres. Devido, também a isto, foi possível a diretoria feminina do Gabinete Literário, criar “novas linguagens por meio de novos comportamentos, novas vestimentas, enfim, novas atuações no social [...] inserindo as mulheres nas lutas culturais, sociais e políticas do seu tempo, com a conquista dos direitos políticos.”²⁰¹. Assim,

A diretoria feminina deu um impulso ao Gabinete Literário, angariando fundos e novos(as) sócios(as), aumentando a renda ordinária. Nesse período promoveram reuniões, várias palestras, conferências e sessões litero-musicais. Tratava-se, portanto, de uma efervescência cultural no ambiente goiano, voltado para padrões culturais inovadores²⁰²

Para essas mulheres, então, o Gabinete foi mais uma oportunidade de se promoverem política e socialmente. É nesse lugar “que surge a Federação Goyana pelo Progresso Feminino, que levará as mulheres de Goiás a se intensificarem e participarem das lutas nacionais”²⁰³ sendo, a Federação, uma grande aliada pela emancipação das mulheres goianas.

Sobre a não participação das mulheres na política brasileira no contexto nacional, a Constituição de 1891 adota o sufrágio universal masculino já em prática desde 1843. Desde essa época, segundo a imprensa goiana, o país já chama o povo para “decidir o pleito entre o partido da constituição e da liberdade, e de uma oligarquia tão hostil as prerrogativas da realeza como os direitos do povo”²⁰⁴. Muito se discutia sobre a questão do voto livre, “em prol da liberdade dos cidadãos, no exercício desse importante direito”²⁰⁵, mas nada se falava especificamente sobre as

²⁰⁰ CARVALHO, Maria Meire de; SANT’ANNA, Thiago. As ações culturais e políticas feministas: a federação goiana pelo progresso feminino – um efeito múltiplo na emancipação das mulheres em Goiás – Sec.XIX e XX. **Temporis [ação]**, vol.1, n.9, 2007..

²⁰¹ CARVALHO; SANT’ANNA (2007), op.cit., p.4-5.

²⁰² CARVALHO; SANT’ANNA (2007), op.cit., p.4.

²⁰³ LEMES, Cláudia Graziela Ferreira. **Da minhoca a beija-flor: Participação feminina na política do sudoeste goiano 1930-1945**. Mestrado em História. Universidade Federal de Goiás, 2009, p.86.

²⁰⁴ A questão eleitoral. **A voz do povo**. 26-10-1847, n.1, p.1.

²⁰⁵ Defensores do voto livre. **A voz do povo**. 30-10-1847, n.2, p.1.

mulheres, deixando-as de fora daquilo que se era considerado uma luta dos cidadãos pela liberdade.

Nas décadas de 1920 e 1930 muitas reivindicações aconteceram, partindo de conflitos entre interesses individuais, que foram se tornando coletivos. Nesse momento, alguns grupos de mulheres, em diferentes partes do mundo, insatisfeitas com as normas e costumes, em diferentes segmentos sociais, que as excluía de pensar e usufruir de seus direitos foram se tornando resistentes a controle e estratégias de dominação²⁰⁶. Dominação esta que não partia somente do Estado, já que as relações de poder são horizontais e circulantes²⁰⁷.

Nas primeiras décadas do século XX, mulheres militantes começaram a criar comitês e partidos, que visavam lutar pela garantia dos seus direitos sociais e principalmente políticos²⁰⁸. O Partido Republicano Feminino, fundado pela professora Leonilda de Figueiredo Daltro, teve a intenção de discutir as questões sobre o voto feminino, que veio a se concretizar anos depois, dando força a luta das mulheres. Desse modo, o direito ao voto “não foi uma luta nascida na República ou de republicanas/os teve a participação das mais variadas figuras, tanto do Império quanto das primeiras décadas republicanas, mas que só veio a se concretizar, em 1932, no governo provisório de Getúlio Vargas.”²⁰⁹.

Nesse clima de reivindicações foi criada no Brasil, em agosto de 1922, a Federação para o Progresso Feminino, presidida por Bertha Lutz e inúmeras outras sufragistas. Esse movimento, com o passar do tempo, “passou a abrigar sobre o mesmo teto as mais diversas organizações femininas: sufragistas, profissionais, de caridade e cívicas de todos os estados brasileiros.”²¹⁰ Algumas mulheres goianas também ficaram a par desse movimento e “será nesse ambiente em transformação que as mulheres, alfabetizadas em casa ou nas primeiras escolas públicas de Goiás, se tornarão as primeiras vozes em prol da ampliação dos direitos e participação política e luta pelo sufrágio feminino”²¹¹.

²⁰⁶ HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940.** Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz, RS: Edunisc, 2003.

²⁰⁷ FOUCAULT (2013), op.cit.

²⁰⁸ HAHNER (2003), op.cit.

²⁰⁹ LEMES (2009), op.cit.

²¹⁰ LEMES (2009), op.cit., p.64.

²¹¹ LEMES (2009), op.cit., p.67.

Em 07 de maio de 1931, foi fundada no estado de Goiás a diretoria da Federação Goiana pelo Progresso Feminino, filiada à Federação Nacional pelo Progresso Feminino:

Convidamos senhoras e senhoritas da capital e do estado, a se inscreverem nas suas fileiras, prestando seu concurso, que propõe: 1) Promover a educação da mulher e elevar o nível de instrução feminina. 2) Proteger as mães e a infância. 3) Obter garantias legislativas e práticas para o trabalho feminino. 4) Auxiliar as boas iniciativas da mulher e orientá-las na escolha de uma profissão. 5) Estimular o espírito de sociabilidade e interação entre as mulheres e interessá-las pelas questões sociais e de alcance político. 6) Assegurar as mulheres os direitos políticos que a futura constituição lhe conferir e prepará-la para o exercício inteligente desses direitos. 7) Estreitar os diversos laços de amizade com os diversos estados da União.²¹²

A Federação Goiana pelo Progresso Feminino mantinha contato com a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, através de Consuelo Caiado²¹³. Havia um decálogo nacional, a ser cumprido por todas as federações estatais:²¹⁴

- 1º) Exercer seus direitos políticos e cumprir seus deveres cívicos;
- 2º) Interessar-se pelas questões públicas nacionais e internacionais;
- 3º) Ter ocupação útil a sociedade;
- 4º) Alistar-se e votar;
- 5º) Votar consciente e criteriosamente;
- 6º) Não entregar seu título eleitoral a ninguém;
- 7º) Dedicar-se ao movimento feminino, crente ao triunfo de seus ideais;
- 8º) Votar somente em quem for favorável à causa da mulher;
- 9º) Bater-se pela conquista e pleno exercício de seus direitos sociais e políticos,
- 10º) Trabalhar pelo aperfeiçoamento moral, intelectual, social e cívico da mulher.

O decálogo, provavelmente, foi também seguido pela Federação Goiana, onde todas as filiadas tinham normas a cumprir. Elas tinham, inclusive, suas próprias orações e credos, indo para além das orações religiosas e da submissão da mulher, pelo seu biológico ou pelas normas “naturais” e divinas, pregando e cantando aquilo que elas esperavam, acreditavam e lutavam:

²¹² Federação Goiana Pelo Progresso Feminino. **Correio Oficial**. 18-06-1931, p.8

²¹³ No arquivo Frei Simão Dorvi, na Cidade de Goiás, é possível encontrar uma quantia de material de Consuelo Caiado, sendo que a maioria são documentos e revistas engajadas nas lutas femininas, da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

²¹⁴ Decálogo. **Mulher – Opinião feminina organizada. Boletim da Federação Brasileira do Progresso Feminino**, n.190, p.51, 1935 - Arquivo Frei Simão Dorvi. Arquivos Consuelo Caiado.

Creio sincera e inabalavelmente que todos os direitos são iguais; que denegar direitos em virtude do sexo diferente, é com certeza a metade do povo deste mundo recusar a justiça elementar. Creio que este reinado de equidade completa, só virá para a Mulher quando este lema: “Ergue-te e caminha!” for a mola central do meu viver; que seus direitos só serão guardados, que outros mais amplos só conquistarão se bem coesas forem suas vistas e se completa for sua união. Creio que o movimento feminino é para nós o da emancipação econômica, o da força de trabalho; intelectual a clara voz dos estudos, coletiva, ampliando o nosso esforço do governo também participando, no fazer das leis [...]²¹⁵

A goiana Consuelo Caiado recebia os exemplares dos boletins da Federação Brasileira, que tinha como diretora Maria Sabina de Albuquerque e como secretária Diva de Miranda Moura. A Federação Brasileira mantinha contato com outras alianças internacionais, que as colocava a par das vitórias femininas pelo mundo:

O departamento de propaganda da Federação pelo Progresso Feminino recebe comunicação Aliança Internacional pelo Sulfrágio Feminino de Londres, indicando algumas principais vitórias em 1935. Eis-as aqui: Bélgica: foram abolidos vários decretos e leis que limitavam o direito da mulher ao trabalho. Canadá: No último pleito, foi dobrada a representação feminina em ambas as casas do Parlamento. Chile: As mulheres participaram das últimas eleições e várias delas foram eleitas. Cuba: A nova constituição estabelece condições de absoluta igualdade entre homens e mulheres. Tchecoslováquia: Foram eleitas cinco senadoras e oito deputadas. Hungria: Foram eleitas duas deputadas. Japão: As mulheres conseguiram a abolição da prostituição regulamentada, que vai passar por esses dias. Kenya: A capital desse setor do Império Britânico está sendo governada por uma prefeita mulher. Espanha: As mulheres conseguiram abolir a prostituição regulamentada. Suécia: Foram eleitas mais quatro deputadas. Turquia: Foram eleitas dezessete deputadas.²¹⁶

No entanto, o movimento feminista e a vida política das mulheres goianas, em muitas vezes retratados pela imprensa, foram considerados um retrocesso, pois para muitos a vida em família e o equilíbrio social só poderiam ser alcançados no lar. A imagem da mulher goiana fora de casa era entendida como “um desprendimento de um dom quase divino” de educar e decidir o futuro de seus filhos, pois as mães eram as responsáveis pela primeira educação de suas crianças. Nesse sentido, a parte vital da família é a mulher e a sua inserção na política “é o maior fracasso de uma

²¹⁵ Credo. **Mulher – Opinião feminina organizada. Boletim da Federação Brasileira do Progresso Feminino**, n.187, p.61 - Arquivo Frei Simão Dorvi. Arquivos Consuelo Caiado.

²¹⁶ Notícias Internacionais. **Mulher – Opinião feminina organizada. Boletim da Federação Brasileira do Progresso Feminino**, n.180/191, nov. a dez de 1935 - Arquivo Frei Simão Dorvi. Arquivos Consuelo Caiado.

coletividade”.²¹⁷ Os discursos sobre o direito ao voto e ao divórcio causavam grande discussões entre os redatores, como é possível observar nesse recorte:

Fala-se em dar o direito de voto as mulheres, em emancipar social e economicamente, o belo sexo e quejandas causas... [...] Esta independência econômica que estão conseguindo é apenas uma carga que retiraram dos ombros masculinos, porque o que lhes custava apenas um sorriso custar-lhes-à amanhã, senão hoje, o próprio suor... O feminismo é, senão o maior inimigo das mulheres, o melhor aliado do homem. Eis porque aplaudo a conquista que vão obter, certo de que a experiência crua da “luta pelo pão” e o choque violento dos interesses lhe mostrarão a sua verdadeira missão social: a de anjo do lar [...]”²¹⁸

Os noticiários sobre essa questão eram diversos, partindo principalmente de narrativas de editores homens dos jornais e de opiniões de homens goianos em geral, através de seções noticiosas que eram abertas para que a sociedade se expressasse. As questões relacionadas ao sufrágio feminino, definitivamente não era algo que agradava aos *moçoilos*. Para eles, as mulheres goianas estavam “perdendo a cabeça, empolgadas pelo ardor americano em prol do sufrágio feminino”. Era de indignar qualquer um, que além do voto, ainda quisessem todos os “direitos políticos, civis e militares conferidos aos homens”.

O lugar da mulher era no lar. A sua missão é “esposa, seu destino é ser mãe, perpetuar a espécie, procriar. Essa emancipação virá abalar a família, senão destruí-la”. Destruir a família pois, as mulheres fora do lar não teriam tempo para cuidar da educação de seus filhos e de seus afazeres domésticos. Isso tudo era uma “aspiração insensata da mulher moderna.” Em suas falas, tinham ainda a esperança de que elas percebessem o erro que estavam cometendo e que logo se convenceriam e se “submeteriam novamente a passividade da proteção e da autoridade masculina do homem, renunciando a conquista desse ideal frívolo, nascido na mentalidade dos tempos atuais.”²¹⁹

Entre as goianas, as questões sobre o voto e o divórcio também se dividiam. O catolicismo e a moralidade eram representativos na vida de muitas delas, principalmente nos modos de se vestir e de agir, que supostamente deveriam “corresponder ao ideal religioso difundido pelas irmãs dominicanas.”²²⁰ Várias religiões, principalmente nos séculos anteriores, pregavam que a mulher deveria ser

²¹⁷ Feminismo. **Ypameri**. 13-02-1929, n.136, p.3.

²¹⁸ Feminismo. Seção Noticiosa. Damardoceneo Jr. **Correio Oficial** 02-04-1931, n.1879, p.4

²¹⁹ Sulfragismo e gynecocracia. D. Juliano. **Correio Oficial**. 12-04-1931, n.1884, p.4.

²²⁰ BITTAR, M.J.G. **As três faces de Eva na Cidade de Goiás**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997, p.174.

submissa ao seu marido “porque marido é chefe da mulher como Jesus Cristo é chefe da igreja”, sendo que “Deus disse a Eva, que acabava de tocar no fruto proibido: Ficarás abaixo do poder do homem, e ele te dominará”²²¹.

O saber religioso tinha grande força nas construções de “verdades” o que, em grande medida, restringia as mulheres em lugares “fixos”. Mas o teatro, o cinema, a moda e o esporte forçavam as barreiras do que era “ser” mulher, em diferentes cidades do Brasil:

As cobranças da vida moderna eram muitas e o cinema funcionava como o divertimento despretenso, evocando aspectos que caracterizavam o status de homem moderno como a esportividade, a aventura, a puerilidade, caminhando assim contrariamente às artes intelectualizadas, como por exemplo a literatura e o teatro.²²²

No estado de Goiás o teatro, antes mesmo do século XX, foi um espaço muito utilizado por algumas mulheres para promover sua visibilidade pública e o reconhecimento social. No teatro São Joaquim aconteceram diversas atividades, entre elas, encontros abolicionistas²²³.

O teatro, “tanto na materialidade do seu espaço físico, como no próprio exercício da arte, exercia uma função pedagógica, ao veicular mensagens, formar opinião e, até mesmo, em assegurar a performance na atuação das mulheres”²²⁴. Sendo assim,

O teatro São Joaquim fazia o papel de salão para o encontro das elites goianas, possibilitando, por meio das atividades artísticas e músicas, que as *mulheres* exercessem papéis outros, como o de tocar, cantar, recitar, representar, além de organizar e mesmo “presidir” salões. Tratava-se de um momento singular, em que as mulheres estavam no centro dos acontecimentos, participando ativamente das “noites abolicionistas”. Mulheres ativas e políticas, como Josephina e Maria Nazareth Bulhões, que coordenaram e dirigiram festivais abolicionistas nos salões do Teatro São Joaquim.²²⁵

O Cinema Goyano estava localizado ao lado do antigo prédio do próprio Teatro São Joaquim desde 1909. Tinha em sua agenda diversos atrativos e programações especiais para datas comemorativas, como por exemplo, as festas de Aleluia e também “programas de canções e monólogos”²²⁶. Ali “sempre tinha um

²²¹ Variedade. As mulheres julgadas segundo várias religiões. **Correio Oficial**. 24-11-1868, n162.

²²² PINTO, Maria Inês. Cultura de massa e representações femininas na pauliceia dos anos 20. **Revista brasileira de história**. São Paulo, v.19, n.38, p.139-163, 1999, p.148.

²²³ SANT'ANNA (2006), op,cit.

²²⁴ SANT'ANNA (2006), op,cit., p.70.

²²⁵ SANT'ANNA (2006), op,cit., p,75.

²²⁶ Cinema Goyano. **A imprensa**. 11-04-1914, p.2.

grande número de gente a fim de assistir a passagem de diversos filmes de valor que exibem ali”²²⁷

Além do Cinema Goyano, outros cinemas, como o Cinema Luso-Brasileiro, que nesse mesmo ano, 1914, tendo como proprietário o Cel. Joaquim Guedes, vai “ganhando terreno e mais se impondo à estima do povo goiano”²²⁸. Assim como no teatro, algumas mulheres goianas se utilizavam do espaço dos cinemas para se promoverem socialmente. Assim fez a Madame Couto, que “a frente das orquestras do Luso continua a fazer delícias dos hábitos do chique e confortável cinema.”²²⁹ Sendo assim, desde o século XIX, as mulheres já mostravam uma nova posição social, ao serem homenageadas, nos palcos e na moda.

Aconteciam também nos cinemas as eleições da Miss Goiás e da Miss Brasil, que causavam movimentação no Estado. O cinema trazia para diferentes territorialidades brasileiras grande gosto pelos estilos e comportamentos europeus. As paulistas, por exemplo, se apoiavam “por um lado na influência do modelo civilizador e modernizador da *Belle Époque* europeia – particularmente a francesa – e de outro numa sólida herança cultural advinda das nossas raízes coloniais”²³⁰

O cinema, portanto, era o representante das mudanças que a modernidade levava para o interior do Brasil, pois era visto “como o corolário da modernidade, como a encarnação do futuro, pois consegue aliar todos os ingredientes que caracterizam esse novo tempo e se distancia cada vez mais das visões de outrora” (PINTO, p.147).

A simbologia que o cinema disseminava era capaz de inúmeras mudanças, tanto no comportamento, quanto no próprio vestuário das pessoas. A moda, para muitos, no que se referia à moral, não tinha nenhum sentido mas, para alguns, “a moda é para mulher e mulher caprichosa, uma hora nos apresenta saias estreitas, blusas largas, ora vestes curtas, de fazendas transparentes com decotes baixos e os homens, quase devoravam as mulheres com os olhos, devido as suas roupas”²³¹. Com o passar do tempo, a moda adquiriu novos sentidos e significados e o mais expressivo, juntamente com novos hábitos do corpo, era por um único motivo:

²²⁷ Cinema Goyano. **A imprensa**. 18-04-1914, p.2.

²²⁸ Cinema Luso-Brasileiro. **A imprensa**. 02-11-1914.

²²⁹ Cinema Luso-Brasileiro. **A imprensa**. 09-09-1914.

²³⁰ PINTO, Maria Inês. Cultura de massa e representações femininas na pauliceia dos anos 20. **Revista brasileira de história**. São Paulo, v.19, n.38, p.139-163, 1999, p.136.

²³¹ Modos e modas. **O lar**. 01-07-1927, n.22, p.4.

agradar aos homens, por isso as roupas eram feitas através de um “gosto” masculino²³²

A moda era vista como sinônimo do “modernismo avançado”, o qual muitas goianas acreditavam vivenciar, usando em seus corpos “os últimos modelos vindos de Paris” ou “o que as artistas e mulheres ricas usam.”²³³ Já, para alguns pais, a moda exigia a escassez de roupas de suas filhas²³⁴. O modernismo exigia que “todas elas, magras ou gordas, altas ou baixas, obedecessem cegamente”²³⁵ e, ainda,

Exige das moças, suas adeptas, o menor número de roupas e, se possível for, tudo de seda e bem transparente, vestidos colantes, sem mangas, o decote, quanto mais baixo, mais chique e mais apreciado, as saias acima do joelho, embora mostrem assim, umas pernas finas ou grossas, não tem importância, sendo moderno é o que basta.²³⁶

A moda estava intimamente ligada, à cultura física e à beleza das mulheres goianas. Segundo os redatores dos jornais, muitas vezes eles não queriam dizer nada, mas era impossível²³⁷, pois as *misses* eram consideradas “umas tentaçãozinhas maldosas, que provocam a ingênua curiosidade dos homens”. As *misses* contribuíam para a construção de novos padrões de beleza e novas formas de “ser” mulher.

A cultura física para as mulheres foi, por muito tempo, incentivada “para que a mulher constituísse uma espécime de valor, sendo sadia e forte, linda e vigorosa, é mister que não se descuide de sua educação física e por meio da ginástica, praticada com arte.”²³⁸ Diante disso, além dos jornais, da política, do teatro, do cinema e da moda, o esporte também trará ao estado de Goiás novos lugares de sociabilidade. Por essas práticas perpassarão ainda os saberes principalmente religiosos e médico higienistas que, de todo modo, vão tentar, também, “fixar” as mulheres em determinados espaços, ditando como elas devem viver, agir, sentir e se comportar.

²³² PONTES, Heloisa. Modos e modas: uma leitura enviesada do *Espírito da roupa*. **Cadernos Pagu**, 2004.

²³³ Como é que elas seguem a moda. **O lar**. 30-11-1928, n.56, p.3.

²³⁴ Danças modernas. **O lar**. 15-10-1927, n.29, p.4.

²³⁵ Como é que elas seguem a moda. **O lar**. 30-11-1928, n.56, p.3.

²³⁶ Modernismo e uso antigo. Indiscreta. **Fora do Lar**. **O lar**. 15-11-1927, n.31, p.5.

²³⁷ Curiosidades. **Correio Oficial**. 20-04-1931, n.1891, p.4.

²³⁸ Cultura física no mundo feminino. Grace Machado. **O lar**. 14-04-1927, n.17, p.2.

CAPÍTULO 3

MOMENTOS INICIAIS DO ESPORTE FEMININO EM GOIÁS

Este capítulo se dedica a observar, através das entrelinhas da imprensa regional, como as relações de poder perpassaram pelas práticas corporais e esportivas goianas, paralelamente ao contexto brasileiro. Dá ênfase nas ações, deslocamentos e resistência das mulheres goianas que possibilitaram, ao longo da história, romper barreiras e “verdades” socialmente construídas que hierarquizam e violam as igualdades de oportunidades.

As práticas corporais e o esporte no Brasil, em geral, desde seus primórdios, reforçam a regulamentação do corpo. No entanto, o esporte, em sua complexidade e amplitude de relações pode, também, contestar os limites construídos para cada gênero; já que é um cenário repleto de conflitos, de ambiguidades, de lutas, de disputas, de legitimidades, de hierarquias e de simbolismos. Desse modo, o campo esportivo é “um terreno sensível e que potencialmente pode nos dizer muito sobre o status atual das mudanças sociais e culturais no âmbito das relações de gênero, que adota um ideal de fragilidade feminina”²³⁹

É importante lembrar que as observações das práticas corporais e esportivas goianas neste capítulo são feitas sob “as lentes” do olhar de Foucault, no que se diz respeito às relações de poder, à resistência, às lutas cotidianas e às “verdades” socialmente construídas sobre o corpo e os “lugares” sociais destinados às mulheres.

3.1. A presença das goianas nas práticas corporais e esportivas – Décadas de 1920 e 1930

Em meados das décadas de 1920 e 1930, diversas foram as influências vindas da Europa. Dentre elas, o cinema e o esporte tiveram destaque significativo.

²³⁹ ALDEMAN, Miram. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Estudos feministas**, Florianópolis, 11(2): 360, Jul.Dez, 2003.

Nesse momento de transição de novos ideais, foi o futebol que recebeu mais atenção e aceitação e logo se tornaria “uma paixão nacional”.

Durante as primeiras décadas do século XX, o cinema e o esporte se configuraram como novos hábitos que possibilitaram novas relações e lugares de sociabilidade. O esporte goiano, em seus momentos iniciais, esteve vinculado a outras relações (culturais, religiosas, festivas, econômicas, sociais e políticas) que, de todos os modos, estavam estabelecidas sob a nova lógica social e moderna do capitalismo. Essa lógica trabalha junto e continuamente na/para a construção e reprodução de determinadas “verdades” socialmente construídas.

As diversas notícias em jornais de todo o Brasil mostraram que ser um *sportmen* era o resultado de bons valores que possibilitavam a vida moderna que se anunciava. Os primórdios do futebol brasileiro retratam fortes vínculos entre os esportistas e a moralidade, tendo como padrão de homem, filhos de famílias ricas²⁴⁰. Em Goiás não foi muito diferente. Mesmo tendo um processo específico de acontecimentos e condições de tempo e espaço, o estado se inclui no processo pelo qual estava passando grande parte do cenário brasileiro.

O esporte em Goiás, principalmente o futebol, esteve intimamente ligado, simbolicamente, à retórica do progresso. Ainda que o processo de modernização nesse estado combinasse características tradicionais de uma sociedade fundamentalmente rural e agrária.²⁴¹ Foi nesse contexto que as práticas corporais e esportivas se inseriram nas terras goianas. Por isso, o que realmente surpreende não é a ausência da prática esportiva e sim “a perseverança e até a obstinação com que algumas pessoas se engajaram com a prática esportiva em Goiás, apesar dos obstáculos e adversidades”²⁴².

Conforme retrata a imprensa, as práticas corporais e esportivas representavam ambiguidades, como permanências e mudanças, rupturas e continuidades, modernidade e tradição, tanto para as mulheres quanto para os homens. É possível observar nessas ambiguidades, relações de poder que perpassam diferentes lugares sociais, inclusive nas práticas corporais e esportivas. Desse modo, [...] a suposição aqui é que o poder não atua através de mecanismos

²⁴⁰ DRUMOND (2009), op. cit., p.184.

²⁴¹ Para Dias (2013), no Estado de Goiás “o processo de modernização se combinou com as características tradicionais de uma sociedade fundamentalmente rural e agrária, que recebia influências não só das metrópoles, mas também de outras cidades”

²⁴² DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Primórdios do futebol em Goiás, 1907-1936. **Rev.Hist.Reg.** 18(01):31, 61, 2013, p.60.

simples de controle. De fato, ele atua através de mecanismos complexos e superpostos – e muitas vezes contraditórios – os quais produzem dominação e oposições, subordinação e resistência.²⁴³

No estado de Goiás as práticas corporais e esportivas, principalmente o futebol, começaram a ser vivenciadas antes dos ares modernos que permeavam a década de 1930. Na Cidade de Goiás, entre 1907 e 1908, já aconteciam algumas partidas de futebol no Largo do Chafariz. Era praticado principalmente entre estudantes que iam para fora do estado, que ao mesmo tempo aprendiam o futebol. Ao retornarem para a Cidade de Goiás praticavam com amigos geralmente nas tardes de domingo. Com o passar do tempo, essas práticas se intensificaram²⁴⁴.



(Largo do Chafariz - Acervos União Goiana – Museu das Bandeiras)

O estado de Goiás tem, entre os anos de 1907 e 1936, uma assimilação do futebol como uma prática cotidiana goiana. Sendo que “essa periodização circunscreve, de um lado, os primeiros registros da prática deste esporte Goiás e, de

²⁴³ WEEKS (2009), op.cit., p.54.

²⁴⁴ DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. História do esporte no sertão brasileiro: memória, poder e esquecimento. **Materiales para la Historia del Deporte**, v. X, p. 24-36, 2012.

outro, a assimilação definitiva do novo costume como um hábito cotidiano, amplamente disseminado por vários seguimentos.”²⁴⁵ Abre-se, assim, um novo leque de possibilidades (ainda que ambíguas) de participação social de homens e mulheres goianos.

O futebol foi rapidamente vivenciado em vários municípios do estado de Goiás. Na Cidade de Goiás, Norte de Goiás, Pires do Rio, Ipameri e outros, já existiam times e clubes esportivos que possibilitaram um grande número de jogos entre diferentes grupos, municípios e também estados. Esses jogos foram importantes para o desenvolvimento e a disseminação das práticas esportivas no estado de Goiás, pois proporcionavam o intercâmbio de pessoas²⁴⁶.

Esse esporte, desde seus primórdios, fascinava mulheres e homens, mas, ao mesmo tempo, reforçava a delimitação de lugares de mulheres e homens, definindo espaços nos quais estes poderiam ou não estar presentes e de que maneira essa presença poderia ocorrer. Reforça também os papéis sociais, pois é um terreno sensível e, potencialmente, pode dizer muito sobre o status da cultura, das relações de gênero²⁴⁷ e, também, das relações de poder. As mulheres são representadas pela fragilidade e recebem materiais simbólicos (brincadeiras, cor de roupa, lugares frequentados, etc.) que, em sua maioria, reforçam o “papel natural de ser mãe”, frágil e dócil.

Inicialmente, a participação das goianas nas práticas esportivas era nas arquibancadas, já que a prática exigia grande esforço físico e isso não era de forma alguma, uma atividade própria para as mulheres, que tinham “naturalmente” um corpo mais frágil e delicado. Elas não eram proibidas de estarem lá, desde que fosse nas arquibancadas. Ali elas mantinham sua função biológica e permaneciam nos lugares socialmente demarcados.

No entanto, somente o fato de estarem presentes nesse lugar socialmente considerado masculino já marca participação dessas mulheres nessa nova dinâmica social. As lutas cotidianas mostram que, em sua grande maioria, a ampliação da participação das mulheres brasileiras nos lugares de sociabilidade foi conquistada a partir de resistências e reivindicações, tanto dentro dos espaços privados domésticos, quanto nos espaços públicos.

²⁴⁵ DIAS (2013), op. cit, p. 32.

²⁴⁶ DIAS (2013), op.cit.

²⁴⁷ GOELLNER, Silvana Villodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**. Porto Alegre, v.13, n.2, 2007.

Com o aumento da quantidade de partidas, os jogadores e os torcedores (que variavam entre jovens, adultos, senhoras e senhorinhas) começaram a se organizar em delegações ou caravanas esportivas. Era um aglomerado de pessoas que seguia viagem para municípios, cidades ou estados, junto com os jogadores que iriam disputar alguma partida. As caravanas recebiam o nome do próprio time ou clube esportivo e proporcionavam de fato, o intercâmbio entre pessoas.

O aglomerado de pessoas acontecia sempre que um time em destaque convidava outro para uma partida. Sendo aceito o convite, o grupo seguia para a disputa com muita animação e entusiasmo. Ao chegarem à cidade onde aconteceria a partida, as caravanas eram recebidas com alegria e disposição pela população local. Geralmente, depois das partidas, independente de qual time fosse vencedor, o time dono da casa oferecia um baile em nome do time convidado. O recorte abaixo expressa a chegada de uma caravana esportiva, que seguiu do Município de Ypameri até o Município de Santa Luzia, no estado de Goiás.

3 de maio amanheceu festivo em Santa Luzia. Logo nas primeiras horas do dia a cidade despertou com alegre fonfonear de automóveis. O alto por onde se vai ao campo de *football* apresentava um lindo aspecto. Era bandos de gente, homens, senhoras, senhoritas e garridas crianças que subiam para assistir lá no alto uma missa campal em comemoração da gloriosa ephemeride. O sol muito luminoso dourava o campo que se dourava também coalhado de grupo de mocinhas todas muito graciosas, sorrindo-se levemente com o sorriso brando e encantador que revela toda profundidade de suas alminhas puras e delicadas. No estádio das partidas de *football* erguia-se o altar para o santo sacrifício da missa. A cerimônia transcorreu-se com todo o encantamento e poesia característica ao culto cristão.²⁴⁸

As goianas, além de estarem presentes nas arquibancadas, passaram a estar presentes também nas caravanas, mas, de forma alguma, de fato atrás “da bola”. A prática do esporte goiano, desde seus momentos iniciais, se constitui em um espaço “naturalmente” masculino. As práticas esportivas, portanto, expressam muito bem as relações de gênero existentes em cada sociedade que, quanto mais machista, tem mais exacerbadas suas representações²⁴⁹.

Assim, “com a ideologia machista presente na sociedade, os periódicos esportivos firmavam a ideia de ser boa a presença feminina somente como espectadoras do jogo, pois estariam enfeitando um esporte violento como o futebol,

²⁴⁸ DO CORRESPONDENTE, O “Ypameri” em Santa Luzia. **Jornal Ypameri**. 03-05-1928, n.101, p.2

²⁴⁹ FRAZINI (2005), op.cit.

com sua graça e feminilidade.”²⁵⁰. A real intenção desses discursos, além do machismo, do discurso da moral, das “preocupações” com a qualidade de vida e o bem estar das brasileiras, revela, na verdade, a preocupação com a subversão dos papéis socialmente construídos, já que estariam deixando suas funções naturais para invadirem os espaços dos homens.²⁵¹

Assim como no recorte da notícia acima, grande parte dos noticiários reforçava um padrão do que era “ser” mulher: religiosa, pura, frágil, graciosa, leve e sorridente; graciosas e leves, carregando sempre a ideia de “natureza feminina”²⁵². Para Silva²⁵³, “o mito patriarcal começa a sedimentar-se pelo discurso religioso e reforça-se através dos cânones sociais que, valendo-se de estereótipos, constroem um “perfil feminino.”

Na imprensa goiana, esse “perfil feminino” foi reforçado por diferentes discursos (elogios, valores e outros) e saberes (principalmente religioso e médico). Tais discursos e saberes expressavam a complexidade dos componentes das sociedades²⁵⁴. Além disso, essas “verdades” sobre a “natureza feminina” e seu “perfil” deixam claro quais eram as mulheres que poderiam ou não participar dessas manifestações corporais e acontecimentos festivos.

Esses discursos se concentravam sempre nas mulheres de “bons hábitos, educadas, cheias de requinte e etiqueta”²⁵⁵, deixando de fora todas as outras goianas que não se encaixavam nesses padrões sociais. Além disso, as “educadas e cheias de etiqueta”, ao que parece, não representavam perigos de mudanças e questionamentos.

Nesse contexto da valorização dos “hábitos das belezas morais e familiares”²⁵⁶ no Brasil e no estado de Goiás, o papel destinado à mulher sendo unicamente mãe torna-se muito importante e valioso. As notícias traziam o discurso

²⁵⁰ PARDINI (2009), op.cit. p.188.

²⁵¹ FRAZINI (2005), op.cit.

²⁵² “Beleza, maternidade e feminilidade. Identificadas como partícipes do que comumente se convencionou denominar “natureza feminina”, a conotação culturalmente atribuída a essas palavras desenha, há muito tempo, imagens que encerram uma representação normatizada de “ser mulher”, seja no campo esportivo, seja para além de suas fronteiras.” (GOELLNER, 2009, p.271).

²⁵³ SILVA (1985), op.cit, p.110.

²⁵⁴ GASTALDO, Edson Luis; BRAGA, Adriana Andrade. 2011.

²⁵⁵ DO CORRESPONDENTE, O “Ypameri” em Santa Luzia. **Jornal Ypameri**. 13-05-1928, n.101, p.2.

²⁵⁶ X. Colluna da Instrução. **Correio Oficial**. 07-07-1931, n.1941, p.7,8.

higiênico dos corpos e do fortalecimento da raça. Era um reforço de que ser feminina era ser bela e saudável e, só assim, elas cumpririam seu papel de esposa e mãe.²⁵⁷

O futebol foi outro importante meio de consolidação e fortalecimento da raça. Logo se tornaria um símbolo da identidade brasileira, uma prática das elites que foi sendo apropriada por todas as classes sociais. Foi essa aproximação com a massa brasileira e o entusiasmo provocado nos jovens que chamou a atenção do projeto do governo provisório de 1930. O futebol, aos poucos, tornou-se uma ferramenta para a construção de valores e de uma nova imagem do povo brasileiro, sendo, também, uma ferramenta que levava a ideologia oficial, para toda a população brasileira.²⁵⁸

Esses valores tocavam, também, as mulheres. Criar filhos fortes e sadios era uma das ideologias do governo nacionalista, e, para isso, era necessário proteger e fortalecer o corpo das mulheres, já que estas eram as responsáveis por formar cidadãos fortes para a nação. No Brasil, algumas práticas foram aceitáveis para as mulheres, mas outras, consideradas agressivas para a feminilidade, a beleza e a reprodução, foram proibidas.

A normatização²⁵⁹ médica e a moral, a partir de saberes biológicos, viram as mulheres brasileiras e seus filhos, desde o século XIX, como as principais pessoas a serem disciplinadas²⁶⁰. Afinal, elas foram consideradas as molas propulsoras dos ideais eugênicos, propostos pelos interesses do Estado, principalmente nas décadas de 1930 e 1940.²⁶¹

Ainda em relação ao recorte acima, outro ponto importante é que a prática do futebol goiano, a princípio, era atrelada às festas (religiosas e carnavalescas). Porém, com o passar do tempo, assim como em outros estados brasileiros “assumiu suas características básicas, que podem ser sumariamente assumidas em: competição, rendimento físico-técnico, record, racionalização e cientificização do

²⁵⁷ GOELLNER, Silvana Villodre. 2000/2.

²⁵⁸ DRUMOND (2009), op. cit.

²⁵⁹ Norma: “talvez não necessite de uma definição explícita; ela se torna o quadro de referência que é tomado como dado para o modo como pensamos; ela é parte do ar que respiramos” (WEEKS, 2009, p.62).

²⁶⁰ RABELO (2007), op.cit.

²⁶¹ “Nos primeiros anos do século XX a população brasileira era composta, majoritariamente, por negros, escravos ou descendentes. Essa composição étnica se tornou alvo de diferentes intervenções em nível nacional, cujos objetivos estavam direcionados para o refinamento da raça, visto que os negros eram considerados como seres inferiores. Baseados na teorização darwinista de que a atividade física atuava no robustecimento orgânico e, portanto, no aprimoramento da espécie, buscava-se uma educação corporal e esportiva que, pautada por um estatuto científico e ao mesmo tempo moral, estivesse articulada à medicina e às normas jurídicas, fortalecendo a raça branca – ideal imaginário de um povo ameaçado pela mestiçagem.” (GOELLNER, 2009, p.275).

treinamento” (BRACHT, 2005, p.14). No entanto, isso só acontecerá, de fato, em anos posteriores ao recorte temporal desta pesquisa.

No estado de Goiás, a princípio, missas eram celebradas antes das partidas, com a presença de padres e de pessoas cristãs que regulamentavam essas práticas e vivências. Logo as práticas se confundiram, também, com as festividades cívicas, datas comemorativas e festas de carnaval²⁶² que, em geral, eram preparadas e promovidas pelos clubes esportivos. Grande parte desses festejos foi promovida pela União Goiana, um dos times que tinha maior destaque²⁶³.



(Bloco Carnavalesco²⁶⁴ União Goiana – Arquivo Fundação Frei Simão Dorvi)

A maioria dos noticiários sobre o carnaval²⁶⁵ enaltecia os clubes esportivos. Essas festividades possibilitavam também uma maior visibilidade dos jogadores, que logo seriam considerados importantes indivíduos para a promoção do estado de Goiás em nível nacional. Desse modo, “a vinculação simbólica entre a retórica do progresso e o esporte foi um dos elementos que propuseram maiores esforços da elite, para difusão dessa prática”, pois “assim poderia inverter o modo de

²⁶² Carnaval, a união e o jazz... **Correio Oficial**. 15-01-1932, n.265, p.2.

²⁶³ Carnaval. **Correio Oficial**. 09-02-1934, n.2940, p.4.

²⁶⁴ Bloco Carnavalesco. **Correio Oficial**. 11-02-1934, s/n.

²⁶⁵ Carnaval taí. **Correio Oficial**. 14-02-1936. s/n.

representação do estado diante do país e, ainda, desvincular da imagem de atraso e subdesenvolvimento.”²⁶⁶

Paralelamente, algumas senhorinhas goianas eram nomeadas madrinhas²⁶⁷ e rainhas dos clubes e caravanas esportivas. Ainda que tais nomeações reforçassem estereótipos de beleza e feminilidade, esses espaços possibilitaram também uma maior visibilidade pública dessas mulheres, as quais negociavam sua presença e participações nesses novos lugares de sociabilidade.



(Madrinha/Rainha da União Goiana – Arquivo Fundação Frei Simão Dorvi)

As madrinhas recebiam o título através de concursos em que só os homens poderiam votar. As apurações aconteciam durante bailes festivos oferecidos pelo clube. A sociedade goiana não permitia a grande participação das mulheres nas atividades tidas como importantes e decisivas, já que a cultura local tinha como ideal a fragilidade feminina, e sua presença era somente para colorir e alegrar o ambiente. Desse modo, a participação das mulheres era restrita, sem o poder de fala, de escolhas e de voto. As relações, os lugares, as posições e os acessos em espaços públicos eram desiguais, sempre apoiados no ideal naturalizado da fragilidade e delicadeza feminina e na valorização de alguns comportamentos em detrimento de outros.

²⁶⁶ DIAS (2013), op.cit.

²⁶⁷ Concurso pra a eleição da rainha. **Correio Oficial**. 02-10-1934, n.2858, p.4.

As práticas corporais e esportivas, além de estarem atreladas às festas religiosas e aos carnavais, estavam vinculadas também a outros acontecimentos sociais, como datas comemorativas, bailes e festas escolares que, com frequência, aconteciam no edifício do Grupo Escolar e no Palácio da Instrução. As partidas de futebol, basquete (bola ao cesto) e vôlei eram, em muitas ocasiões, oferecidas pelos clubes esportivos às alunas da Escola Normal e Complementar.

As práticas corporais e esportivas estavam em espaço e tempo tão próximos que, no começo da década de 1930, o diretor da Escola Normal sugeriu a criação do Caixa Escolar, a fim de amparar as alunas de menor renda que lá frequentavam. Para isso, angariavam dinheiro das festividades esportivas:

Essa diretoria cogita realizar uma festa esportiva devendo o produto da venda dos bilhetes de entrada, reverter para a referida caixa, a fim de que as jovens patricias não fiquem privadas por falta de meios, de receber uma educação. [...]. Com esse recurso, a Escola Normal e Complementar estão aptas a receber uma criança analfabeta e a devolver com um diploma, sem que a educação lhes tenha custado nada.²⁶⁸

O Caixa Escolar deu certo e continuou por várias festividades. Essa aproximação da escola com as comemorações festivas, segundo Nepomuceno (1994), tinha “o fim de despertar o povo e os alunos para a educação.” A educação nos anos 1930 estava a serviço do projeto “modernizador” da sociedade no estado de Goiás e todas as matérias escolares foram usadas a favor desse projeto²⁶⁹. A educação do físico e a ginástica adquiriram importância nesse contexto brasileiro, ligadas ao progresso e à modernidade.

As aulas de ginástica, desde 1917, já faziam parte das atividades do Colégio Lyceu, sendo que “a partir de abril daquele ano, a ginástica passaria a constar dos programas de exames da instituição, ao lado do português, francês, latim, geografia e desenho”²⁷⁰, Tal prática, para as mulheres, “tende não somente aperfeiçoar o delineamento do corpo, mas ainda a comunicar aos que a praticam o constante entusiasmo da formosura e da sanidade corporal, o cultivo da força e da alegria”²⁷¹, ou seja, “no mundo feminino é um dos complementos essenciais a sua saúde e vigor, robustez e alegria.”

²⁶⁸ Coluna da escola normal. **Correio Oficial**. 28-05-1931, n.1914, p.1,2.

²⁶⁹ NEPOMUCENO, Maria de Araújo. **A ilusão pedagógica 1930-1945: estado, sociedade e educação em Goiás**. Goiânia: Editora UFG, 1994.

²⁷⁰ DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Momentos iniciais da Educação física em Goiás – 1917 a 1929. **Mimeo**, 2013.

²⁷¹ MACHADO, G. A cultura physica no mundo feminino. Gracy Machado. **O Iar**. 15-04-1927, n17, p.2.

A prática da cultura *physica* para as mulheres era também importante para “fortalecer e revigorar o organismo”, uma vez que, “para que a mulher constitua uma espécime de valor, seja sadia e forte, linda e vigorosa, é mister que não se descure de sua educação *physica* e por meio da *gymnástica*, praticada com arte e perícia, procura estetizar e robustecer”²⁷². As instituições escolares goianas, com essas atividades tidas como modernas, aliadas aos aspectos físicos, ao ensino moral e intelectual, entendiam a educação do físico como um “poderoso remédio para criar indivíduos bem desenvolvidos, com resistência orgânica necessária a reagir futuras enfermidades que possam sobrevir-lhes”²⁷³.

A educação do físico sofreu influências militares e médicas desde o Brasil Império. Ao longo da história, serviu de reforço a estereótipos de comportamentos masculinos e femininos e foi, também, um poderoso instrumento na concretização de uma identidade moral e cívica, apoiando-se nas bases da eugenia da raça. Configurou-se, ainda, no processo de defesa da pátria e na implementação do processo de industrialização brasileira.²⁷⁴

Para Castellani Filho²⁷⁵, a Educação Física no Brasil, desde o século XIX, foi entendida como um importante elemento para forjar indivíduos saudáveis e fortes, os quais eram importantes para o processo de desenvolvimento do país. Desde o período colonial, os militares, juntamente com os médicos sociais, pautados no discurso da higiene, ditavam a sociedade principalmente por meio da estrutura familiar. Conduziam a reorganização social definindo os padrões de conduta física, moral e intelectual.

Desde seu primórdio nas escolas goianas, a Educação Física²⁷⁶ traz um cunho higiênico e militar subordinado pela Inspetoria do tiro de guerra. Entre 1918 a 1920, cresce a prática escolar entre os alunos; em 1924, as aulas eram ministradas quase que diariamente, e na década de 1930 já eram uma atividade consolidada dentro das escolas.²⁷⁷ Na instrução física, quando

²⁷² MACHADO, G. A cultura *physica* no mundo feminino. **O lar**. 15-04-1927, n17, p.2.

²⁷³ Educação física, Capital Lindolfo Santos. **Voz do Povo** 01-05-1932, n.232, p.2.

²⁷⁴ CASTELLANI FILHO (1988), op.cit.

²⁷⁵ CASTELLANI FILHO (1988), op.cit.

²⁷⁶ Em 1912, a portaria de 23 de julho desse ano, regulamenta no Liceu de Goiás, a competência para a instrução militar. Em 1916, pelo decreto nº4.089 são incluídas as aulas de ginástica para todos os quatro anos de ensino do Liceu e em 1917 e nesse mesmo ano, a ginástica parece se efetivar no Liceu e na Escola Normal como prática pedagógica regular, tendo tempo e espaços estabelecidos na distribuição de disciplinas. (DIAS, 2012).

²⁷⁷ DIAS (2012), op.cit.

tratada pelo cunho militar, as alunas não tinham uma efetiva participação, uma vez que “a grande importância da educação física era para a preparação do soldado”²⁷⁸, visando o

Interesse nas competições individuais e coletivas, aprender a transpor barreiras, conduzir pesos, vencer distâncias com velocidade, o que lhe serve no salto com obstáculos, transporte de companheiros feridos, munição e material, condução rápida de mensagens a longa distância e além de tudo, a educação física regula o funcionamento dos diversos aparelhos do organismo, preparando a resistência do soldado para os sérios embates da vida prática.²⁷⁹

O foco na preparação do físico atrelado às instituições militares e esportivas reflete até os dias atuais, em muitas das vezes, a imagem e a representação desses dois campos (esportes e educação física)²⁸⁰ como sendo um. Isso influencia diretamente na consolidação, legitimidade e autonomia da Educação Física enquanto uma disciplina curricular, a qual, ao longo da história,

[...] tem servido como poderoso instrumento ideológico de manipulação, para que as pessoas continuem alienadas e impotentes diante da necessidade de verdadeiras transformações no seio da sociedade. Por consequência, escreve-se quase sempre uma história que é o próprio reflexo dessa situação de dominação que se pretende eterna.²⁸¹

Os “anos de 1917 e 1929 correspondem às primeiras iniciativas regulares e sistemáticas em Goiás [...] dessas aulas, tanto na instrução militar, quanto na ginástica. Nessa época, reformas na organização do sistema de instrução pública goiano passaram a considerar muito seriamente a necessidade de uma “instrução física” para seus estudantes”²⁸². Novas formas de educação do corpo que logo se adaptariam ao processo de nacionalização disseminado pelo governo provisório e, logo depois, pelo Estado Novo, pois durante todo esse período existem inúmeras notícias retratando a importância da ginástica, da instrução do físico e dos esportes.

²⁷⁸ Na força pública. **Correio Oficial**. 09-01-1934, n2646, p.1.

²⁷⁹ Na força pública. **Correio Oficial**. 09-01-1934, n2646, p.1.

²⁸⁰ Percebe-se que a constituição histórica dos esportes brasileiros e da Educação Física em muitas vezes se confundem, ainda que sejam dois campos distintos segundo as teorias críticas. Porém, pode-se dizer que não existem possibilidades de falar historicamente de um campo sem falar do outro.

²⁸¹ MEDINA, João. **A Educação Física que cuida do corpo “e mente”**. São Paulo: Papirus, 1987, p.10.

²⁸² DIAS (2013), op. cit, p.2.

Os projetos de implementação da Educação Física obrigatória para ambos os sexos se intensificaram. Em 1931 o tema se destacou na Reforma Francisco Campos para o ensino secundário e, em 1937, na Constituição dos Estados Unidos do Brasil, para todos os níveis de ensino.²⁸³ Tais disciplinas, logo recebem recomendações específicas para os seus professores:

[...] a sublime missão de educar para a Pátria uma geração sadia e forte, atleta e bela, da qual sairão futuramente os mais lindos padrões da raça brasileira. E isso se conseguirá pela instrução metódica, regulamentada nas escolas, dos exercícios físicos, sobressaindo os jogos e as diversas modalidades de ginástica sueca.²⁸⁴

Desse modo, cabia ao professor de Educação Física dirigir e orientar os exercícios para que estes possibilitassem ao organismo trabalhar harmonicamente, proporcionando o prazer de acordo com o período da evolução orgânica.²⁸⁵ Uma prática obrigatória, pautada nos ideais biológicos, descaracterizando as influências sociais e pautada também em uma íntima relação com a eugenia da raça.

Sendo assim, a Educação Física, bem como os esportes, foram considerados meios para implementação do crescente projeto de modernidade. “Espaços de intervenção na educação dos cidadãos, no sentido da valorização do corpo esteticamente belo e do aperfeiçoamento físico de corpos saudáveis e aptos, capazes de enfrentar os desafios da vida modernizada.”²⁸⁶

Nos discursos oficiais, esse novo projeto dependia das mulheres, para gerarem uma prole saudável, de futuros trabalhadores e soldados fortes e, ainda,

[...] havia uma preocupação urgente com as vantagens do controle da natalidade (“planejamento familiar”), a fim de assegurar que as famílias fossem constituídas pelo tipo certo de indivíduo, bem como uma preocupação com os papéis apropriados para homens e mulheres (especialmente as mulheres) na família [...]. (WEEKS, 2009, p.53)

Na Escola Normal goiana existia um grupo que defendia o Método Sueco²⁸⁷, que foi historicamente adotado por Rui Barbosa²⁸⁸ como o mais adequado dos três

²⁸³ NEPOMUCENO (1994), op. cit.

²⁸⁴ MACHADO, G. A cultura physica no mundo feminino. **O lar**. 15-04-1927, n17, p.2.

²⁸⁵ CASTELLANI FILHO (1988), op.cit.

²⁸⁶ GOELLNER, 2000/2, p.62, op. cit.

²⁸⁷ “[...] se baseia na ciência, deduzindo de uma análise anatômica do corpo uma série racional de movimentos de formação.” (SOARES, 2004, p. 58)

²⁸⁸ “Rui Barbosa, no projeto de número 224 denominado Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da Instrução Pública. Em tal parecer, proferido na sessão 12 de

métodos de ginástica (Sueco, Francês e Alemão) vivenciados nas instituições escolares brasileiras. Segundo Soares²⁸⁹, no Método Sueco “a ginástica feminina era idêntica à masculina”, mas com algumas restrições, uma vez que movimentos bruscos poderiam prejudicar as funções maternas do corpo.

Na década de 1930, foram defendidos os mesmos ideais traçados por Rui Barbosa em 1882, exaltando a consagração do aforista Juvenal *Mens Sana in Corpore Sano* por Inezil Penna Marinho, enaltecendo os valores dos exercícios para a formação do homem moderno. Um importante disseminador desses ideais foi Fernando de Azevedo²⁹⁰, que trazia um discurso de superação entre o ensino intelectual e a educação física, buscando desenvolver uma harmonia entre todas as energias do corpo. Mas, a bem da verdade, Fernando de Azevedo, em suas artigos publicados entre as décadas de 1920 e 1960, apoiados em Rui Barbosa, reforçava a visão dualista de homem colocando o físico a serviço do intelecto.²⁹¹

O discurso higiênico era evidente também dentro das instituições escolares goianas, por meio das atividades tidas como modernas e aliadas aos aspectos físicos ao ensino moral e intelectual. Esse discurso era considerado um “poderoso remédio para criar indivíduos bem desenvolvidos, com resistência orgânica necessária reagir futuras enfermidades que possam sobrevir-lhes”²⁹².

Sendo assim, a Educação Física e a Ginástica brasileira tinham um papel importante na eugenia da raça, disseminada principalmente pelo discurso de Fernando de Azevedo em seus artigos, que alcançavam todo o país demonstrando sua preocupação em adequar o povo brasileiro aos

setembro de 1882 da Câmara dos Deputados, Rui Barbosa deu à Educação Física um papel de destaque ímpar em seu pronunciamento, terminando por sintetizá-lo em propostas que foram desde a instituição de uma sessão especial de ginástica em escola normal, até a equiparação em categoria e autoridade, dos professores de ginástica aos de todas outras disciplinas, passando pela proposta de inclusão da ginástica nos programas escolares como matéria de estudo, em horas distintas das do recreio e depois da aula” (CASTELLANI FILHO, 1988, p.36,37).

²⁸⁹ SOARES (2004), op. cit, p.59.

²⁹⁰ “Fernando Azevedo definia a Eugenia como a ciência ou disciplina que tem por objeto o estudo das medidas sociais-econômicas, sanitárias e educacionais que influenciam física e mentalmente o desenvolvimento das qualidades hereditárias dos indivíduos e, portanto, das gerações. [...] A eugenia é também a aplicação de forças de uma educação enérgica para a conquista da plenitude das forças físicas e morais tirando-nos desse plano inclinado de depauperamento e decadência [...] é o revigoramento do povo, por uma sabida política de educação, de defesa sanitária e de cultura atlética.” (CASTELLANI FILHO, 1988, p.42,43).

²⁹¹ CASTELLANI FILHO (1988), op. cit, p.44.

²⁹² Educação física, Capital Lindolfo Santos. **Voz do Povo** 01-05-1932, n.232, p.2.

padrões higienistas das classes dirigentes. Eram reforçados perfis e estereótipos femininos e masculinos: “o raciocínio era simples: mulheres fortes e sábias teriam mais condições de gerarem filhos saudáveis, os quais, por sua vez, estariam mais aptos a defenderem e construir a Pátria, no caso dos homens, e de se tornarem mães robustas, no caso das mulheres.”²⁹³

O projeto da reforma do ensino primário brasileiro e das outras instituições complementares, de Rui Barbosa, N.224 -1882, segundo Castellani Filho²⁹⁴, consistia em: 1º- Instituição de uma seção especial de ginástica em cada escola normal; 2º- Extensão obrigatória, de ambos os sexos, na formação do professorado e nas escolas primárias de todos os graus, tendo em vista, em relação à mulher, a harmonia das formas femininas e a exigência da maternidade futura. Esse projeto regeu as aulas de ginástica até 1986, quando o CND baixou a recomendação n.2, reconhecendo a necessidade de estímulo à participação da mulher nas diversas modalidades esportivas no país.

Dentro da escola goiana, aconteceram as primeiras participações das senhorinhas goianas nas práticas corporais, nas quadras das escolas e em mais de uma modalidade.

A exemplo disso segue o noticiário da “Coluna Acadêmica”:

No dia 9 corrente realizou-se no pátio do Colégio Santana, às quatro e meia horas da tarde, um festival organizado e oferecido pelas alunas do 3º ano normal as colegas do 4º ano. Foi uma festa litero-esportiva para encerrar o lindo mês de maio, mas que circunstâncias imperiosas adiaram para o mês de junho. Constatou a primeira parte de uma conferência sobre a Virgem Maria e seguida de interessante discurso pronunciado pela gentil colega Isa Domingues, tendo como objetivo o oferecimento do festival as coleguinhas do 4º ano; sendo imensamente agradecida muito cordialmente em ligeiras palavras pela aluna M. do Carmo Jungmann. [...] Foi aberta a sessão esportiva pela corrida de saco, sendo premiadas as meninas: Angelica Reis Vieira e Aparecida Azeredo. Em seguida, corrida de obstáculos e procura às cegas, recebendo prêmios, na primeira, Helena Rizzo, na segunda, Brasilce Caiado. Deu fim à parte esportiva o jogo do 3 ano contra um *scatoh* de alunas de outros anos, saindo este vencedor. Terminou a festa por um leilão onde se distinguiu por sua leiloeira Isabel Bailão aluna do 2º ano normal. Os produtos do dito leilão foram recolhidos a caixa escolar e destinaram-se a compra de alguns aparelhos para o incipiente gabinete de física e química desse conhecido educandário.²⁹⁵

²⁹³ CASTELLANI FILHO (1988), op. cit, p.43.

²⁹⁴ CASTELLANI FILHO (1988), op. cit,

²⁹⁵ VIEIRA, Virgínia Maria R. Coluna acadêmica – Uma festa no colégio. **Correio Oficial**. 17-06-1934, n.2674, p.5.

Essa notícia foi redigida por uma mulher, o que não era comum nos jornais circulantes da época, além do jornal *O Lar*. Isto caracteriza, ainda mais a quebra de paradigmas e a conquista de novos lugares de sociabilidade, que até então eram compostos unicamente por homens. Mostra, ainda, que o ambiente escolar, mesmo com uma educação totalmente voltada para os ideais religiosos, também proporcionou deslocamentos e quebra de “verdades”. A escola proporcionou o contato direto das mulheres com as práticas corporais, no entanto, a prática efetiva dos esportes só viria acontecer, fora desse ambiente, alguns anos depois.

Segue outro recorte:

Excelente impressão que ficou dos conhecimentos esportivos das alunas. Elas cantaram uma belíssima modinha e recitaram lindas poesias. Na parte esportiva, estava o tenente Walfredo Maia, professor da disciplina na Escola Normal, onde, em poucos dias de aulas, as alunas mostraram bastante aproveitamento na corrida, bola ao cesto e corrida com esferas.²⁹⁶

Times de ambos os sexos concorriam às taças disputadas nos campeonatos dos jogos e brincadeiras. Aconteciam, também, provas de instrução física entre os times das escolas e as associações esportivas, a fim de ampliar e desenvolver os desportos goianos²⁹⁷. Eram diversas provas de basquete, atletismo, cestobol, resistências e saltos; que, em geral, participavam só os alunos²⁹⁸. Quando se tratava de jogos e brincadeiras, as meninas participavam. Quando se tratava de esporte ou resistência, só os meninos participavam.

Essas partidas esportivas ou de resistência foram oferecidas diversas vezes pelos alunos às alunas. A título de exemplo, em uma comemoração do dia 07 de setembro de 1934, a 4ª prova foi oferecida às senhorinhas Doracy Sant’Anna, Naná Milburges, Sebastiana Paiva de Gusmão, Zilá Seixo de Brito e Nazinha de Moraes onde “a mocidade atlética dessa capital, com entusiasmo resolveu promover, em conjunto, uma festividade esportiva, levando a efeito prova de vários gêneros de jogos e brinquedos”²⁹⁹.

Ao participarem das práticas corporais mistas, como corridas de estafetas, corridas com ovos, cabo de guerra, salto em altura e ginástica³⁰⁰, tencionavam a

²⁹⁶ Dia da comemoração do pan-americano. **Correio Oficial**. 16-04-1934, n.1931, p.7.

²⁹⁷ Bloco atletico goyano. **Correio Oficial**. 07-09-1934, n 2839, p.1.

²⁹⁸ Instrução física. **Correio Oficial**. 28-08-1934, n.2830, p.12.

²⁹⁹ Bloco atletico goyano. **Correio Oficial**. 07-09-1934, n 2839, p.1.

³⁰⁰ 15 de novembro. **Correio Oficial**. 15-11-1929, n.1628, p.6.

representação e as “verdades” do que era “ser” mulher, já que os exercícios físicos se traduziam em,

[...] uma novidade nesse tempo, pois sob a égide do romantismo na literatura, as imagens associadas às mulheres brasileiras eram imagens românticas. Mulheres lânguidas e gráceis portadoras de gestualidades comedidas e delicadas, cuja educação estava voltada, prioritariamente, para o casamento e a maternidade.³⁰¹

Ao mesmo tempo, essas construções sociais e papéis “naturalizados” eram também tencionados dentro do ambiente escolar e nas meninas eram ainda mais visíveis. As práticas corporais e esportivas agem diretamente sobre o corpo³⁰² dos homens e das mulheres que carregam consigo as construções sociais e culturais. É no corpo que está impressa a estrutura social, sendo que as manifestações corporais expressam tal estrutura. Desse modo, era também dentro do ambiente escolar que as identidades³⁰³ eram construídas, já que somos seres históricos e aprendemos a lidar com as coisas a partir de um contexto e por meio de uma linguagem.³⁰⁴

Os festejos de aniversário dos clubes esportivos eram promovidos pelas alunas da Escola Normal, do Colégio Santana e do Curso Complementar, que recebiam a contribuição do próprio clube e de seus Comitês Femininos³⁰⁵. As festas juninas, também promovidas pelos clubes esportivos e seus comitês, aconteciam junto com as partidas de futebol, basquete, vôlei, tênis, e outros. Participavam os clubes Brasil Central A.C.; América Esporte Clube, América, União Goiana, os alunos do Liceu de Goiás, a 2ª Companhia e a Força Pública da Polícia³⁰⁶.

Além dos jogos e brincadeiras, as mulheres participavam também da ginástica. Era uma prática ao mesmo tempo moderna e compatível com suas especificidades físicas e biológicas. A ginástica era considerada muito valorosa por deixar as mulheres sadias, fortes, lindas, vigorosas e robustas; além de proporcionar o delineamento do corpo, a ginástica trazia também o entusiasmo da formosura e da

³⁰¹ GOELLNER (2009), op. cit., p.273.

³⁰² Para Louro (1997), o campo da Educação Física é marcado pelas identidades de gênero, já que essas são construções sócias e históricas sustentadas sob bases biológicas.

³⁰³ Identidades que, para Hall (1997), são formadas culturalmente de acordo com as situações históricas, que levam os sujeitos a assumirem determinadas posições e características. Tais características definem um determinado grupo de um determinado tempo.

³⁰⁴ PACHECO (2009), op.cit., p.254.

³⁰⁵ Sobre os Comitês Femininos, mais a frente, serão melhor historicizados.

³⁰⁶ Festas Joaninias. **Correio Oficial**. 13-06-1935, n.3029, p.1.

sanidade corporal, sendo um complemento essencial para a alegria.³⁰⁷ Desse modo, as aulas de ginástica reforçavam os padrões idealizados e socialmente construídos para as mulheres: mães, saudáveis e belas.

Em Goiás, as alunas não participavam da instrução física de cunho militar, pois esta visava à formação e preparação de soldados, o que não era uma “realidade feminina”. Com a disseminação da importância das atividades físicas e dos esportes, o professor do Liceu e da Escola Normal, Tenente Walfredo Maia, ministrou as aulas de ginástica, exercícios e atletismo, entendendo essas práticas como o caminho a se conquistar a força, a saúde e o funcionamento normal dos órgãos. Visando as grandes funcionalidades das práticas corporais e esportivas, esse professor organizou um grupo que recebeu o nome de Bloco Atlético.

Esse grupo tinha o objetivo de reunir todos os homens e mulheres que tinham gosto pelas atividades físicas e que desejavam escolher o caminho dessas preciosas práticas, tão necessárias à vida³⁰⁸. Para esse professor, a prática deveria ser espontânea. Walfredo Maia deu um grande passo na democratização das manifestações corporais e esportivas no Estado de Goiás, possibilitando a participação de grupos que até então não tinham acesso³⁰⁹, já que a intenção foi formar um grupo de pessoas interessadas, independente da classe social ou do gênero.

Paralelamente ao crescimento da ginástica, dos jogos e brincadeiras e da instrução física nas escolas goianas, foram crescendo também as iniciativas esportivas e também as ideias para a formação de uma associação que dirigisse todo o esporte goiano e que se filiasse à Confederação Brasileira. Os principais times eram América Esporte Clube, União Goiana e Brasil Central Atlético Clube.

³⁰⁷ MACHADO, G. A cultura physica no mundo feminino. Gracy Machado. **O Iar**. 15-04-1927, n17, p.2.

³⁰⁸ Exercícios físicos e atléticos. **O aspirante**. 31-03-1931, n. 4, p.2.

³⁰⁹ DIAS (2013), op. cit.



(FILHO, João Batista Alves. Arquivos do Futebol Goiano).

Aconteceram diversas reuniões com o objetivo de tornar a associação uma realidade. Para os goianos, essa associação carregava um grande valor simbólico da necessidade de serem representados nacionalmente. Foi possível perceber, através dos jornais, que em repetidas vezes Goiás foi comparado com outros estados brasileiros que já estavam filiados a Confederação. Para Dias³¹⁰,

[...] a possibilidade de ter uma equipe goiana no campeonato nacional de futebol era uma das principais justificativas a animar os envolvidos com a criação de uma associação esportiva. Não por acaso, tais entusiastas, os *sportmen goyanos* seriam apresentados como representantes do espírito progressista e empreendedor do povo de Goiás.

Em julho de 1930, a Associação Goiana de Esportes Atléticos – A.G.E.A³¹¹, estava legalmente registrada e presidida por Genaro Rodrigues. Tal associação representaria “a máxima do estado que dirigirá todos os nossos desportos” filiados a Confederação Brasileira. A partir daí, essas práticas corporais e esportivas

³¹⁰ DIAS (2013), op, cit. P.51.

³¹¹ “Fundada em 14 de julho de 1930, para representar e dirigir os esportes terrestres no estado de Goiás; instituir e dirigir qualquer campeonato e torneios de qualquer esporte, conferindo taças, diplomas e outros prêmios aos vencedores; manter a disciplina e união dos esportistas; fiscalizar os clubes que a constituem; deliberar qualquer assunto de interesse esportivo do estado. Cores: Branco, azul e vermelho” Estatutos. **Correio Oficial**. 05-08-1930. n.1728, p.9,10,11,12.

começaram a adquirir as características do esporte, submetidas a regras mais definidas e estruturalmente organizadas.

O discurso era que todos os clubes goianos deveriam se filiar a A.G.E.A, já que esta proporcionaria a toda a mocidade goiana, os meios preciosos para a “cultura física”³¹². Nesse ano, para esses goianos, eram reais as possibilidades de representação do estado através dos campeonatos brasileiros de futebol³¹³.

Esse recorte deixa claro que a associação representava possibilidades de visibilidade do estado de Goiás, através da crescente simbologia do futebol moderno e progressista. Para Santos³¹⁴ “a necessidade em organizar o cenário esportivo, sobretudo o futebolístico, é uma preocupação de todos os Estados. [...] O movimento modernizador não poderia ser desenvolvido sem a presença do esporte e do lazer”. Esse era o discurso oficial, em que os esportes, principalmente o futebol, carregavam a nacionalidade do povo brasileiro.

Os três principais times foram os primeiros a se filiar à associação, e um dos requisitos era ter um bom comportamento moral e cívico.³¹⁵ Desse modo, no estado de Goiás, os esportes também estavam fortemente ligados à construção da moral. Nem todos os times se filiaram. Por exemplo, o time formado por operários não se filiou a associação. De acordo com as notícias, foi devido aos valores abusivos que eram cobrados nas mensalidades, porém, é possível perceber que a associação não tinha nenhum interesse de ter um grupo de operários representando o estado de Goiás nacionalmente.

Os esportes goianos, desde seus primórdios, foram excludentes. No entanto, isso não significa que o time de operários deixou de praticar o futebol; pois ainda que estivesse inserido nesses acontecimentos sociais e políticos, esse time teve um papel autônomo nessa história, atrelado a outros valores e significados sobre as manifestações corporais e esportivas.

As senhoras e senhorinhas, de acordo com os estatutos da associação, também pagavam uma taxa mensal. Elas eram integrantes dos Comitês Femininos, que foram responsáveis por todas as atividades sociais que aconteciam antes, durante e depois das partidas futebolísticas. Mais uma vez, é reforçado que apenas

³¹² Associação Goyana de Esportes Athleticos. **Correio Oficial**. 19-08-1930, n.166, p.2.

³¹³ A nova entidade esportiva. **Voz do Povo**. 26-05-1931, n.161, p.3.

³¹⁴ SANTOS (2009), op. cit. , p.193.

³¹⁵ Estatutos. **Correio Oficial**. 23-11-1930, n.1762, p.4,5,6,7.

senhoras de “boa posição social” estavam presentes nesse cenário³¹⁶. O esporte goiano, desde seus primórdios, contribui para deixar “de fora todas” as outras pessoas consideradas de baixa condição social, sem instrução e sem educação.

Essas mulheres ofereciam aos jogadores dos times filiados animados bailes, que se tornavam verdadeiros acontecimentos nas cidades.³¹⁷ Os times retribuíam às goianas dos Comitês e às alunas da Escola Normal, do Colégio Santana e do Curso Complementar com outros animados bailes. Segundo as notícias, as senhorinhas e os times de futebol ficavam todos salientes em prol do esporte e da importância daquelas festas³¹⁸.

Tal importância era, principalmente, arrecadar dinheiro para associação e seus times filiados e, também, a promoção dos jogadores e o nome das equipes pelas cidades. Nesses bailes, era promovido também um discurso higiênico e classista, já que somente a “elite goiana” era convidada a participar.

Aconteceram diversas reuniões deliberativas e beneficentes da associação, com a presença de todos os associados, homens, mulheres e autoridades civis e militares, tendo o objetivo de aprimorar a educação adquirida nesses ambientes de “cultura cívica”³¹⁹. Mas, ao que parece, tais reuniões aconteciam com o objetivo de discutir quais seriam os próximos caminhos a seguir para a arrecadação de dinheiro e para a continuidade da associação.

Logo depois da fundação da A.G.E.A, foi fundado o Comitê Feminino de Propaganda – Pró Estádio “tão necessário a grandeza daqueles clubes” que “representavam o Estado progressista e empreendedor do povo goiano”. O conselho deliberativo teve como presidente Maria Peles, a pedido do presidente e vice-presidente da associação. O Comitê teve sua diretoria eleita da seguinte maneira: como Presidente, Maria Carlota Guedes Amorim, Vice-Presidente, Maria Augusta da Rocha, 2ª vice-presidente, Camargo, Secretária Geral, Armenia Socrates Gomes Pinto, 1ª secretária, Doracy Sant’Anna, 2ª secretária, Filha Machado, 1ª tesoureira, Maria Gomes de Almeida e 2ª tesoureira, Floracy Artiaga Oradora.

Com a criação do comitê, era intenção da diretoria da associação promover “periodicamente os bailes nos grupos escolares municipais em benefício daquela entidade esportiva. Contando com o concurso do “fino ornamento feminino”,

³¹⁶ SANTOS (2009), op. cit., p.190.

³¹⁷ Baile. **Correio Oficial**. 02-09-1931, n.1993, p.8.

³¹⁸ Baile. **Correio Oficial**. 08-09-1931, n. 1998, p.7.

³¹⁹ Aniversário da fundação. **Voz do Povo**. 29-07-1927.

podemos avançar, sem temor de errar”³²⁰. Como as atividades principais e de maior importância eram as partidas esportivas, estas ficavam a cargo dos homens, e as demais atividades ficavam sob responsabilidade das mulheres dos Comitês. A valorização constante de certos comportamentos em detrimento de outros é típica da sociedade goiana, nesse momento histórico.

O Comitê Feminino de Propaganda Pró – Estádio organizou em listas nomes de pessoas que ficavam encarregadas de ajudar financeiramente na construção do estádio³²¹. Observa-se que grande parte do fundo financeiro que mantinha ativa a associação era angariado pelo Comitê Feminino. As listas que tivessem mais de 150 assinaturas recebiam prêmios e a importância arrecada foi publicada semanalmente no jornal *A Voz do Povo*.

As senhoras Olinda Paiva e Ida de Artiaga de Lima conseguiram o primeiro lugar no concurso das listas Pró-Estádio, receberam seus prêmios em uma conferência sobre o esporte, que aconteceu na Escola de Farmácia. Depois aconteceu um baile, em comemoração as arrecadações, promovido também pelo Comitê Feminino.³²²

Associação Goyana de Esportes Athléticos	
Balanço da Thesouraria 2º semestre de 1930.	
RECEITA	
Contribuições das listas distribuidas a opo- vo	3.936\$000
Liquido do baile da Escola de Pharmacia patro- cinado pelo Comité Feminino	210\$000
Liquido do cinema de 24 de Setembro	37\$000
Recob d. do Interior, segundo escripturação da Se- cretaria Geral do Comité Feminino	22\$000
SOMMA	4.295\$000

(Balanço da diretoria – A.G.E.A. – *Correio Oficial*, 19-12-1930).

Para a construção do estádio foram agrupados mutirões de pessoas (mulheres, civis, esportistas, militares, homens) na tentativa de arrumar o terreno

³²⁰ Vida esportiva. *Correio Oficial*. 12-08-1932, n.3064, p.4.

³²¹ A entrega dos prêmios. *Voz do Povo*. 19-09-1930, n.167, p.2.

³²² A entrega dos prêmios. *Voz do Povo*. 19-09-1930, n.167, p.2.

pertencente à associação. Caminhões cheios de ferramentas estavam a disposição dos que ali compareceram e “durante o dia muitas senhorinhas, a convite do Comitê Feminino, levaram aos operários um lanche e administraram o trabalho dos bons goianos”³²³. Os esportes tornam-se, aí, um campo de forte produção simbólica para esses goianos. O progresso do estado de Goiás estava se concretizando.

Nas notícias, fica claro que o desenvolvimento dos jogos para os esportes se deu a partir da consolidação da A.G.E.A. Para Dias³²⁴, o desenvolvimento dos esportes e a criação da A.G.E.A não aconteceram ao mesmo tempo, nem, tampouco, Genaro Rodrigues foi o principal protagonista desse desenvolvimento, uma vez que “o envolvimento e a contribuição dos goianos” não devem ser minimizados:

Em verdade, foi esse grupo, ao lado de mulheres como Maria Carlota Guedes, Maria Augusta da Rocha, Floracy Artiaga, entre outras, quem efetivamente viabilizou boa parte das condições necessárias para criação da associação, para não mencionar os inúmeros anônimos que aderiram e apoiaram de diferentes maneiras a iniciativa: comprando listas, ocupando-se da construção do estádio ou simplesmente assistindo as partidas realizadas na capital.³²⁵

Concordando com Dias, é possível perceber na análise das fontes que o desenvolvimento dos esportes goianos se deu antes da criação da associação, mas esse sentido é aparentemente inverso, nas notícias. Sendo assim, a A.G.E.A só foi criada devido à multiplicação da prática esportiva em Goiás e não ao contrário. Este desenvolvimento se deu, também, através da efetiva participação das mulheres em torno de todos os acontecimentos que envolviam as manifestações corporais e esportivas e não única e exclusivamente pelo “brilhantismo” dos jogadores em campo, como dizem os jornais.

Em 1934 já existem notícias da apatia em que vive a associação, com a duração efêmera de 4 anos, “devido a falta de recurso, ânimo e vontades da diretoria [...] aqui o descaso era enorme parece estar condenados ao esquecimento de todos os esportes e a fortaleza de uma raça”.³²⁶ Em algumas notícias, observa-se que o fim da A.G.E.A se deu pela falta de vontade e recurso da diretoria e

³²³ Lançada no dia 28 a pedra fundamental do estádio da AGEA. **Voz do Povo**. 19-09-1930, n.169, p.2.

³²⁴ DIAS (2013), op. cit.

³²⁵ DIAS (2013), op. cit., p.54.

³²⁶ Notas esportivas. A apatia que vive a AGEA. **Correio Oficial**. 18-02-1934, n2679, p.3.

principalmente pela saída de Genaro Rodrigues da presidência, mas, para Dias (2013, p.58), o fim da associação se deu por outro motivo:

Num contexto de progressivo crescimento das atividades esportivas em Goiás, antes e depois do período de funcionamento da A.G.E.A., os motivos para o fracasso da iniciativa parecem estar menos na eventual acefalia provocada pelo regresso de Genaro Rodrigues a São Paulo, como alguns contemporâneos sugeriram, do que na própria maneira como se constituiu tal entidade. Não foi a saída de um importante *sportmen* paulista dos quadros dirigentes da recém-criada associação esportiva o motivo provável de seu fracasso. Foi o fato mesmo de ter adotado um modelo de organização importado de São Paulo, o principal motivo para esse desfecho. De maneira tanto quanto anacrônica, reproduziram-se, assim, embates políticos daquele contexto, em exigências além da capacidade e a quem dos interesses dos clubes de então.³²⁷

Sendo assim, para Dias, o modo de estruturação da associação foi o principal obstáculo para o seu desenvolvimento. A associação foi consolidada a partir de moldes da realidade de outro estado, nesse caso, São Paulo, sendo subestimadas as especificidades do estado de Goiás pelos próprios goianos.

Ainda é possível observar, principalmente nas notícias dos balancetes financeiros da tesouraria do Comitê, que grande parte do dinheiro que movia a associação vinha dos bailes, do cinema, dos registros circulantes promovidos pela secretaria do Comitê, que movimentava as propagandas e ações tanto na Capital do Estado quanto no interior³²⁸. A “associação tinha em cofre a importância, seguramente de 3:000\$000, angariada por meio de subinscrições feitas pelas senhorinhas da capital, que como sempre se acham ao lado dessas progressivas inovações”³²⁹.

Existia um fundo financeiro arrecadado por essas mulheres e, por isso, tal entidade se manteve ativa por esses anos, graças aos esforços do Comitê Feminino. Nesse sentido, e para além do modo da estruturação³³⁰ ou falta de esforços da diretoria, aparentemente descrito nas fontes, havia recurso financeiro; a associação sempre teve em seu caixa uma importante quantidade de dinheiro arrecado pelo Comitê Feminino, mais até que o pagamento das mensalidades dos sócios³³¹. Mas, em momento algum, a importância dessas mulheres para manter a associação ativa

³²⁷ DIAS (2013), op. cit., p.58.

³²⁸ Associação Goyana de Esportes Athleticos - balanço da tesouraria. **Correio Oficial**. 1934, n. 1796, p. 3

³²⁹ Notas esportivas. A apatia que vive a AGEA. **Correio Oficial**. 18-02-1934, n2679, p.3.

³³⁰ DIAS (2013), op. cit..

³³¹ Estatutos. **Correio Oficial**. 23-11-1930, n.1762, p.4,5,6,7.

foi retratada dessa forma, já que seu comportamento não era valorizado diante das suas reais conquistas.

Com o fim da associação não existem registros de continuidades do Comitê Feminino. Provavelmente, também chegou ao fim, pois a presidente Maria Carlota Guedes assumiu a diretoria do Gabinete Literário Goiano, nesse mesmo ano. Mas os clubes esportivos de Anápolis, Pires do Rio, Ipameri, Cidade de Goiás, Itaberaí e outros municípios, juntamente com seus comitês femininos e caravanas, continuaram disputando as partidas. As notícias diziam que essa representava uma nova fase dos esportes no estado de Goiás e “o início do intercâmbio esportivo com cidades onde o admirável esporte bretão é cultivado com mais entusiasmo e olhado com mais carinho”³³².

Vida esportiva
ORGANIZADA A DIRETORIA DO
COMITÊ FEMININO DA ASSOCIAÇÃO ATLETICA
UNIAO GOIANA

Teve lugar, no domingo ultimo, a eleição da Diretoria do Comitê Feminino da A. A. U. G.

Na sede social grande foi o numero de senhoritas que atenderam ao convite do Presidente daquela Agremiação, dr. Irani Alves Ferreira, ora ausente desta cidade.

Às 13 horas, o vice-Presidente acad. Maximiano da Matta Teixeira, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão, da qual, em ligeiras palavras, expoz os motivos, quais sejam o da organização do Comitê Feminino, tão necessario á grandeza daquele Club do «team» dos estudantes.

Teve lugar, em seguida, a eleição do Conselho deliberativo do recenseado Comitê, e que ficou constituído pelas seguintes senhoritas: Maria Peles, Nice Monteiro, Rainerina de Queiroz, Elza Rocha Lima, Daisi Porto, Suzete Alencastro, Gracinda Peles, Maria Luiza, Geralda Arlaga, Lourdes Maia, Naná Milburges. Suplentes: Jacira Brandão, Haidé de Bastos, Atenaura Borges e Celia Teixeira.

ges e Celia Teixeira. Conselho
Cabendo a esse Conselho a
escolha da Presidente, recaiu
sua escolha no nome da srta.
Maria Peles.

Convidada para assumir a Presidencia, a Presidente eleita escolheu as seguintes auxiliares:

Vice Presidente: srta. Elza Rocha Lima;
Oradora: srta. Nice Monteiro;
Secretaria Geral: srta. Naná Milburges;
1a. Secretaria: srta. Daisi Porto;
2a. Secretaria: srta. Maria Luiza;
1a. Tesoureira: srta. Suzete Alencastro;
2a. Tesoureira: srta. Rainerina Queiroz.

Declarando, em seguida, a Presidente Maria Peles, encerrada a sessão, fez a Diretoria da A. A. U. G. servir um profuso copo de guaraná, trazendo, nesse momento, ao conhecimento das distintas senhoritas ali presentes, que, desaparecidas as horas marianas, a Diretoria da A. A. U. G. ia substitui-las pelas horas esportivas, promovendo, periodicamente, bailes no Grupo Escolar Municipal, em benefício daquela entidade esportiva.

Contando com o concurso do fino ornamento feminino desta Capital, podemos avançar, sem temor de errar, que a gloriosa União não cederá, jamais, seu honroso título de Campeã.

Z.

(Z. Vida esportiva – A.A.U.G. *Correio Oficial*. 21-08-1935, n.3064, p.4)

Foram criados outros clubes esportivos, como o *Comercial Esporte Clube*. Porém, era com tom de pesar grande parte das notícias sobre o considerado

³³² AAUG X UEC. *Correio Oficial*, 20-11-1934, n.2905, p.4.

descaso esportivo por parte dos goianos, dizendo que os clubes estavam vivendo de “migalhas dos contribuintes” de boa vontade. Essas notícias partiam principalmente dos jornais dos grupos defensores da mudança da capital. Traziam um discurso de que o esporte representante da antiga capital estava decadente, o que representaria também, simbolicamente, o próprio atraso desse Município.

Em 1936, foi fundado o primeiro clube esportivo em Goiânia, nova capital:

A União Americana Esporte clube é uma homenagem às valorosas agremiações da cidade de Goiás. Jovens dos meios anhaqueros acabam de fundar a União América Sport Clube, nascendo em boa hora e quando Goiânia vê surgir, num crescente admirável, melhoramentos em todos os setores do seu desenvolvimento, recebendo apoio de quem reside na capital, destinada ao desenvolvimento do esporte em geral [...]a A.A.U.G e ao América Sport Clube, seus tradicionais colegas de Vila Boa de Goiás.³³³

Nesse mesmo ano, as principais notícias passaram a ser sobre a mudança da capital. O principal jornal circulante (O Correio Oficial) muda o local da sede para Goiânia, tendo a nova capital como foco de notícias³³⁴. Deixa um silêncio sobre a antiga capital, que seguia como algo desvalorizado e que deveria ser deixado pra trás. Nesses jornais, o discurso implícito era de criar novas referências e imagens para o estado de Goiás. Isso marca as ambiguidades entre a modernização e a tradição que esse estado estava vivenciando, bem como grande parte dos estados brasileiros, marcados pela ascensão de Getúlio Vargas.

A mudança da capital trouxe vários reflexos que, para um determinado grupo e seus interesses, representava simbolicamente o novo, o moderno. “Em pleno sertão brasileiro, Goiânia surge, cheia de promessas para o futuro. É uma realidade incontestável [...] ela foi um sonho, agora é uma realidade [...] estão todos goianos concisos do dever, do patriotismo e da justiça [...] cidade do presente e do futuro”³³⁵. Claro que essa realidade não condiz com os interesses de todas goianas e goianos. Foi bastante conflituosa e dualista e, em momento algum, esses interesses foram neutros.

A nação brasileira se identificava cada vez mais com os esportes. Tais práticas se aproximavam sistematicamente do povo e isso chamou a atenção dos projetos do governo, pois “a construção da pátria e de um novo ideal de nacionalidade brasileira era o cerne no plano oficial para cultura nacional”

³³³ A fundação do primeiro clube esportivo goiano. **Correio Oficial**. 05-05-1936, n.3221, p.1

³³⁴ LIMA, G.J.J. Goiânia é uma realidade. J.J. **Correio Oficial**. 01-11-1936, n.3316, p.1.

³³⁵ LIMA, G.J.J. Goiania é uma realidade. J.J. **Correio Oficial**. 01-11-1936, n.3316, p.1.

(DRUMOND, 2009, p.214). Nesse contexto de transformações, tanto no estado de Goiás quanto no restante do Brasil, o cenário esportivo foi fortemente marcado pela moral, já que “ser um jogador de futebol era carregar valores simbólicos e reais que definiam seu lugar na sociedade.”³³⁶

Diante disso, a presença dessas mulheres, em especial, as goianas nas manifestações corporais e esportivas no estado de Goiás expressa relações de poder e resistência, tensões claramente observadas na imprensa goiana. Primeiro porque não era uma prática possível para todos e todas, sendo um privilégio de classe e gênero bem definidos. Segundo, porque essas mulheres, ao mesmo tempo que tencionaram a invisibilidade reforçaram o ocultamento da cor, das classes, dos gêneros e das construções de padrões e “verdades” naturalizadas. Terceiro, porque as manifestações corporais e esportivas delimitavam os limites e as liberdades de mulheres e homens, principalmente das mulheres. Todos esses pontos, perpassados pelo poder-saber médico-higienista, religioso e militar ocidental.

Poder que, para Foucault³³⁷, não aprisiona passivamente os sujeitos, já que há possibilidades de resistência. Essas mulheres goianas criaram estratégias para modificar certas situações determinadas, usando diversos meios, inclusive as manifestações corporais e esportivas, tidas como um meio de expressão da masculinidade. Diante disso, é possível perceber que os homens necessitam constantemente de afirmação, o que mostra certa fragilidade em suas ações diante das ações das mulheres, que tentam avançar certas fronteiras das divisões de gênero.

Nesses pontos de possibilidades e transgressões, elas dão também os primeiros passos para novas representações das mulheres goianas. Estas, revolucionam cotidianamente com as armas que têm: seus corpos, seus espaços, suas ações, suas vontades de estarem presentes, seus novos desejos e ideais, que “habitam a região da fronteira afirmando a expansão das forças da natureza e das pessoas que abalam as certezas dos tratados e seus arbitrários limites modernos”³³⁸

Para DaMatta³³⁹, as mulheres que lutam “interferem com o poder, mesmo quando ele tem tudo para ser absoluto. É ele também, parece-me, o foco das

³³⁶ SANTOS (2009), op. cit. , p.197.

³³⁷ FOUCALT (2013), op. cit.

³³⁸ PASSETTI, Edson. Heterotopia, anarquismo e pirataria. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Figuras de Foucault**. 2. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

³³⁹ DAMATTA, Roberto. A casa e a rua. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.p.123

grandes esperanças e dilemas que fazem surgir as transformações sociais”, que podem ser um caminho histórico, crítico e superador ao reformular novos olhares para a história, ultrapassando um sistema conservador que marca a divisão hierárquica entre mulheres, homens e todas as sexualidades, marginalizando todos indivíduos que estão situados “fora dos padrões”.

É importante, portanto, “ter consciência de que a forma como nós fazemos as coisas não é a única forma de fazê-las” e isso “pode causar um salutar abalo em nosso etnocentrismo, forçando-nos a perguntar por que as coisas são como são hoje em dia”³⁴⁰.

³⁴⁰ WEEKS (2009), op. cit., 45.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as primeiras décadas do século XX, o estado de Goiás e também outros estados brasileiros vivenciaram diferentes mudanças sociais, econômicas e culturais, em nome dos ares modernos que se anunciavam. Aqueles estados que, até então, não estavam inseridos no mercado capitalista foram de algum modo, aproximados a uma nova “realidade”.

Nesse contexto, novos lugares de sociabilidade foram adquirindo importância na sociedade goiana. Para as goianas retratadas na imprensa, o cinema, a política, o feminismo, a escrita de jornais, a moda, as práticas corporais e o esporte foram, de algum modo, importantes representantes dessa nova realidade que se anunciava. Diante desse contexto complexo, refletir e concluir sobre esses novos lugares das goianas não se constituiu em uma tarefa fácil, devido às infinitas formas de ser, de lutar, de mudar e de permanecer, ainda que a imprensa tentasse reforçar o contrário.

Até então, aparentemente, a verdade a ser aceita socialmente era que o único fim das goianas era a maternidade e conseqüentemente o casamento. Os noticiários contribuía para definir as goianas como “a costela de adão”. “Ser mulher” era cumprir os mandamentos divinos, honrando aquilo que lhe foi confiado. Sem casamento, sem maternidade, quase nada, restava socialmente para as “titias” e “solteironas”. Porém, as fontes de pesquisa, em especial as “entrelinhas” das publicações da imprensa goiana, possibilitaram problematizar essas “verdades”.

Observar as entrelinhas da imprensa, através de novos olhares para o passado, possibilitou novas perguntas e, conseqüentemente, novas respostas, que contribuía para uma nova história goiana. Ainda que seja um passado fragmentado de toda complexidade das suas múltiplas faces; a memória escrita permite novos caminhos para enxergar algumas dessas infinitas possibilidades.

Observar uma história das mulheres goianas contribuiu para novos olhares acerca desse grupo social historicamente marginalizado, pois, em termos estatísticos, tanto o estado de Goiás quanto as mulheres goianas aparecem em menor quantidade no cenário nacional, representando pouco a grande imensidão brasileira. Desconstruir uma história aparentemente única e dominante, nos

possibilitou enxergar outras histórias, outros lugares, outras “verdades” sobre as quais esta dissertação se concluiu.

Em meados da década de 1930, paralelo ao discurso religioso, o saber médico higienista teve grande força na construção e reprodução dessas “verdades”. Esse saber, em Goiás, se propagou através da imprensa, principalmente nas notícias da “Diretoria de Hygiene”. A mulher goiana, mais uma vez foi “forçada” a ser dona do lar e a principal responsável pela família, marido e filhos. A legitimação e reforço do que era “ser mulher” perpassava pelas diferentes instituições, como na família, na religião, na imprensa, na escola, na política, nas práticas corporais, no esporte, entre outras. Confirmando que as “verdades” e os regimes dessas “verdades” dependiam de quem tinha poder para legitimá-los.

Diante disso, os saberes religiosos e médicos, entrelaçado ao que se publicava na imprensa e às vontades do Estado e seus ideias higienistas, tentavam restringir, regular, controlar e padronizar as mulheres goianas e seus corpos, determinando “verdades” sobre o corpo e sobre o que era “ser mulher” e juntos, tinham uma maior força para o controle social e o disciplinamento, tanto dos indivíduos quanto da sociedade goiana como um todo.

No entanto, os ares modernos, a urbanização, juntamente com o cinema, o feminismo, a escrita de jornais, a política, a moda e o esporte possibilitaram às goianas quebras de paradigmas e questionamentos sobre essas “verdades”. Tais questionamentos são, de todo modo, relações de poder.

Ao deslocarmos a centralidade dos “papéis” considerados socialmente como principais ou mais importantes, percebemos que as goianas foram sujeitos que exerceram poder e resistências às relações sociais tradicionais e modernas. O exemplo disso é quando focamos o olhar para além da prática do futebol, observando o que acontecia na torcida e em todas as relações que cercavam essa prática. Deslocar a centralidade e a importância única de determinados “papéis” sociais nos possibilitou um novo olhar, no qual todas as relações, ações, gestos e comportamentos das diversas pessoas presentes nas diferentes relações sociais, principalmente as goianas, foram considerados importantes.

Esse novo olhar para o estado de Goiás só foi possível pela visão interdisciplinar, principalmente das áreas da História, da Educação Física e dos Direitos Humanos. Essas diferentes áreas do conhecimento, juntas, nos possibilitaram a leitura das entrelinhas que revelam as lutas cotidianas das goianas,

para se inserirem nessas novas relações sociais, nesses novos lugares de sociabilidade. Lutas estas que questionaram, talvez mesmo sem saber, os regimes de “verdades” e que possibilitaram alguns passos na conquista da emancipação dessas mulheres.

Junto com os ares modernos, do período abordado nesta pesquisa, identificamos que um importante instrumento na quebra do silêncio dessas mulheres foi justamente um jornal, *O Lar*. Jornal escrito por elas, que circulou por alguns anos. As goianas agora tinham o poder da fala e da escrita. Representavam-se e faziam discursos a favor dos novos ideais sobre o que é “ser mulher”. Além da escrita do jornal, anos depois, elas assumiram a diretoria do Gabinete Literário. Tais lugares proporcionaram empoderamento da política e de leituras críticas, bem como propiciaram a realização de reuniões, festas e discussões acerca dos novos acontecimentos e mudanças sociais, em especial as questões sobre o direito ao voto e ao divórcio.

No Gabinete, algumas goianas mantinham contato com mulheres engajadas no movimento feminista de outros estados brasileiros, que lutavam pelos direitos civis das mulheres, principalmente pelo direito do voto e do divórcio. Essas questões eram tratadas principalmente pelas goianas ligadas à Federação Goiana pelo Progresso Feminino. Elas desejavam se vestir, se comportar e agir de maneira diferente. Queriam trabalhar e ter independência econômica. O cinema e a moda foram, então, alguns dos instrumentos de questionamentos e novas construções e representações acerca do que era “ser mulher”.

O futebol e outras práticas corporais, como a ginástica, a instrução física e os jogos e brincadeiras, dentro e fora das escolas, também foram importantes instrumentos na quebra de paradigmas e questionamentos de certas “verdades”. As arquibancadas, as relações sociais em outros lugares para além do campo de futebol, os comitês femininos, as aulas de ginástica, os jogos e brincadeiras foram lugares de visibilidade e sociabilidade. Onde elas estavam se destacavam. A Associação Goiana de Esportes Atléticos, por exemplo, se manteve financeiramente por vários anos, devido aos esforços dessas goianas.

Mas é importante ressaltar que essas novas relações sociais e lugares de sociabilidade foram contraditórios e ambíguos: 1) Os jornais circulantes durante as primeiras décadas do século XX são restritos e de significados particulares de certos grupos sociais. Mas são também lugares de infinitas possibilidades, que puderam

ser usadas como armas para questionamento das “verdades” socialmente construídas sobre o corpo, os gestos, as ações e os lugares das mulheres goianas; 2) Ao mesmo tempo que esses novos lugares foram apropriados por alguns grupos de mulheres goianas e pelos homens, outros grupos repetiam o discurso socialmente esperado: A “verdade” é que as mulheres nasceram unicamente para ser mães. Esse o discurso que aparece com mais força, na imprensa goiana. 3) Essas novas representações e lugares, como o cinema, a política, a moda e o esporte não foram aceitos nem bem vistos por todas as goianas e todos os goianos. Grande maioria das escritas dos homens, nos jornais, reforçava que o lugar das mulheres era em casa, cuidando da família, do marido e da educação dos filhos. Em alguns momentos, elogiam, mas depois reforçam quais são os “devidos” lugares das mulheres; 4) Ao mesmo tempo que os novos lugares e relações sociais quebravam paradigmas, reforçavam as “verdades”. No campo de futebol, por exemplo, as mulheres não estavam devido à fragilidade do “corpo feminino”, mas elas se destacavam em diversos outros lugares.

Em todos os momentos, as mudanças e continuidades são visíveis nos jornais, mas, unicamente, pelo fato das mulheres estarem presentes, agindo, se comportando, se articulando, se representando para além do ambiente doméstico e do único “papel” de “ser mãe”, já questionador aos padrões “naturalizados” e às “verdades”, que não são únicas nem universais.

Inúmeras contradições ainda permanecem atualmente. Ao olhar para o presente, vemos que as novas formas e representações do que era “ser mulher”, construídas durante as primeiras décadas do século XX, contribuíram para construções de novas “verdades”, novos padrões e paradigmas. No entanto, naquele momento histórico em específico, esses novos lugares foram, acima de tudo, importantes armas de empoderamento e de questionamentos as construções sociais até então inquestionáveis.

Diante das considerações acima, é possível concluir que as construções sociais que determinam padrões e “verdades” sobre o corpo das mulheres e sobre o que é “ser mulher” marginalizam e excluem todas as infinitas formas de “ser mulher”. Ser unicamente mãe, virgem, casada e “moça de família”, marginaliza as inúmeras possibilidades, inclusive a escolha de não ser mãe. O padrão e as “verdades”, transmitidas pela cultura e pela tradição, se transformam em dor e sofrimento

daquelas, que, por algum motivo, não se enquadram. Ferem a dignidade, a cidadania e a liberdade das infinitas formas de “ser mulher”.

A proposta é desconstruir os regimes de “verdades” sobre o corpo, que paralelamente à práxis reflexiva dentro das diversas instituições (família, escola, etc.), podem construir ou contribuir na construção de novas políticas de verdade, desvinculadas do “poder da verdade das formas hegemônicas”. (Des) construir para construir para a(s) liberdade(s). Liberdades para ser, agir, fazer, falar, ouvir e viver. (Des) construir para que nada nos limite, nada nos defina e nada nos sujeite.

REFERÊNCIAS

- ALDEMAN, Miram. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Estudos feministas**, Florianópolis, 11(2): 360, Jul.Dez, 2003.
- AZZI, Riolando. Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil (1930-1964). In: MARCÍLIO, Maria Luiza (Org.). **Família, mulher, sexualidade e Igreja na história do Brasil**. São Paulo: CEDHAL; CEHILA; Loyola, 1993. p. 101-134.
- ALTMANN, Helena. Marias (e) homens nas quadras: sobre a ocupação do espaço físico escolar. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v.24, n.2, p.157-174, 1999.
- BATISTA, Renata Silva.; DEVIDE, Fabiano Pries. Mulheres, futebol e gênero: reflexões sobre a participação feminina, numa área de reserva masculina. **Efdeportes**. Buenos Aires, Ano14, n.137, Outubro, 2009, p.1.
- BENTO, Berenice Alves de Melo. Ciladas da igualdade. In:LIMA, R.B. (Org.); [et al] **Direitos humanos e cotidiano**. Goiânia: Bandeirantes, 2001.
- BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do esporte**. Porto Alegre: Urifuí, 2005.
- BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e Rupturas no papel da mulher brasileira do século XX. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Set-Dez 2000, Vol.16, n.3. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v16n3/4810.pdf>> Acesso: 01/05/2014.
- BITTAR, Maria José Goulart. **As três faces de eva na cidade de Goiás**. Dissertação de mestrado em História pela Universidade Federal de Goiás.
- BRITO, Maria Noemi Castilhos. **O gênero, a história das mulheres e a memória: um referencial de análise**, 1993. Disponível em: <www.lacult.org/docc/oralidad_05_22-27-o-genero-a-historia-das.pdf> Acesso: 02-03-2012.
- BURKE, Peter. **História e teoria social**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venância Majer. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- _____. **Testemunha ocular – imagem e história**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- CANEZIM, Maria Tereza; LOUREIRO, Walderês Nunes. **A escola Normal em Goiás**. Goiânia: Editora da UFG, 1994. 154 p. (Coleção Documentos Goianos,28), p.73.
- CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia. **O bravo matutino**. Imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo, São Paulo, Alfa-Omega, 1980.
- CARVALHO, Maria Meire de; SANT'ANNA, Thiago. As ações culturais e políticas feministas: a federação goiana pelo progresso feminino – um efeito múltiplo na

emancipação das mulheres em Goiás – Sec.XIX e XX. **Temporis [ação]**, vol.1, n.9, 2007.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil**: A história que não se conta. Campinas, SP: Papirus, 1988. 18ª edição, 2010

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. **Cadernos Pagu**, v. 4, p. 37-47, 1995.

CISCATI, Rafael. A culpa é delas. É o que pensam os brasileiros sobre a violência contra a mulher. **Revista Época**. 04/04/2014. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2014/03/b-culpa-e-delasb-e-o-que-pensam-os-brasileiros-sobre-violencia-contra-mulher.html>> Acesso: 06/04/2014.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. IN: **Projeto história**. São Paulo, número 35, 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2221/1322>> Acesso: 05/01/2014.

DALLARI, Dalmo. Policiais, Juízes e Igualdades de Direito. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/discrim/preconceito/policiais.html>>

DAMATTA, Roberto. A casa e a rua. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

DAÓLIO, Jocimar. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em “antas”. In: **Cultura**: educação física e futebol. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

DARNTON, Robert e ROCHE, Daniel IN: NEVES, Lucia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; O esporte como política de Estado: Vargas. In: MELO, Victor Andrade de; DEL PRIORI, Mary (Orgs) **História dos esportes no Brasil**: do Império aos dias atuais. – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DRUMOND, Maurício. O esporte como política de Estado: Vargas. In: MELO, Victor Andrade de; DEL PRIORI, Mary (Orgs) **História dos esportes no Brasil**: do Império aos dias atuais. – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (Org.) **Fontes históricas**. São Paulo. Contexto. 2006.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. História do esporte no sertão brasileiro: memória, poder e esquecimento. **Materiales para la Historia del Deporte**, v. X, p. 24-36, 2012.

_____. Momentos iniciais da Educação física em Goiás – 1917 a 1929. **Mimeo**, 2013.

_____. Primórdios do futebol em Goiás, 1907-1936. **Rev.Hist.Reg.** 18(01):31, 61, 2013. Disponível em: <

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/4000/3510>> Acesso: Jun.2013.

FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). (2006). **História e imprensa: representações culturais e práticas de poder**. Rio de Janeiro: DPeA: Faperj.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. **Direitos Humanos e memórias**. Disponível em:< http://www.redhbrasil.net/documentos/biblioteca_on_line/modulo1/8.dh_e_memorias_lucia_guerra.pdf> Acesso em: Jun.2012.

FLORES, Joaquin Herrera. **A reinvenção dos Direitos Humanos**. Tradução de: Carlos Roberto Diogo Garcia; Antônio Henrique Graciano Suxberger; Jefferson Aparecido Dias. – Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**, 1926,1984. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. – 27. Ed. – São Paulo: Graal, 2013.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa pra macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista brasileira de história**. São Paulo, v.25, n.50, p.315-328, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Interdisciplinaridade: Atitude e Método**. São Paulo, 1999.

GASTALDO, Édison Luis; BRAGA, Adriana Andrade. Corporeidade, esporte e identidade masculina. **Estudos feministas**, Florianópolis, 19(3):392, setembro-dezembro, 2011. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/download/23859/2138>> Acesso: 09/04/2014.

GEBARA, Ademir. Fontes históricas e oralidade. **Movimento**, Porto Alegre, v.10, n.3, p.133-154, 2004. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2845>> Acesso: 14/01/2014.

GOELLNER, Silvana Villodre. A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil, nos anos de 30 e 40. **Movimento**. Ano VII, n.13, 2000/2. Disponível em: < <http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/11785>> Acesso: 09/02/2014.

_____. **Bela, Maternal e feminina: Imagens da mulher na Revista Educação Physica** – Ijuí : Ed. Inijú, 2003 – 152 p. – (Coleção Educação Física).

_____. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira Educação Física Esporte**, São Paulo, Vol.19, nº2, p.143-51, abr./jun. 2005.

_____. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**. Porto Alegre, v.13, n.2,

2007. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3554>> Acesso: 12/03/14.

_____. Mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte: Esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. **Recordes: Revista história do esporte**. V.1, n.1, Jul.2008.

_____. Imagens da mulher no esporte. In: DEL PRIORI, M; MELO, Vitor Andrade (Orgs.) **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. – São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.269-292.

HAHNER, June Edith. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz, RS: Edunisc, 2003.

LOBATO, Mayara Luma Maia. A trajetória do feminino na imprensa brasileira: o jornalismo de revista e a mulher do século XX. **9º Encontro Nacional de História da Mídia** – UFOP, Ouro Preto, Minas Gerais, 2013. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/qt-historia-do-jornalismo/a-trajetoria-do-feminino-na-imprensa-brasileira-o-jornalismo-de-revista-e-a-mulher-do-seculo-xx>> Acesso: 28/Mar./2014.

LOURO, Guacira Lopes. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, Marta. et al. (Org.) **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 7-18.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: Uma abordagem pós estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994, p. 423-483.

_____. **Memória**. Enciclopédia EINAUDI, vol. 1, Portugal, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984, pgs. 11 a 50.

LEMES, Cláudia Graziela Ferreira. **Da minhoca a beija-flor: Participação feminina na política do sudoeste goiano 1930-1945**. Mestrado em História. Universidade Federal de Goiás, 2009.

MACHADO, Roberto. Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. – 27 ed. São Paulo: Graal, 2013.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Delineamento dos corpos. As representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890-1930). In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Orgs). **O corpo feminino em debate**. – São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MEDINA, João. **A Educação Física que cuida do corpo “e mente”**. São Paulo: Papirus, 1987.

MENEZES, Ulpiano. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v.34. 23. 1992.

MOTTA, Tatiana Carvalho. **Entre o Atlântico e o Sertão**: Mulheres e vida urbana na capitania de Goiás. Mestrado em História. Universidade de Brasília, 2006.

NASCIMENTO, Maria das Graças. A dimensão política da formação de professores/as. In: CANDAU, Vera; SACAVINO, Susana. **Educar em Direitos Humanos**. Rio de Janeiro: D&P Editora, 2000. p. 121.

NEPOMUCENO, Maria de Araújo. **A ilusão pedagógica 1930-1945**: estado, sociedade e educação em Goiás. Goiânia: Editura UFG, 1994. 187p., ilust, p.21.

PACHECO, Mariana Pimentel Fischer. Direito à Memória com exigência ética – uma investigação a partir da hermenêutica filosófica de Hans Georg Gadamer. In: **Revista Anistia Política e Justiça de Transição** / Ministério da Justiça. – N.1, 2009.

PASSETTI, Edson. Heterotopia, anarquismo e pirataria. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Figuras de Foucault**. 2. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PARDINI, Melina Nobrega Miranda. A narrativa da ordem e a voz da multidão: o futebol na imprensa durante o Estado Novo. **Dissertação de mestrado**. Biblioteca Digital – USP. Disponível em: <
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-04022010-130259/pt-br.php>>
Acesso: 14/01/2014.

PÉREZ, Carmem Lúcia Vidal. O lugar da memória e a memória do lugar na formação de professores: a reinvenção da escola como uma comunidade investigativa. In: **Reunião anual da ANPED**, 2003. Disponível em: <
<http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos>> Acesso em: 02/03/2014.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **História das mulheres no Ocidente**: Do renascimento à Idade Moderna. Vol3. Gius. Laterza & Figli Spa, Roma Bari, 1991.

_____. Escrever uma história das mulheres no Ocidente: relato de uma experiência. **Cadernos pagu** (4) 1995: pp.9-28.

_____. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro – Bauru, SP: UDESC, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jathay. História regional e transformação social. In: SILVA, Marcos (Org.). **República em migalhas**. São Paulo: Anpuh: Marco Zero, 1990, p.76-79.

PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) **Fontes históricas**. São Paulo. Contexto. 2006.

PIOVESAN, Flávia. Prefácio. In: FLORES, Joaquin Herrera. **A (re)invenção dos direitos humanos**. Tradução de: Carlos Roberto Diogo Garcia; Antônio Henrique Graciano Suxberger; Jefferson Aparecido Dias. – Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009.

PINTO, Maria Inês. Cultura de massa e representações femininas na pauliceia dos anos 20. **Revista brasileira de história**. São Paulo, v.19, n.38, p.139-163, 1999.

POHL, Johann Emmanuel. **Viagem no Interior do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1976.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, V.2, N.3, 1989.

PONTES, Heloisa. Modos e modas: uma leitura enviesada do *Espírito da roupa*. **Cadernos Pagu**, 2004.

RABELO, Danilo. **Os excessos do corpo**: A normatização dos comportamentos na cidade de Goiás, 1922-1899. Dissertação de mestrado em História das sociedades agrárias da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal de Goiás, 1997.

RAGO, Margareth. Ser mulher no século XXI ou Carta de alforra. In: VENTURI, G.; RECAMÁN, M.; OLIVEIRA, S. (Orgs) **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. - 1 ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANT'ANNA, Thiago. Noites abolicionistas: As mulheres encenam o teatro e abusam do piano na cidade de Goiás (1870-1888). **OPSIS – Rev. Do NIESC**. Vol 6, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Direitos Humanos: Os desafios da interculturalidade. **Revista Direitos Humanos**, n.2, 2009.

_____. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. Porto: Afrontamento, 2000.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. In: **Edu. e Realidade**. Porto Alegre, v.16, n2:5, 22. Dez. 1990.

SILVA, Paulo Renato da. Memória, História e Cidadania. In: **Cadernos do CEOM** – Ano 23, n.32, ETNICIDADES, 2010. Disponível em: <bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/682/443> Acesso: 03/03/2014.

SILVA, Ana Lúcia da, “A Revolução de 30 Em Goiás” – **Tese de Doutorado** apresentada ao departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1982.

SOARES, Carmen Lúcia et al. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, Carmem Lúcia. Imagens da educação no corpo : estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. **Dissertação de mestrado**. UNICAMP, 1996. Disponível em: <
<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000113826&fd=y>>
 Acesso: 25/02/2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império. IN: RAGO, Margaret; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **As figuras de Foucault**. 2ª Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008).

VIEIRA, Lucas Schuab. A imprensa como fonte de pesquisa em história: Teoria e método. **Revista de resenhas de comunicação e cultura**, 2013. Disponível em: <
<http://www.recensio.ubi.pt/modelos/documentos/documento.php3?coddoc=3419>>
 Acesso: 05/01/2014.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva – Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

FONTES PRIMÁRIAS:

Aniversário da fundação. **Voz do Povo**. 29-07-1927.

A entrega dos prêmios. **Voz do Povo**. 19-09-1930, n.167, p.2.

A mulher na sociedade. **O Lar**, n.4, p.1.

As jovens goianas. **O Lar**, n.23, p.2, 16/Jun./1927.

AZEVEDO, Maria Ferreira de. Mãe de família. **O lar**, n.2, p.2, 30/Ago./1926.

A fundação do primeiro clube esportivo goiano. **Correio Oficial**. 05-05-1936, n.3221, p.1.

A questão eleitoral. **A voz do povo**. 26-10-1947, n.1, p.1.

A nova entidade esportiva. **Voz do Povo**. 26-05-1931, n.161, p.3.

AAUG X UEC. **Correio Oficial**, 20-11-1934, n.2905, p.4.

Associação Goyana de Esportes Athleticos. **Correio Oficial**. 19-08-1930, n.166, p.2.

Associação Goyana de Esportes Athleticos - balanço da tesouraria. **Correio Oficial**. 1934, n. 1796, p. 3

Baile. **Correio Oficial**. 02-09-1931, n.1993, p.8.

Bloco Carnavalesco. **Correio Oficial**. 11-02-1934, s/n.

Bloco atletico goyano. **Correio Oficial**. 07-09-1934, n 2839, p.1.

Carnaval, a união e o jazz... **Correio Oficial**. 15-01-1932, n.265, p.2.

Carnaval. **Correio Oficial**. 09-02-1934, n.2940, p.4.

Casamentos, celibatos e casados. Indiscreta. Fora do Lar. **O lar**. 15-09-1926, n.5, p.4.

Cinema Luso-Brasileiro. **A imprensa**. 02-11-1914.

Cinema Goyano. **A imprensa**. 11-04-1914, p.2.

Coluna da escola normal. **Correio Oficial**. 28-05-1931, n.1914, p.1,2.

Concurso pra a eleição da rainha. **Correio Oficial**. 02-10-1934, n.2858, p.4.

Como é que elas seguem a moda. **O lar**. 30-11-1928, n.56, p.3.

Curiosidades. **Correio Oficial**. 20-04-1931, n.1891, p.4.

Cultura física no mundo feminino. Grace Machado. **O lar**. 14-04-1927, n.17, p.2.

Credo. **Mulher – Opinião feminina organizada. Boletim da Federação Brasileira do Progresso Feminino**, n.187, p.61 - Arquivo Frei Simão Dorvi. Arquivos Consuelo Caiado.

Danças modernas. **O lar**. 15-10-1927, n.29, p.4.

D. JULIANO. Sulfragismo E Gynecocracia. **Correio Oficial**. 12-04-1931, n.1884, p.4
DAMARDOCENO JR. Feminismo. **Correio Oficial**. 02-04-1931, n.1879, p.4.

DE MACEDO JUNIOR. A mulher e sua sujeição econômica. **Correio Oficial**, p.1, 11/Mar./1934

Defensores do voto livre. **A voz do povo**. 30-10-1847, n.2, p.1.

Decálogo. **Mulher – Opinião feminina organizada. Boletim da Federação Brasileira do Progresso Feminino**, n.190, p.51, 1935 - Arquivo Frei Simão Dorvi. Arquivos Consuelo Caiado.

Dia da comemoração do pan-americano. **Correio Oficial**. 16-04-1934, n.1931, p.7.

DIRECTORIA DE HYGIENE. Seção Noticiosa. **Correio Oficial**. n.1879, p.1. 06/Abr./1931

DO CORRESPONDENTE, O “Ypameri” em Santa Luzia. **Jornal Ypameri**. 13-05-1928, n.101, p.2.

DORZINHA NETO. A mulher na sociedade. **O lar**, Catalão, n.4, p.1, 30/Set./1926.

Educação física, Capital Lindolfo Santos. **Voz do Povo** 01-05-1932, n.232, p.2.

Estatutos. **Correio Oficial**. 23-11-1930, n.1762, p.4,5,6,7.

Exercícios físicos e atléticos. **O aspirante**. 31-03-1931, n. 4, p.2.

Feminismo. **Ypameri**. 13-02-1929, n.136, p.3.

Feminismo. Secção Noticiosa. Damardoceneo Jr. **Correio Oficial** 02-04-1931, n,1879, p.4.

Festas Joaninias. **Correio Oficial**. 13-06-1935, n.3029, p.1.

FJFI D'ORSAY. Fala de Eva. Ora que implicância... Sociaes.. **Correio Oficial**, 19 abr. 1931. Nº1890, p.2.

INDISCRÉTA. Mãe, pai e filhos. Fora do Lar. **O Lar**, n.9, p.4, 15/Dez./1926.

INDISCRÉTA. Efeminados e masculinizadas. Fora do Lar. **O Lar**. 30-06-1927, n.20, p.4.

INDISCRÉTA: Homens e mulheres. Fora do Lar. **O Lar**, n.70, p.4, 30/Jun./1929.

INDISCRÉTA. Casamento. Fora do Lar. **O Lar**, n.84, p.6, 16/Mar./1930.

Instrução física. **Correio Oficial**. 28-08-1934, n.2830, p.12.

Lançada no dia 28 a pedra fundamental do estádio da AGEA. **Voz do Povo**. 19-09-1930, n.169, p.2.

LIMA, G.J.J. Goiania é uma realidade. J.J. **Correio Oficial**. 01-11-1936, n.3316, p.1.

MACHADO, Graciema. O feminismo em Goyaz.. **O lar**. 15-08-1926, n.1, p.1.

MACHADO, G. A cultura physica no mundo feminino. Gracy Machado. **O lar**. 15-04-1927, n17, p.2.

Maridos, mulheres e sogras. Fora do Lar. **O lar**. 1926.

Modernismo e uso antigo. Indiscreta. Fora do Lar. **O lar**. 15-11-1927, n.31, p.5.

Modos e modas. **O lar**. 01-07-1927, n.22, p.4.

Na força pública. **Correio Oficial**. 09-01-1934, n.2646, p.1.

Notícias Internacionais. **Mulher – Opinião feminina organizada. Boletim da Federação Brasileira do Progresso Feminino**, n.180/191, nov. a dez de 1935 - Arquivo Frei Simão Dorvi. Arquivos Consuelo Caiado.

Notas esportivas. A apatia que vive a AGEA. **Correio Oficial**. 18-02-1934, n.2679, p.3.

O lar e o feminismo. **O Lar** 15-08-1927, n.24, p.3.

O nosso aniversário. **O lar**. 13-05-1926, n.1, p1.

O voto feminino. **O Lar**, n.54, p.4.

15 de novembro. **Correio Oficial**. 15-11-1929, n.1628, p.6.

União ie Ipamerina. **Correio Oficial**. 08-06-1934, n.2791, p.1.

SILVA, C.N. A mulher. **O Lar**, n.72, p.3, 31/Jul./1929.

Sulfragismo e gynecocracia. D. Juliano. **Correio Oficial**. 12-04-1931, n.1884, p.4.
Variedade. As mulheres julgadas segundo várias religiões. **Correio Oficial**. 24-11-1868, n162.

Vida esportiva. **Correio Oficial**. 12-08-1932, n.3064, p.4.

X. Colluna da Instrução. **Correio Oficial**. 07-07-1931, n.1941, p.7,8.